

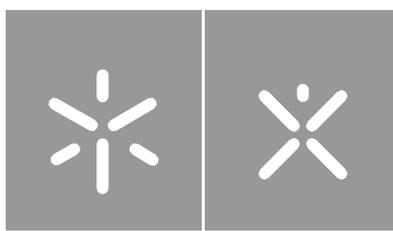


Participação cívica de crianças em espaços on-line: A ocupação das redes sociais por crianças digital influencers

Bianca Orrico Serrão

Universidade do Minho
Instituto de Educação





Universidade do Minho
Instituto de Educação

Bianca Orrico Serrão

Participação cívica de crianças em espaços on-line: A ocupação das redes sociais por crianças digital influencers

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Estudos da Criança
Especialidade em Infância, Cultura e Sociedade

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmiento e Professora Doutora Juliana Prates Santana

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Em tempos de distanciamento físico, realizar uma tese de doutorado se tornou um processo ainda mais desafiador, mas, tive o privilégio de contar com o apoio e partilha de muitas pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de agradecer a cada criança que participou desta investigação, por inspirar centenas de pessoas a lutarem por justiça e Direitos Humanos em especial neste momento em que vivemos, em que se evidenciam profundas desigualdades sociais e violações destes direitos. Este trabalho é dedicado a vocês!

Ao meu orientador, Professor Doutor Manuel Sarmiento, a quem tenho imensa admiração e respeito, por compartilhar seu conhecimento com tanta sensibilidade e competência. Ainda me emociono com a possibilidade de ter aprendido tanto com o senhor. Meu mais sincero agradecimento por tudo.

A minha co-orientadora, Professora Doutora Juliana Prates Santana, que acompanha a minha trajetória desde a minha graduação em Psicologia, sempre incentivando e contribuindo com tanta competência e acolhimento tudo que me proponho a fazer. Agradeço imensamente por sua generosidade e apoio ao longo de todos estes anos.

À Professora Doutora Maria Jorge Ferro e seu filho António, por serem tão acolhedores e amáveis e por me proporcionar tantos momentos de felicidade, generosidade, aprendizado e amizade. Vocês são para sempre!

À toda a equipe da Safernet Brasil, em especial a Juliana Cunha, Thiago Tavares, Carlos Sena, Caio Almeida e Rodrigo Nejm por todo apoio, acolhimento e incentivo durante minha trajetória acadêmica e profissional, além da confiança, generosidade, cuidado e partilha ao longo destes 10 anos de trabalho.

Ao meu companheiro, Brian Macedo, por ser a minha maior inspiração e por sempre vibrar com as minhas conquistas como se fossem suas. Seu apoio, respeito e afeto é, sem dúvida alguma, o que me fez chegar até aqui. Agradeço à toda família Fonseca e Macedo por todo carinho, apoio e generosidade.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Dalva, por todo apoio, confiança e incentivo, a minha irmã Marcele, agradeço por todo afeto e acolhimento, e ao meu pai Antônio (*in memoriam*), de quem sinto saudades todos os dias. Agradeço muito à toda família Orrico e Serrão por todos os ensinamentos e amor partilhados.

Aos amigos e colegas, agradeço muito pela companhia e apoio, gostaria de ressaltar um especial agradecimento a Melissa Wen e Máisa Pacheco por tantos momentos incríveis e a Luciana França por todo afeto e acolhimento. Agradeço muito a minha querida amiga Priscila Guerreiro pelas contribuições neste trabalho.

A Dra. Isabel Keating, agradeço imensamente pelas reflexões e acolhimento durante esse período tão desafiador em tantas esferas. Muito obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Participação cívica de crianças em espaços on-line: A ocupação das redes sociais por crianças digital influencers

RESUMO

No cenário mundial, é possível identificar um aumento da participação e acesso pelo público infantil à Internet. As crianças estão cada vez mais cedo não só consumindo o que está disponível na rede, mas também produzindo conteúdos que envolvem seus cotidianos e que possuem relevância para elas e seus pares. Esse acesso não é igual para todas as crianças e demonstra as inequidades das diferentes infâncias e possibilidades de modos de vidas das crianças. Algumas dessas crianças que produzem conteúdo para Internet são acompanhadas por centenas de seguidores e tornam-se criadoras de conteúdo, sendo nomeadas pela indústria cultural como *digital influencers*, por sua capacidade de inspirar e intervir em como outras crianças se comportam ou no que consomem. Neste contexto, existe um nicho específico de crianças influenciadoras digitais que promovem causas sociais, produzindo conteúdos que buscam mobilizar outras crianças através da rede, abordando questões relacionadas aos seus direitos e utilizando suas plataformas e sua capacidade de inspirar para articular e subsidiar decisões políticas que consideram relevantes. Neste sentido, o propósito da investigação é compreender a participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos. Para fundamentar a investigação, serão utilizados como marcos teóricos os Estudos Sociais da Infância e da Cibercultura. Para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, e em paralelo, uma análise a partir de uma etnografia digital dos perfis das crianças, verificando os tipos de postagem, o que produzem, como se comunicam e interagem na rede. Como resultado, foram realizados quatro artigos: o primeiro, que versa sobre a ação das crianças para combater a crise climática, o segundo e o terceiro, que buscou apresentar a produção de conteúdo das crianças na rede sobre como prevenir e ajudar a combater o COVID-19 e por último, um artigo sobre o protagonismo das crianças brasileiras que são influenciadoras digitais e ativistas enquanto sujeitos políticos. A partir do exposto, foi possível compreender a importância de realizar uma investigação que valorize a voz das crianças e promova a visibilidade de suas lutas, compreendendo as experiências das mesmas a partir dos seus próprios discursos, bem como reconhecendo a ação das crianças na contribuição da promoção e defesa de direitos, além de identificar e propor estratégias de proteção eficazes para um acesso ético, seguro e responsável em qualquer espaço digital.

Palavras-chave: ambientes digitais; ativismo; infância; participação cívica; produção de conteúdo.

Children's civic participation in online spaces: The occupation of social media by children's digital influencers

ABSTRACT

On the world stage, it is possible to identify an increase in participation and access by children on the Internet. At an earlier age, children are not only consuming what is available on the web, but also producing content that involves their daily lives and is relevant to them and their peers. This access is not equal for all children and demonstrates the inequities of different childhoods and possibilities for children's ways of life. Some of these children who produce content for the Internet are followed by hundreds of followers and become content creators, being named by the culture industry as digital influencers, for their ability to inspire and intervene in how other children behave or what they consume. In this context, there is a specific niche of digital influencer children who promote social causes, producing content that seeks to mobilize other children through the social media, addressing issues related to their rights and using their platforms and their capacity to inspire to articulate and support policy decisions that they consider relevant. In this sense, the purpose of the investigation is to understand the civic participation of children through social media for the promotion of rights. To support the investigation, the Social Studies of Childhood and Cyberculture will be used as theoretical frameworks. To achieve the objectives, semi-structured interviews were carried out, and in parallel, an analysis based on a digital ethnography of the children's profiles, checking the types of posts, what they produce, how they communicate and interact on the digital space. As a result, four articles were produced: the first, which deals with the action of children to combat the climate crisis, the second and third article seeks to present the production of content by children on the web on how to prevent and help fight COVID-19 and the lastly, an article on the protagonism of Brazilian children who are digital influencers and activists as political actors. From the above, it was possible to understand the importance of conducting an investigation that values the voice of children and promotes the visibility of their activism, understanding their experiences from their own speeches, as well as recognizing the action of children in the contribution of promotion and defense of rights, in addition to identifying and proposing effective protection strategies for ethical, safe and responsible access in any digital space.

Keywords: digital environments; activism; childhood; civic participation; content production.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ARTIGO I - THE VOICES AND ACTIONS OF CHILD ACTIVISTS AGAINST THE CLIMATE CRISIS ..	11
ABSTRACT	12
INTRODUCTION	12
METHOD	15
RESULTS AND DISCUSSION	16
REFERENCES	28
ARTIGO II - CRIANÇAS DIGITAL INFLUENCERS NO COMBATE À PANDEMIA DO COVID19	30
INTRODUÇÃO	31
INFÂNCIA E ATIVISMO SOCIAL DIGITAL	32
CRIANÇAS DIGITAL INFLUENCERS FACE À PANDEMIA	34
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36
ARTIGO III – O ATIVISMO DIGITAL DAS CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA	37
Resumo	38
Abstract	38
Resumen	39
INTRODUÇÃO	39
METÓDO	44
RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
ARTIGO IV - DOS "LIKES" À LUTA: PARTICIPAÇÃO CÍVICA DE CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS NA PROMOÇÃO DE DIREITOS	60
RESUMO	61
RESUMEN	62
ABSTRACT	62
INTRODUÇÃO	63
ABORDAGEM METODOLÓGICA	65
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
Motivação para a criação de conteúdo.....	69
Temáticas abordadas pelas crianças ativistas e influenciadoras digitais.....	71
Impactos negativos	72

Ser ativista e influenciador/a digital.....	75
Considerações finais	78
Referências.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
ANEXOS	92
ANEXO I – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA E-METHODOLOGY JOURNAL PARA PUBLICAÇÃO.....	93
ANEXO II – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA SOCIEDAD E INFANCIAS PARA PUBLICAÇÃO.....	94
ANEXO III – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE PARA PUBLICAÇÃO.....	95
ANEXO IV – DECLARAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA PARA INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS (CEICSH).....	96
ANEXO V – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DA CRIANÇA.....	97
ANEXO VI – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS.....	99
ANEXO VII – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	101
ANEXO VIII – ENTREVISTA	102
ANEXO IX – APROVAÇÃO DO CONSELHO CIENTÍFICO PARA ELABORAÇÃO DE TESE EM FORMATO DE COMPILAÇÃO DE ARTIGOS	104

“Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento” (bell hooks, 2021, Tudo sobre o amor - novas perspectivas).

INTRODUÇÃO

Desde a década de 90, a área dos Estudos Sociais da Infância busca pautar a centralidade das crianças enquanto atores sociais ativos, produtoras de conhecimento, destacando no seu estatuto o fato de serem competentes, e cujos modos de vida merecem investigações próprias¹. De acordo com Sarmiento (2005),

[...] mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada (p. 363).

Neste sentido, estudar as crianças permite compreender a realidade em que vivem, além de entender como elas simbolizam ou representam as relações sociais na contemporaneidade. Conforme destacou Sarmiento (2005), o estudo da infância, em especial com as crianças é legítimo e necessário, na medida em que possibilita conhecer não apenas um segmento geracional específico, mas refletir sobre aquilo que ocorre na sociedade como um todo. Sarmiento, Fernandes e Tomás (2007) apontam como, ao longo da história, a infância foi excluída de diferentes esferas sociais e políticas e se manteve sendo controlada e gerenciada pelos adultos, sendo privada de participar e exercer direitos políticos. Os autores afirmam que:

A cidadania corresponde, por definição, a um estatuto político, confinado ao espaço nacional, embora o cidadão veja reconhecida a sua pertença à comunidade não apenas pelo vínculo que com ela estabelece e que lhe permite o usufruto de direitos cívicos e políticos, mas também em consequência da sua própria condição individual, que lhe atribui direitos individuais de natureza social (protecção, alimentação, educação, saúde, etc.). O estatuto de membro da comunidade impõe, ao mesmo tempo, obrigações e deveres do cidadão para com a comunidade (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007, p.186).

Mesmo com a restrição de direitos políticos das crianças na sociedade ocidental, os autores reforçam que isso não significa uma ausência de participação cívica, mas sim, uma invisibilização das ações destes sujeitos no contexto político (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007). Ao se pensar no protagonismo e participação das crianças, tema central desta investigação, é necessário compreender

¹ Sendo cidadã brasileira, utilizo nesta tese o registo linguístico do português do Brasil.

que apesar de toda complexidade que isso exige, deve-se sempre identificar as competências desses sujeitos, bem como avaliar soluções que os contemplem em diferentes processos decisórios para transformações sociais (Pires e Branco, 2007).

O intuito é compartilhar responsabilidades de acordo com suas habilidades e promover um diálogo que valorize suas ideias e permita a execução destas em conjunto com os adultos, não de forma hierárquica, mas sim, a partir de uma troca de experiências sobre diferentes questões. De acordo com Gadelha (2013), a formação das crianças deve permitir que estes sujeitos sejam “proativos, inovadores, inventivos, flexíveis, com senso de oportunidade, com notável capacidade de promover mudanças” (p. 156).

Pautada em princípios semelhantes, de ouvir as crianças e identificá-las como atores sociais, busquei no meu percurso acadêmico² e profissional uma trajetória que contemplasse o protagonismo das crianças enquanto participantes das pesquisas, além de atuar como profissional de Psicologia em organizações que promovem os seus direitos. Desde 2012, exerço a minha profissão em uma organização não-governamental de âmbito nacional no Brasil que promove Direitos Humanos na Internet. A Safernet Brasil³ promove ações sobre o uso seguro das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e busca criar as condições necessárias para garantir a efetiva proteção dos Direitos Humanos na rede, contribuindo para uma cultura de responsabilidade e habilitando crianças, jovens e adultos a construírem relações sociais saudáveis e seguras através do uso adequado das tecnologias. O fato de atuar nessa organização, exigiu uma constante atualização sobre os espaços mais frequentados por crianças, além de acompanhar a presença das mesmas na rede.

Além disso, é válido salientar, que as crianças apesar de muitas vezes vulneráveis (por estarem sendo vítimas de violações na Internet) também se constituem como importantes atores na construção de um espaço seguro na rede. Com isso, é imprescindível que as crianças sejam participantes na estruturação de estratégias e formas seguras de acesso, pois a simples proibição não é eficaz nem eficiente para evitar situações de risco em espaços on-line.

De acordo com informações da União Internacional de Comunicações (UIC, 2019), agência especializada das Nações Unidas em tecnologias de informação e comunicação), cerca de 4 bilhões de pessoas tiveram acesso à Internet móvel até o final de 2017. A UIC também informou em um recente relatório, que em países desenvolvidos, 94% dos jovens utilizam a Internet, enquanto nos países em

² Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3358> e http://desidades.ufrj.br/featured_topic/sinto-que-renasci-a-insercao-de-adolescentes-em-um-programa-de-protecao/

³ Disponível em www.safernet.org.br

desenvolvimento o percentual é de 67% e de 30% nos países menos desenvolvidos. Em 2009, a quantidade de pessoas conectadas era de 2 bilhões. Com a democratização do acesso à Internet e ampliação dos recursos tecnológicos, as crianças têm acedido cada vez mais cedo à rede e diferentes dispositivos têm sido incorporados no cotidiano das novas gerações de forma acelerada e progressiva, inclusive entre as famílias economicamente menos favorecidas. A rede se tornou uma ferramenta de grande importância em diferentes segmentos sociais, com especial relevância no que se refere ao acesso à informação, interatividade, construção identitária, dentre outros. É importante destacar o grande número de crianças privadas de acesso de qualidade às tecnologias, já que, assim como mencionado, apesar de um aumento do acesso a diferentes dispositivos por parte da população, ainda existe uma restrição dos dados e aplicativos para quem não pode arcar com as despesas deste acesso.

Para Livingstone (2013), existem diferentes opiniões no que concerne esta cultura digital pelas crianças, sendo apresentadas pela autora através de três perspectivas: os céticos, que enxergam as crianças como crianças e não veem nada novo; os ansiosos, que enxergam apenas este acesso como uma ameaça para estas crianças e por fim, os otimistas, que identificam as crianças como protagonistas e líderes na condução deste acesso e reforçam a importância das instituições se atualizarem para o futuro tecnológico. Neste trabalho, o olhar é de uma pessoa realista esperançosa, que espera a ampliação do acesso à internet e a novos dispositivos de forma mais equânime entre as crianças, mas que continua a ver a necessidade de uma ação constante de proteção e mediação desses dispositivos.

Com isso, está sendo cada vez mais colocado em pauta nas agendas públicas de diferentes países o papel da Internet na infância. Medidas de prevenção, como ajuste dos termos de uso dos serviços de redes sociais, orientação em escolas e nos órgãos e serviços vinculados ao sistema de garantia de direitos, têm sido realizadas no intuito de promover oportunidades e proteger as crianças de possíveis riscos que podem surgir em ambientes digitais.

No Brasil, algumas leis e projetos estão sendo apresentados como uma estratégia mais eficaz de proteção dos/as usuários em relação ao acesso à rede. O marco Civil da Internet⁴ (Lei nº 12.965/14) entrou em vigor em 2014 e busca regulamentar a utilização da Internet, estabelecendo princípios e garantias que tornam a rede livre e democrática, assegurando os direitos e os deveres dos/as usuários/as e das empresas provedoras de acesso e serviços on-line. Outra importante medida e que envolve o uso e acesso de crianças, é o projeto de lei nº 1746/2015, que foi apresentado com o intuito de garantir o direito de proteção dos dados de crianças na Internet.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm

O documento tem como um de seus pontos principais proibir a coleta de informações pessoais de crianças para qualquer ação publicitária. O projeto foi baseado na lei norte-americana denominada de *Children's Online Privacy Protection Act* (COPPA), que foi regulamentada em 2000 e aperfeiçoada em nova regulamentação pela Federal Trade Commission⁵ em 2013. É através dessa lei que as redes sociais, por exemplo, avaliam a faixa etária indicada para o acesso ao serviço, bem como o que deve ser apresentado nos termos de uso e de que forma é configurada a privacidade nessas plataformas. Outros países da América Latina também editaram normas legais e regulamentares para tratar destes temas.

Na Europa, o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados⁶, aprovado em 2016, procura também preservar a privacidade e a proteção de dados pessoais a todos os indivíduos na União Europeia. O documento pretende apresentar os princípios fundamentais relativos à forma como são tratadas informações pessoais e é aplicável a todas as empresas que operem na Europa, independentemente do seu país de origem.

Com esses avanços na regulamentação ao redor do mundo, é possível identificar que governos, setores empresariais e sociedade civil, têm buscado apresentar princípios e ações que garantam o cumprimento de direitos e deveres relacionados ao uso e acesso à Internet como importante pauta nas agendas públicas. De acordo com Segurado, Lima e Ameni (2015), a regulamentação deve envolver toda a sociedade e deve certificar que a construção da Internet seja fundamentada a partir da comunicação, liberdade de expressão e conexão entre pessoas, não devendo ser controlada por aspectos meramente econômicos. Para os autores,

A garantia das liberdades individuais e coletivas, a questão da privacidade e as efetivas possibilidades de controlar a livre expressão na internet constituem a base fundamental para compreender as questões em disputa no complexo debate em torno da regulamentação do uso da internet (Segurado, Lima e Ameni, 2015, p. 1552).

Nestes debates sobre a governança global da Internet, pouco se escuta o ponto de vistas das crianças. Livingstone (2014) considera que houve uma dispersão na elaboração de políticas públicas que minimizassem os riscos e maximizassem oportunidades para crianças na rede. A autora reforça que isso pode ter ocorrido por diferentes fatores, por governos e empresas não priorizarem as reais necessidades e desejos das crianças, por já aceitarem o discurso desses sujeitos como nativos digitais ou por ainda transferir a responsabilidade desse acesso para os pais ou responsáveis legais. Além disso,

⁵ Disponível em: <https://www.ftc.gov/enforcement/rules/rulemaking-regulatory-reform-proceedings/childrens-online-privacy-protection-rule>

⁶ Disponível em: https://ec.europa.eu/info/law/law-topic/data-protection_pt

a autora reforça que ainda existe uma invisibilização das crianças quando se pensa no acesso da Internet pela população em geral.

Em relação ao conceito de nativos digitais, esta visão é avaliada de forma crítica por Nejm (2016). Para o autor, é importante evitar vinculações entre as crianças com competências no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e Internet presumindo que este uso e acesso são propulsores de oportunidades. De acordo com o autor,

os dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2014 indicam semelhanças com os resultados de pesquisas na Europa, como a EU Kids Online, ao desmistificar a supervalorização das habilidades de uso nesta faixa etária. Há desigualdades relevantes com relação às habilidades dos adolescentes para configurar os aparelhos e gerenciar suas contas. Da mesma forma, são diferentes os tipos de mediação estabelecidos pelos pais e pela escola, implicando em diferentes experimentações das oportunidades que os ambientes digitais favorecem [...] estas limitações se refletem nas habilidades dos adolescentes para usar as configurações de privacidade, bloquear contatos indesejados e compreender a dinâmica de registro dos rastros digitais, aspectos que não podemos menosprezar. Ao mesmo tempo, reconhecemos que, mesmo nas plataformas de redes sociais ou aplicativos de troca de mensagens, são possíveis apropriações e práticas sociais bastante variadas e complexas, de consumo à produção de conteúdo, mobilização social e aprendizagem para além da proposta inicial ou das limitações técnicas [...] (Nejm, 2016, pp.21 e p.22)

É importante ter cautela ao considerar crianças como especialistas digitais, já que nesta fase de desenvolvimento, o apoio e orientação dos adultos em relação às habilidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais é avaliado como necessário para contribuir para uma experiência positiva e segura em diferentes ambientes. Para uma parte do senso comum, foi até pensado em um “desaparecimento da infância” em decorrência dessa aptidão técnica das crianças em relação as tecnologias e acesso a diferentes plataformas, entretanto, é possível identificar que além da mediação dos adultos ser imprescindível, visualizar e compreender que estes espaços ampliaram as formas de se relacionar, brincar, se manifestar e aprender, são fundamentais para apreender a infância concebida a partir destas novas configurações. Para Barra e Sarmento (2002):

A ideia da criança sujeitada ao domínio do tecnológico e dos poderes da rede cede lugar uma mais complexa e densa constatação: as crianças intervêm na rede, fazem e refazem as suas interações e os seus saberes, nas condições propiciadas e estrangidas pelo meio, mas acrescentando-lhe a sua dimensão de sujeitos activos e de actores sociais (p. 3).

Livingstone (2013) reforça que as crianças continuam gostando de brincar, estar com a família, estar entre pares, etc., ou seja, é importante entender que não existe uma separação entre o *on-line* e o *off-line*, já que o *off-line* determina aspectos econômicos, sociais e culturais nos espaços *on-line*. Não se trata de negar as especificidades do desenvolvimento da criança e reconhecer suas vulnerabilidades,

mas compreender como se estabelece esta nova configuração de infância. Para compreender o acesso deste grupo social, a pesquisa TIC Kids Online Brasil (2019) aponta que 86% das crianças com idade entre 9 e 17 anos são usuárias de Internet, o que equivale a 24,3 milhões de pessoas conectadas. Em Portugal, mais de 80% das crianças com idade entre 9 e 17 anos que participaram da pesquisa EU Kids Online (2020) informaram que acessam à Internet pelo celular mais de uma vez por dia.

Além do acesso, algumas dessas crianças têm utilizado esses espaços para promover uma articulação política, desenvolvendo conteúdos relacionados a temas que consideram relevantes, como por exemplo postagens combatendo a crise climática, racismo, machismo, homofobia, buscando de forma educativa debater com seus pares e com a sociedade em geral sobre a importância de falar sobre estes temas. Estas crianças têm sido acompanhadas por centenas de pessoas nas suas redes sociais e realizam parcerias com organizações não governamentais e empresas privadas para promover ações envolvendo as causas que apoiam na rede. A partir dessas e outras articulações, as crianças têm sido consideradas sujeitos políticos que auxiliam na discussão e mobilização de diferentes pautas. Essa ideia é corroborada por Deslandes (2018) quando esta afirma que

[...] os debates em torno dos projetos políticos de governo (sobre todas as dimensões da vida e saúde, seja do governo de si e da coisa pública), que transitam sem fronteiras entre os espaços *online* e o das interações face-a-face, produzem um movimento potente, mobilizador de um *devenir* político, favorecem e fortalecem a expressão de novos atores. Acredito que esse trânsito de informações, expressões vivenciais e opiniões qualifica o debate político, ainda que haja o risco de aumentar a intolerância em torno de “comunidades de iguais” (Deslandes, 2018, p. 3135).

Com uma maior democratização do acesso à Internet e o surgimento de diferentes espaços na rede para a produção de conteúdo (blogs, redes sociais, Youtube, etc), pessoas comuns encontraram estratégias de criar e produzir na Internet temas que consideram relevantes para nichos específicos, e assim, começaram a atrair um público que consome tudo que é publicado sobre temas de seus interesses. Com isso, a televisão, que era a principal fonte de acesso à informação foi sendo substituída pela Internet e a partir dessa migração da audiência, a indústria identificou que a Internet possibilitava novas formas de produção de conteúdo e de promover política. Apesar de um aumento de compartilhamento de notícias falsas e informações sem embasamento científico, o que demonstra o longo caminho que deve ser percorrido para uma legislação efetiva sobre esta problemática, é possível identificar uma participação cívica de diferentes grupos sociais nas plataformas, sendo centralizado nestes/as criadores de conteúdo ativistas o compartilhamento de informações, ideias, organizações, produtos, o que proporcionou que centenas de pessoas tivessem um acesso diferenciado à política, em especial através da mídia independente, que busca produzir informações sem os filtros das grandes

corporações. Com a ampliação dessa audiência e o impacto social e cultural que estes/as criadores começaram a ter, a indústria cultural denomina esse grupo como *digital influencers*, pela sua capacidade de inspirar, persuadir e mobilizar o público através do que produzem on-line.

As crianças, que não são indiferentes a esses conteúdos e a esta nova forma de comunicação, começaram também a se expressar através destes ambientes. A partir deste crescente acesso e participação deste grupo social em espaços *on-line*, foi possível identificar a importância de ouvir o que elas têm a dizer sobre suas experiências na rede e sobre suas produções e manifestações políticas, sociais e culturais na Internet. De acordo com Kleine, Pearson e Poveda (2016) as investigações com a participação das crianças devem contribuir para a compreensão não apenas dos problemas de uma pesquisa e suas possíveis causas, elas também devem fornecer subsídios para que os/as participantes avaliem o que pode ser feito por elas enquanto cidadãs ativas (de forma individual e coletiva) para o seu presente e futuro, permitindo que as crianças saiam do papel de objeto de investigação e se tornem agentes em seu próprio desenvolvimento pessoal e comunitário.

Com isso, esta investigação tem por objetivo compreender a ocupação que crianças *digital influencers* e ativistas fazem das plataformas digitais para a promoção de direitos. Este interesse justifica-se pelo fato de compreendermos que estes são espaços privilegiados para acessar as produções culturais e manifestações políticas e sociais das crianças na contemporaneidade.

Com o intuito de contemplar os objetivos da pesquisa, como também compreender o fenômeno apresentado, esta tese foi estruturada sob o formato de compilação de artigos (Despacho IE-PR - 02/2019), por entender a dinamicidade e fluidez do tema ao envolver as produções das crianças nas redes sociais. Três destes artigos já se encontram publicados, dois na revista *Sociedad e Infancias*⁷ da Universidad Complutense (Madrid), outro na revista *E-methodology*⁸ da Wroclaw University (Polônia) e por último, um artigo já aprovado na revista *Educação e Sociedade*, da Universidade Estadual de Campinas⁹. Estes serão apresentados a seguir.

O primeiro artigo nomeado "The voices and actions of child activists against the climate crisis" já publicado na revista *E-methodology* da Wroclaw University (Polônia), buscou analisar as ações de crianças consideradas ativistas para enfrentar a crise climática por meio das redes sociais. A coleta de dados foi realizada a partir de uma etnografia digital, analisando as redes sociais e notícias vinculadas na mídia de 13 crianças de diferentes países (Austrália, Estados Unidos, Índia, Holanda, Inglaterra, Indonésia, África do Sul, Uganda e Suécia) por um período de 18 meses. Para a compreensão dos dados,

⁷ Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/66515>

⁸ Disponível em: <http://e-methodology-conference.eu/wp-content/uploads/2021/05/K.A.21.05.2021-1.pdf>

⁹ Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/20>

utilizou-se a etnografia digital como estratégia para acompanhar as principais interações e mobilizações online por meio de diferentes redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter), além de notícias vinculadas na mídia sobre essas crianças e articulação delas com órgãos governamentais, organizações não governamentais e empresas privadas. Em relação à seleção dos participantes, foi adicionado o perfil de uma criança ativista e por meio dos algoritmos dessas plataformas foram encontrados outros ativistas com perfis semelhantes (com mais de 2.000 seguidores) que utilizam esses espaços para divulgar conteúdos sobre o tema justiça climática. Foi possível identificar que a Internet tem possibilitado a visibilidade e articulação das ações de indivíduos ainda na infância sobre o tema, e como esse engajamento tem promovido a conscientização e mudanças para o enfrentamento da crise climática.

O segundo artigo, nomeado “Crianças Digital Influencers no combate à pandemia do Covid19”, publicado na revista *Sociedad e Infancias* da Universidad Complutense (Madrid), buscou apresentar as estratégias de 05 crianças consideradas influenciadoras digitais (que possuem uma ampla audiência nas redes sociais) para a promoção de conscientização e enfrentamento do COVID-19. A recolha dos dados foi realizada a partir também de uma etnografia digital, analisando as redes sociais e notícias vinculadas na mídia, já que a Internet tem possibilitado dar visibilidade a algumas crianças, potencializando uma ampliação das suas lutas de forma mais acessível para pessoas de diferentes lugares. Foi possível identificar que a partir de diferentes movimentos organizados por elas através das plataformas on-line, as crianças assumem novos papéis de protagonismo e ação política, que pode ser fundamental para a organização e participação coletiva da categoria social da infância nas políticas públicas.

O terceiro artigo, nomeado “O ativismo digital das crianças em tempos de pandemia” aprovado pela revista *Educação e Sociedade* da Universidade Estadual de Campinas (Brasil), teve como objetivo principal apresentar algumas das ações das crianças consideradas *digital influencers* (que possuem uma ampla audiência nas redes sociais) para a promoção de conscientização e enfrentamento do COVID-19. Foi identificada a importância de ampliar a discussão sobre a produção de conteúdo realizada pelas crianças para minimizar os impactos da pandemia em contextos sociais tão distintos. A recolha dos dados também foi realizada a partir de uma etnografia digital, analisando as redes sociais e notícias vinculadas na mídia de 11 crianças de diferentes países (Brasil, Estados Unidos, Uganda e Suécia). Novamente foi avaliado como a Internet tem possibilitado uma visibilidade a grupos minoritários, como as crianças, permitindo que este grupo social se engaje em ações que consideram relevantes através das redes e acessando pessoas que até então eram desconsideradas nas agendas dos movimentos sociais.

O último artigo, nomeado “Dos “likes” à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos” publicado pela revista *Sociedad e Infancias* da Universidad Complutense (Madrid), tem por objetivo refletir sobre a atuação digital de sete crianças brasileiras (cinco meninas e dois meninos) que produzem conteúdo para a Internet, ligados à educação e à promoção e defesa de direitos. Para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que versavam sobre as trajetórias dessas crianças, o seu envolvimento com as diversas pautas de luta, assim como as estratégias utilizadas para lidar com o status de influenciadores digitais. Somado a isso, foi realizada uma nova etnografia digital, com o intuito de acompanhar o conteúdo produzido pelas crianças e a interação com os seguidores através das plataformas digitais (Instagram, Twitter e Tiktok) por um período de 24 meses.

Para fundamentar a presente investigação, foi utilizado como marco teórico os estudos na área da Sociologia da Infância e investigações que abordam temáticas sobre a cibercultura. Os resultados permitem compreender que a presença das crianças na Internet não se limita ao consumo e reprodução de conteúdos supostamente exclusivos do universo infantil. De fato, as crianças atuam, e em muitos momentos se percebem, enquanto sujeitos políticos, que almejam uma transformação social. As crianças pautam temas como a importância da representatividade, a necessidade de uma educação antirracista, o empoderamento feminino, a luta contra as alterações climáticas, assim como se posicionam contra todas as formas de discriminação e exclusão. Nesse sentido, a Internet, enquanto espaço público, possibilita a participação e o envolvimento das crianças em temas relevantes e atuais, permitindo ainda o reconhecimento das mesmas como sujeitos políticos.

Todas as produções mencionadas possuem o eixo integrador que atravessa as ações políticas das crianças nos ambientes digitais, especificamente daqueles que desempenham um papel de ativistas com status de influenciadores digitais. Além disso, a etnografia digital perpassa por todos os artigos, sendo realizada uma análise sistemática dos ambientes digitais utilizados pelas crianças (Instagram, Tiktok, Twitter, Facebook e Youtube) através de uma observação não participante, acompanhando as interações das crianças, suas publicações e comentários de seguidores por um período de dois anos, desde a seleção das crianças, coleta dos dados (mais de 1284 publicações no total) até a análise do conteúdo. Em um dos artigos, foram também realizadas entrevistas semi-estruturadas com crianças brasileiras criadoras de conteúdo, como um importante instrumento para ouvir o que elas têm a dizer sobre suas trajetórias e atuação política através das plataformas digitais.

É válido salientar que pela estrutura da tese ter sido realizada em formato de artigos, este trabalho não segue o modelo convencional, já que cada revista possui diretrizes acerca da formatação,

número de páginas ou caracteres permitidos, não sendo possível aprofundar alguns dados coletados, com isso, outros trabalhos poderão compor novas investigações após a defesa da tese.

**ARTIGO I - THE VOICES AND ACTIONS OF CHILD ACTIVISTS
AGAINST THE CLIMATE CRISIS**

The voices and actions of child activists against the climate crisis

Bianca Orrico Serrão, University of Minho, Portugal
Manuel Jacinto Sarmiento, University of Minho, Portugal
Juliana Prates Santana, Federal University of Bahia, Brazil

ABSTRACT

The present work has as main objective to present some of the actions of children considered activists to face the climate crisis through social media. Technologies and social medias allow them a new form of existence and action through their posts, whether in video, photo or text format, promoting interactions and discussions that captivate hundreds or thousands of followers. Data collection was carried out from a digital ethnography, analyzing the social medias and linked news in the media of 13 children from different countries (Australia, United States, India, Holland, England, Indonesia, South Africa, Uganda and Sweden) over the 18-month period. To understand the data, digital ethnography was used as a strategy to follow the main interactions and online mobilizations through different plataforms (Facebook, Instagram and Twitter), as well as linked news in the media about those childrens, and articulation of them with governmental, non-governmental organizations and private companies. In relation to the selection of participants, the profile of a child activist was added and through the algorithms of these platforms was found other activists with similar profiles (with more than 2000 followers) who use these spaces to promote content on the topic of climate justice. It was possible to identify that the Internet has enabled the visibility and articulation of children's actions on the theme, and how this engagement has promoted awareness and changes to fight against the climate crisis.

Keywords: Childhood, activism, climate crisis, influence; digital ethnography

INTRODUCTION

One of the topics of concern most mentioned by children today is the climate crisis (Unicef, 2007). This children's interest can be directly related to environmental education actions that are carried out in schools. According to the UNESCO Global Educational Monitoring Report (2016), the 2030 Agenda for Sustainable Development prioritizes educational aspects, seeking through global development goals to protect the planet through the sustainable production and management of natural resources and urgent actions against climate change so that it can meet the needs of present and future generations.

In Europe, the European Commission through the Eurydice Report (2017) states that axes related to "sustainable development" and "environmental protection" are frequently addressed in educational institutions in approximately 29 European countries, the first being more in-depth for more advanced students, that is, who are in secondary education and the second, more discussed and taught in primary schools.

With environmental education in schools being increasingly expanded and discussed, children have raised concerns about what has happened and what may happen with the future. It is possible to identify that children are mobilizing to intervene, effectively seeking more effective measures to face the climate emergency. According to the annual report of the United Nations Environment Program¹⁰, the world is still not fulfilling the commitment to reduce carbon emissions proposed by the Paris Agreement¹¹. The uncertainty of a future, so tied to what is thought about the child that is constantly pointed out only from the perspective of becoming an adult, has been on the agenda of this social group in recent years. The damage caused to the environment, by the massive emission of greenhouse gases, accelerated deforestation, increased industrial activities and inconsequential consumption of natural resources, has caused devastating impacts and no country is immune to the consequences of these changes.

Global warming has been a frequent target of discussions on the political, scientific and economic agendas, as the rise in temperatures has caused great concern in several sectors of society. According to Kulp and Strauss (2019), with the identification of the temperature rise, it was evaluated that the global vulnerability estimates tripled, mainly due to the sea level rise due to coastal floods. The study points out that as a result of the pollution caused by the increase in temperature, there will be an increase in sea level and the forecast is that in 2100, areas that currently house 200 million people may be permanently below the high tide line, especially in coastal regions of Asia (Kulp and Strauss, 2019).

In 2007, UNICEF published the children's considerations regarding the climate crisis, mentioning in the document their participation in local actions focused on health, agriculture and the environment, as it affects their survival and development. Through listening to children, the need to conserve and rescue natural resources was identified, awareness of the need to live in healthy environments favorable to their development and accessible and suitable environments for children with special needs. Natural disasters, diseases, lack of food and drinking water, use of renewable energies were some of the axes considered fundamental for assessing and carrying out actions to face this crisis (Unicef, 2007).

¹⁰ Available in: <https://news.un.org/en/story/2020/03/1059061>

¹¹ Available in: <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement>

Children, being the generation that will be most affected by the climate crisis, are becoming a spokesperson to warn about the environmental impacts that have occurred around the world, demanding from the authorities urgent changes for the preservation of the planet and actively participating in actions that they seek to raise awareness about the importance of citizenship to face environmental problems. This citizen participation strategy can be conceptualized, as proposed by Rizzini et al (2005) as

“[...] a right and an essential component in the exercise of active citizenship. It is the awareness process that results in collective actions to promote citizenship. It refers to legitimate forms of population participation in the public and political sphere ”(p.8).

Citizen participation goes beyond articulation with social movements, parties and unions, but rather from the multiple conscious experiences that a person has in his or her trajectory (Rizzini, Thapliyal and Pereira, 2007). With children, this is no different. By having access to information related to the climate crisis, they are organizing themselves and looking for resistance strategies to talk about topics that they consider relevant.

Thinking about the participation model presented by Lundy (2015), which seeks to define the categories of space, voice, hearing and influence as elements that support the right to participation of children as set out in Article 12 of the Child Rights Convention, it is necessary understand, that the space must be safe and inclusive so that the child can express himself; that in order for her voice to be expressed, it is essential that she can have access to the information needed to form her opinion; that the audience must ensure that the child's voice is validated; and that the influence will allow the child's opinion to result, when possible, in action on a given situation or cause, promoting through this category, the effective participation of the child and expansion of the principle of democracy (Lundy, 2015).

Technologies and social medias allow them a new form of existence and action through their posts, whether in video, photo or text format, promoting interactions and discussions that captivate diverse followers (Miller et al., 2016). Even though adults are not considered the most appropriate and safe space for the presence of children, and still not being fully inclusive, since not all children have access to the Internet and technologies, it is mainly through these plataforms that this social group has access to information (which is also considered risky due to the circulation of fake news on these platforms). These children promote mobilizations, in some cases being accompanied by hundreds and sometimes thousands of people, using their influence and visibility to address social issues that they consider relevant. In this work, the actions and positions of child activists who use digital platforms to

raise awareness and make their peers aware of the importance of social mobilization to face the climate crisis will be presented.

METHOD

To understand the data, digital ethnography was used as a strategy to follow the main interactions and online mobilizations through different social medias (Facebook, Instagram and Twitter), articulation of children with governmental, non-governmental organizations and private companies, as well as linked news in the media about children during the 18-month period (May 2019 to December 2020). In relation to the selection of participants, the profile of a child activist was added and through the algorithms of these platforms that suggest similar profiles, other children were identified who use these spaces to promote content on the topic, with children with profiles with more than 2000 followers. The total was 13 children from different countries (Australia, United States, India, Holland, England, Indonesia, South Africa, Uganda and Sweden) investigated to carry out this work, being considered in this analysis, gender, race and nationality. It was not possible to identify precisely the social class of the investigated participants. Digital ethnography proved to be a very pertinent technique, as it allows direct observation of publications made on social medias and interviews with children, in addition to a critical analysis of the phenomena that involve visibility and activism in the network of this social group.

According to Murthy (2008), digital ethnography makes it easier to store and retrieve data, promotes greater expansion of qualitative analysis, in addition to allowing the observation of a variety of participants, as well as enabling the identification and collection of data and comments in a more agile and instantaneous way. For Dholakia and Zhang (2004), another important advantage of digital ethnography is to establish an observation that does not influence the behavior of the participants, since it is through the

anonymity of the researcher, which allows a peek at the online communications environment, leading to a true non-obstructive observation [...] The discreet nature of qualitative Internet-based research removes such "demand artifacts" and perceived pressures on the research subjects "(p.05)

However, it is worth noting that as a disadvantage, this form of ethnography excludes a large portion of the voices of children who do not have access to social media or who do not use online platforms to publicly publicize their actions. Understanding that online spaces are fundamental to comprehend the ways in which contemporary childhoods work, publications and news linked in the media about the

actions of children who consider themselves to be climate activists will be presented. The aim is to broaden their voice on the issues surrounding their struggles and interests and to reinforce the importance of viewing them as complete and competent beings.

RESULTS AND DISCUSSION

The most well-known case currently started in 2018, through a global movement called “Fridays for future¹²”, started by a Swedish white girl who was then 15 years old, called Greta Thunberg. The aim of this movement was to carry out a school strike for three weeks to demand effective actions from the government to combat the climate crisis. Greta went alone to the front of the Swedish parliament and after posting on social media and other media outlets, she did not continue alone. Other children joined her and since her mobilization, school strikes are held every Friday to protest about climate change.

With the movement's visibility on social media, children around the world got organized and started to articulate in their cities to participate in the protests. Greta began to be considered an influential digital activist, for being followed on her platforms by thousands of people (currently she is followed by more than 10 million people on Instagram and 04 million followers on Twitter) becoming a reference for her ability of influence and mobilization. Ofcom, the UK communications services regulator, conducted a survey in 2019 that identified an 18% increase in children's access to social media aged 12 to 15 years to express support political or environmental causes and organizations, calling this increase the "Greta Effect"¹³, due to the activist's ability to mobilize other children to promote actions in defense of the environment.

In 2019, Greta was elected Ambassador of Consciousness by Amnesty International and person of the year by Time Magazine. She was also recently on the cover of Rolling Stone magazine, with a special issue on the climate crisis. In September 2019, the activist spoke at the opening of the Summit Meeting on Climate Action at United Nations headquarters, where she criticized the stance of world leaders for the lack of planning and mobilization regarding the fight against the climate crisis. Greta's speech was widely disseminated on social networks and traditional media¹⁴. In her speech she states that:

My message is that we'll be watching you. This is all wrong. I shouldn't be up here. I should be back in school on the other side of the ocean. Yet you all come to us young people for hope. How dare you! You have stolen my dreams and my childhood with your empty words. And yet I'm one of the lucky ones. People are suffering. People are dying. Entire ecosystems are collapsing. We are in the beginning

¹² Available in: <https://fridaysforfuture.org/>

¹³ Available in: <https://www.ofcom.org.uk/about-ofcom/latest/media/media-releases/2020/rising-concern-over-children-online>

¹⁴ Available in: <https://www.youtube.com/watch?v=KAJsdgTPJpU>

of a mass extinction, and all you can talk about is money and fairy tales of eternal economic growth. How dare you! [...] We will not let you get away with this. Right here, right now is where we draw the line. [...] You are failing us. But the young people are starting to understand your betrayal. The eyes of all future generations are upon you. And if you choose to fail us, I say: We will never forgive you. [...] The world is waking up. And change is coming, whether you like it or not (Summit Meeting on Climate Action, 2019).

In the Instagram post of her speech, many people supported Greta's message, which was liked by more than 4 million users and had almost 142,000 comments. Messages from people around the world supporting Greta's speech were identified, with messages like “Greta is my biggest inspiration”, “thank you for your work”, “You and all future generations are worth fighting for”. However, many messages considered offensive have been identified, such as “get a boyfriend”, “she found an excuse not to go to school”, “please, tell me, how world leaders take your childhood at 16?”. In most of the activist's posts, offensive comments are identified but mostly children and adults report the importance of Greta's actions and how she has inspired change around the world.

In July 2020, Greta received the prize from the Portuguese Foundation Calouste Gulbenkian¹⁵ for humanity of 01 million euros for the work she has done, and in a publication on Instagram, she informed that the entire value of the prize will be directed to organizations and projects that fighting the climate and ecological crisis, especially for countries in the global south. The first 100,000 euros went to the Fridays for future Brasil project, the SOS Amazônia campaign and the fight against COVID-19 in the northern region of the country and the second organization that also received the same amount went to the Stop Ecocide Foundation campaign, that seeks to make ecocide, that is, any human activity that causes data or massive destruction of ecosystems, an international crime.

Recently, Greta shared the release of the film “I am Greta”, available on the streaming platform Hulu, which follows the trajectory of the activist and her struggle for the environment. During a videoconference interview organized by the Venice Film Festival, Greta stated that “some people spread conspiracy theories, say that I do not think or speak for myself or that other people write my speeches. With this film, you can see that it is not true”¹⁶. In a publication on Instagram¹⁷, she reinforces, since she received some questions about receiving money for the work, that there was no payment for any person involved in the documentary and that half of the amount received for the film will be donated to organizations and projects that defend the nature.

¹⁵ Available in: <https://gulbenkian.pt/en/news/greta-thunberg-is-the-winner-of-the-first-gulbenkian-prize-for-humanity/>

¹⁶ Available in: <https://www.theguardian.com/environment/video/2020/sep/04/greta-thunberg-says-new-film-captures-her-shy-nerdy-personality-video>

¹⁷ Available in: <https://www.instagram.com/p/CGaj9DEpRP-/>

The movie I Am Greta will premiere today in cinemas across the United Kingdom, Germany, Austria, Switzerland, Belgium, Luxembourg, The Netherlands, Canada, Australia and New Zealand. Next Friday also Italy and Mexico. And just to be clear once again: I - nor anyone in connection to me - have or will not receive any payment for this. B-Reel Films will dedicate half of the film's revenues to my foundation and all of that will be donated to organizations and projects fighting for a sustainable world, defending nature and supporting people already facing the worst impacts of the climate- and ecological crisis (Instagram, 2020).

But, Greta is not the only child who has been known for her activism. Dylan D'Haeze, white, 16, is an American child (Washington/DC) who started producing a documentary about the environmental impacts of plastic on the Planet. Since he was 13, he has produced a series of documentaries called "Kids Can Save The Planet"¹⁸, seeking to make people aware of the environmental impacts caused by the unbridled use of the consumption of products that society usually use.

In July of this year, he published the fourth documentary "Political Climate: Vote for your Future", which seeks to raise awareness of the importance of elections as a way of coping with the climate crisis, as well as the role of children and young people in determining election results. In the comments, people thank the activist for his contribution to tackling the crisis, with messages like "This is just a Master Piece! I read the other day that California is experiencing record high temperatures, Death Valley 130, that is some serious heat for our planet" and "Such an important and relevant topic". On his Facebook page, his project is followed by more than 2,245 people.

In the Netherlands, specifically in the city of Zeist, activist Lilly Platt, white, 12, has been mobilizing since she was 04 years old when she started collecting plastic items she found when walking to school with the aim of reducing the amount of streets. Lilly has already given several lectures, including at TEDx, as an ambassador for HOW Global and youth in the Plastic Pollution Coalition. In an interview with The Guardian¹⁹, she tells her story and points out her concerns about global warming:

What happens to your body if you are 2°C above normal temperature? You feel very sick, so imagine how the planet will feel. We want world leaders, including Trump, to stay aligned with the Paris agreement, reduce carbon emissions and stay at 1.5 ° C from global warming. Polluters must pay (The Guardian, 2019).

On her Twitter account, she is followed by more than 12 thousand people and on Facebook her page has more than 4 thousand followers. In a publication where the activist criticized a supermarket that was selling peeled bananas wrapped in plastic with the hashtag #pointlessplastic, there was a discussion about whether this strategy is valid for some situations. A user posted the message "keep in mind that this might make it easier for disabled people to eat pre peeled fruit. Obviously there are other

¹⁸ Available in: <http://kidskansavetheplanet.com/>

¹⁹ Available in: <https://www.theguardian.com/environment/2019/jun/28/generation-greta-young-climate-activists-around-world>

plastic free ways but don't be so quick to scorn pre peeled fruit” and Lilly responded to the comment with “Thanks you for your comment I am only raising awareness of plastic issues”. In most posts, the activist reinforces through tips and information to make her followers aware of the importance of reducing plastic consumption in their daily lives.

Licypriya Kangujam, a nine-year-old Indian, is also a climate activist who seeks to draw the attention of her country's population and leaders to find an urgent solution to the current air pollution crisis in Delhi and the National Capital Region. In 2018, she decided to create an organization called "The Child Movement"²⁰ to raise awareness to protect the planet, fighting climate change and natural disasters. Licypriya Kangujam has already given a lecture in 21 countries and at the age of six, she participated in the 3rd Asian Ministerial Conference on disaster risk reduction 2018 (AMCDRR 2018) in Ulaanbaatar, capital of Mongolia. In 2019, the activist was invited to deliver a speech at the COP25 Climate Conference in Spain, in her speech reinforced the importance of taking action now against climate change. Licypriya Kangujam, when called in the mainstream media, "Licypriya Kangujam posted on Twitter²¹ a message warning about the importance of recognizing her identity and activism.

Dear Media,

Stop calling me “Greta of India”. I am not doing my activism to look like Greta Thunberg. Yes, she is one of our inspiration & great influencer. We have common goal but I have my own identity, story. I began my movement since July 2018 even before Greta was started. I first raised my voice to world leaders in Mongolia in an UN event in July 4, 2018. Since then I started my movement called “Child Movement”. In Hindi, we called it “Bachpan Andolan” to call our world leaders to take immediate climate action. As I felt my work is more important than the organisation, I have less publicity and media coverage. Only media came to notice me when I spend a week in front of the Parliament House of India on July 21, 2019. Before that also, I began my Parliament Movement since Feb. 2, 2019. I even dropped out my school since February 2019 (before Grade 1 final exam) when I was just 7 years old due to my protests every week in front of the Parliament House of India. I sacrificed so much of my life in this tender age is not to call me “Greta of India”. If you call me “Greta of India”, you are not covering my story. You are deleting a story. (Twitter, 2020).

The idea disseminated in the media usually does not portray the individual trajectories and social and cultural contexts of children and presents a notion of a unique childhood, especially through a Eurocentric perspective, corroborating what is discussed by Mignolo (2003), who states that “Eurocentrism works as if there were no outside of the canonical macro narratives of Western civilization or European modernity since the Renaissance” (p. 665). The children's actions end up being made invisible not only by an adult-centric vision, which identifies childhood only from the protection of individuals who are in this category, but also by the prism of Eurocentrism, giving priority to presenting

²⁰ Available in: <https://www.facebook.com/TheChildMovement/>

²¹ Available in: <https://bit.ly/2XTM1ji>

the stories of white children and European countries (Chakrabarty, 2000). This publication was liked by more than 137 thousand people and shared more than 28 thousand times on Twitter. She is accompanied by more than 92 thousand people on this social media. In the comments, most people supported the activist's message, with messages such as:

I'm so proud of you and its sad to see how commonly/easily women are compared to each other. I wish you the best of luck in your endeavours and hope that your activism as well as Gretas will inspire change.

Rigth, you are Licypriya, great and very brave, a great role model.

What you are doing in India will have a ripple effect across the globe! @LicypriyaK you are an inspiration in your own right. Thank you for all you are doing to save our planet.

However, offensive comments targeting Licypriya were also identified as “It’s not a competition. Stop whining” or “brat”, “Your name is too difficult. We’ll keep it simple by calling you Greta of India”. In October 2020, the actions carried out by Licypriya in conjunction with her friend and activist Aarav Seth, 12, were censored by the police, as the activist was briefly detained for protesting in front of parliament against air pollution in city of Delhi. On her Twitter²² profile, the activist posted the following message:

So many police and security forces to detained a 9 years old girl and a 12 years old boy. I'm rising my voice is not just for me, it's for the millions of children of Delhi and the people of this country. Our leaders just pretend but they don't take any concrete action yet (Twitter, 2020).

The tweet had 1,500 likes and 112 comments. Again, the activist received messages of support and encouragement such as “#StayStrong ... the future is in the hands of the brave and young”, “Thanks for everything you do for us all”, but other people, especially adults, wrote messages minimizing Licypriya's actions.

Heyy kid..I like ur awareness abt Environment nd Air pollution at that tiny age...U hv 90k+ followers On Twitter. Ask or plan atleast min 100 to 50 followers,nd then protest seriously not seasonally..like 15min or 30 mins

U want publicity...If u really care nd serious abt issue,then protest infront of parliament without taking break atleast 2 or 3days...then National media truly focus U nd then u give so called speech...

Keep Minor Children out of politics

It is worth noting that Licypriya's Twitter and Instagram accounts are managed, according to the information available in the biography, by the activist's mother, this parental control is valued as being

²² Available in: <https://bit.ly/3hDZ15Y>

important to avoid risky situations for the child, since most platforms a minimum age allowed is from 13 years old. Licypriya recently shared that she created a solar lamp built with bamboo²³. The publication had over 1,600 likes and 38 comments, where messages like “Absolutely great and innovative. Environmental science or environmental engineering is the best branch for you to research. Innovate more and more”, “Excellent. Keep doing such useful work” One user posted a “save trees” comment, being answered through the profile of the activist “Bamboo is not a tree dear. It’s a grass with most sustainable materials found on this planet stronger than steel”. Other followers commented on the doubt, but when they identified that it was a troll (users who use fake profiles in order to provoke members of a certain community on social media), they stopped responding to the messages. It was possible to identify from digital ethnography, that children with the greatest number of followers and with the most visibility in the media, are the ones that are most subject to offensive comments.

Another child who has also drawn attention for his performance in Cape Town in South Africa is Yola Mgogwana, black, 13 years old. She is a member of the Earthchild Project²⁴, which seeks to provide education with a focus on the environment, health and self-development for schools with few resources. In early 2019, she led and organized a protest in front of the South African parliament, where she spoke about the importance of government officials taking action to combat climate change. In an interview with the Global Citizen website²⁵, she says that even though she is so young, her age “does not mean that my opinions about the world are not valid”. On the project page, Yola is identified as “eco warrior”, with publications on different actions that the activist has been promoting, especially on Fridays to combat the climate crisis.

Change comes from the voice of many, but you need individuals to stand together to create a collective. My age does not mean that my views on the world is not valid. I believe we are all accountable for what the future holds, regardless of age, race or gender. I’m marching, singing and shouting for my right to a livable future (Instagram, 2020).²⁶

The project is followed by more than 10,000 people on Instagram and 11,000 people on Facebook. The page is not exclusive to the activist, but she is one of the main voices in the fight for climate justice in her country.

²³ Available in: <https://twitter.com/LicypriyaK/status/1347873191973195782>

²⁴ Available in: <http://earthchildproject.org/>

²⁵ Available in: <https://www.globalcitizen.org/en/content/south-africa-youth-climate-activist-cape-town/>

²⁶ Available in: <https://www.instagram.com/p/CDBo19uJUMV/>

In East Africa, Leah Namugerwa, a 15-year-old black girl, is a climate activist who has been promoting actions and mobilizations against the Uganda climate crisis. Following Greta's actions on strikes on Fridays and what was happening in her country, with prolonged drought and landslides in some regions, Leah decided to act locally also protesting and participating in the weekly school strike. In an account of her trajectory on the website Earth Day²⁷, she states that she joined Twitter to follow the actions of Fridays for future. Initially, the activist reported that some people were surprised by the action and did not understand Leah's choice not to go to school. According to her, “many people have been and still oppose my protests. They argue that at my age I shouldn't miss any school day”. The activist further states that

The silence about environmental injustice seems to be intentional. Most people don't care what they do with the environment. I realized that adults were not willing to offer leadership and I chose to volunteer. Environmental injustice is injustice to me (Twitter, 2020).

Currently, Leah has used her visibility on social media to organize food donations for the children most affected by the floods in some regions of the country and who have been infected by COVID-19. In a recent post on Twitter²⁸, where she is followed by more than 19 thousand followers, she published:

Yesterday I gave food to 160 children. By the end of next week, I will provide (food) for a thousand children from 200 families. Today I am going to visit another community to make door-to-door deliveries. I am donating to children affected by Covid-19 and the floods. Thank you all for supporting me (Twitter, 2020).

The publication had 199 likes and 06 comments, where all users congratulated the initiative and recommended strategies to avoid spreading the virus. In the mentioned publication, a user commented: “Very much appreciated. Though I believe there's a smarter approach you can adopt that reduces the kids risk exposure to possible transmission - call in their parents to line up with disciplined physical distancing and personal sanitation measures. Focus more on suppression”. The activist systematically publishes on her networks, especially on Twitter, actions involving tree plantations and strategies to feed children in her country.

²⁷ Available in: <https://www.earthday.org/school-strike-for-climate-a-day-in-the-life-of-fridays-for-future-uganda-student-striker-leah-namugerwa/>

²⁸ Available in: <https://twitter.com/NamugerwaLeah/status/1268103642126716928>

In Indonesia, Melati Wijsen, 19, and her sister Isabel Wijsen, 17, started the Bye Bye Plastic Bags²⁹ campaign in 2013, when they were 15 and 13 respectively, with the aim of saying no to the use of plastic bags in Bali. Initially, they started a petition, where they managed to collect almost 100,000 signatures to convince the Bali government to enact a ban on single use of plastic bags, achieving this goal in 2019. In Bali, a ban on the use of plastic bags was carried out, as well as straws and styrofoam. Melati and Isabel have already given several lectures, mobilization actions to collect plastic garbage on the beaches and recently the activists were included in the Forbes list 30 most promising young people under 30³⁰. In July 2020, the sisters shared on Instagram that they granted an interview to the NY Times to share the movement they have been carrying out and about the Youthtopia project³¹, whose main objective is to provide training for young people to become agents of change.

HUGE NEWS! On today's @nytimes profile you will find our sister founders the first ever duo profile to be featured. Our story has grown into a massive movement that has been (and continues to be) the greatest teacher ever. Learning by doing. That's what we do! With all the knowledge and experience on the front line of change we want to share this with more young people to become young changemakers. @youthtopia.world thank you to Richard, @derael_on_timeand @nyimaslaula or being with us to capture this feature (Instagram, 2020).

The publication was liked by more than 2700 people and had 39 comments congratulating the activists' work. Messages like “Melati and Isabel we are so proud and inspired by you! Thank you for all you do for this world”, “Huge congrats + a huge thank you for inspiring youth of all ages around the world to take action!” and “keep inspiring” have been identified. The sisters are followed by more than 59 thousand followers on this social media.

Inspired by Melati and Isabel, Amy Meek, 17, and her sister Ella Meek, 15, from the United Kingdom (Nottinghamshire) developed a platform called Kids AgainstPlastic³², which has, as a central principle, according to the campaign website, to contemplate the Global Objectives of the UN, specifically number 14: Conservation and sustainable use of oceans, seas and marine resources for sustainable development. Initially, they sought to present plastic water bottles to supermarkets in the region and, in parallel, collected more than 60,000 single-use plastic items and developed an application to record this collection. In addition, the activists have already given a talk about the project at TEDx and claim that they have mobilized with several children across the UK who are facing plastic pollution together with them. In May 2020, the activists published a book designed by them with tips on how to use plastic properly

²⁹ Available in: <http://www.byebyeplasticbags.org/>

³⁰ Available in: <https://www.instagram.com/p/B-wUKIPJ3k3/>

³¹ Available in: <https://youthtopia.world/>

³² Available in: <https://www.kidsagainstoplastic.co.uk/>

and how children can become activists³³: “IT’S PUBLICATION DAY! Be Plastic Clever is an embodiment of what Kids Against Plastic is all about, with information on plastic, tips on how to be #PlasticClever and ways other kids can be activists themselves. It’s a book by kids for kids, and we can’t wait for you to read it”.

The publication had more than 200 likes, 63 shares and 10 comments. Activists received messages like “YAY!! Congratulations girls, it looks brilliant!”, “I had the pleasure to be at one of your inspirational talks. This is fantastic to see, a huge congratulations, keep doing what you're doing!”, “Well done guys keep up the good work I will be following you you from now on to see how you're your plastic clear ups I'll going once again well done here are some pictures of our latest clear up 1000 plastic bags retrieved from Dorset Beauty Spot Google it”. On Twitter, they are followed by more than 3,400 followers and on Instagram by more than 3,500 followers.

Harriet O'Shea Carre, Milou Albrecht and Callum Neilson-Bridgefoot, white, are three 15-year-old climate activists, residents of the city of Castlemain, Australia and founders of the School Strike For Climate (SS4C) movement, which is followed on Instagram by 46 thousand people and on Twitter by 21.5 thousand people. Inspired by Greta, they organized protests with over 300,000 people in Australia. In an interview with Dailymail UK³⁴, Harriet stated that “children cannot vote, so that is the only way to change anything. It will be too late and people are literally dying”. Like Greta, Harriet O'Shea Carre was invited to New York to attend the United Nations Climate Summit.

Harriet O'Shea Carre's speech reinforces what was presented by Sarmento, Fernandes and Tomás (2007), that children remain the only social group excluded from the political rights expressed in Western society (p. 184). The right to vote, usually from the age of 18 (in some countries it can be from the age of 16), rules out the possibility of children who are outside that age group to participate effectively in the choice of political representatives. According to the authors, to think about the minimum age in relation to voting, it is essential to reflect on a reorganization of democracy, being essential not to analyze the political participation of children only through the power of voting, but, due to the absence of these individuals in political spaces (Sarmento, Fernandes and Tomás, 2007).

Childhood for Western society is understood as a protection stage in which the individuals that compose it are considered incapable of actively contributing to citizenship, since in most situations, adults tend to underestimate the actions of children, disregarding their opinions and evaluating what they think less importantly, even when they involve relevant topics that involve themselves (Tomás and Fernandes,

³³ Available in: <https://twitter.com/KidsVplastic/status/1258355688763424770>

³⁴ Available in: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7497039/Meet-Australias-Greta-Thunberg-climate-strike-organiser-Harriet-O'Shea-Carre.html>

2004). With this, the authors present three paradigms identified in the practices of adults towards children: Property Paradigm; Protection and Control Paradigm; Paradigm of Danger (Tomás and Fernandes, 2004). The first refers to the way that adults subdue children, viewing them as property and using a paternalistic discourse to silence their voice and minimize their actions. The second paradigm is presented from an understanding that children must be controlled by adults and protected, since they are considered fragile and incapable. Finally, it is evaluated how some deviant behaviors are evidenced by adults, who seek to use a penalizing strategy for children even when considering their rights under the Constitution, yet these are circumscribed based on what adults consider relevant (Tomás and Fernandes, 2004).

An example that can be presented to elucidate how children's voices have been constantly disqualified, refers to the offenses that Swedish climate activist Greta Thunberg received from the presidents of Brazil and the United States of America in 2019. Jair Bolsonaro referred to the child as "brat"³⁵ (a pejorative term used in Brazil to refer to a child) by the activist's statement about her concern with the indigenous people who were being murdered for trying to prevent deforestation in the Amazon. Donald Trump, on the other hand, wrote in his social network that he considered Greta to have an "anger management problem"³⁶ and that she should "relax". This statement by the American president referred to the choice of Time magazine to elect Greta as personality of the year. The hate speech is very directed towards Greta because she is the most visible activist today. Thus, it is important to understand according to Sunstein (1995),

in view of historical aspects, injuries directed at minority groups [...] feed the fear of physical violence, exclusion and subordination that are not plausibly described as mere 'offenses'. These damages go ewsss the goal of political equity, a precondition for democracy (pp.67-69)

After the statements, the activist changed her biographical description on Twitter with both offenses she received as a strategy to mock the criticisms that were made by the two heads of state. From these examples, it is possible to identify how children are still marginalized when seeking to participate in relevant social actions and how their voice is still silenced, being fundamental, as pointed out by Tomás and Fernandes (2004), rethink the aforementioned paradigms and identify children as active citizens and not just as rights holders, who can contribute and intervene in decisions made by adults.

³⁵ Available in: <https://www.theguardian.com/environment/2019/dec/10/greta-thunberg-jair-bolsonaro-brazil-indigenous-amazon>

³⁶ Available in: <https://www.theguardian.com/environment/2019/dec/12/donald-trump-greta-thunberg-time-magazine>

For the authors “citizenship does not refer to a legal right, but above all to a right to participate, a right that is related to the nature and social essence of the human being.” (Tomás and Fernandes, p.354). To understand the child as a subject of rights, Fernandes (2005) points out the importance of adopting a perspective that mutually contemplates the rights of provision (which guarantees access to health, education, culture, social life, etc.), of protection (to preserve children from risky and vulnerable situations with regard to neglect, physical and sexual abuse, conflicts, discrimination, etc.) and finally participation, recognizing their political and civil rights (contemplating their right to be heard), to have an opinion, freedom of expression, identity, decision making, etc.). According to Jorge and Marôpo (2017), children’s right to participate online must be associated with four factors:

[...] that the internet is a space for the promotion, protection and consecration of human rights and the advancement of social justice; to seek, receive and transmit information freely; to associate freely with others for social, political and cultural reasons; and that internet governance is done with multiple parts, participatory and with shared responsibilities (p.4).

With this, it is essential that digital environments can increasingly reinforce in their terms of use principles that include human rights, access to truthful news, privacy of users’ data and that mainly the social media becomes an increasingly including and safe space, especially for children, since they have been accessed by them regardless of the age allowed by the platforms.

CONCLUSION

The engagement of children and their struggles for their political and civil rights, according to Liebel and Gaitan (2019), start very early, and for the authors, the establishment of the actions carried out by this social group are influenced by the environment (militancy of the for example) and the need to seek justice for inequalities and social problems. However, the authors point out the importance of not reducing children's actions only as a result of the interests presented by adults, reinforcing that children's initiatives also arise from their own considerations and experiences (Liebel and Gaitan, 2019). The actions of the children mentioned above, reinforce that, based on the influence of their peers or on their own initiative, they sought to express their dissatisfaction not only through social media, but also mobilizing in person to seek answers from the authorities and society, even when this affects them negatively, such as

missing school, being the target of fake news³⁷ and offenses on digital platforms. Liebel and Gaitan (2019) state that

[...] When children defend a goal that affects them personally [...] they accept personal risks or disadvantages. The great resonance we find in other children and young people is probably influenced by this personal commitment. It is also related to the fact that images of their activities spread very quickly on the Internet and that the protagonists themselves helped in part to create a national audience on their own blogs.

Through familiarity and experience with the use of technologies and social media, children and young people have been using online spaces and transforming them into activism practices, promoting in these new environments mobilization, participation, organization and social leadership to fight for causes that they consider relevant. According to Dencik and Wilkin (2017), there was a great discussion on the relationship between protests through digital media and on how information and communication technologies (ICTs) allow people to organize themselves in different ways and places in a more accessible way, and with low costs. For the authors, these environments have become a fundamental element of manifestation and resistance in the contemporary world, allowing a wider, horizontal and spontaneous dissemination of the practices that are carried out by activists worldwide. The association with a cause through these digital environments, which according to Deslandes (2018) can be a permanent or temporary association, provides a new dimension to certain manifestations, since by the rapid dissemination and fluidity in the geographical borders, people from different places in the world world can communicate and articulate through these spaces.

Due to the social reach of the Internet, it is possible to identify that minority groups that have always been invisible, especially in traditional media, can enhance their voices and practices through digital environments (Ferreira, 2018). Children, who are part of these minorities, are not indifferent to this reality, using social networks to share experiences, interests and social issues that involve their daily lives. It is worth emphasizing the importance of digital literacy so that access to these spaces is carried out in a safe and responsible way for this social group, being essential that the family, the school and the organizations that manage these environments promote changes so that the rights of participation children's digital rights are contemplated.

With this, it is identified from these and other examples of child activists that their productions and protagonism in the Internet has promoted an expansion of participation and civic engagement of their

³⁷ Available in: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49844322> and <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49833679>

peers, in addition to an awareness of which measures can be effective for social and political changes significant in different spheres, especially in combating the climate crisis. Children are competent in their form of participation and are important allies in any type of social movement. The path must be a process of integration of struggle and non-opposition between adults and children, since they are always looking for strategies of resistance to talk about issues that they consider relevant.

REFERENCES

Chakrabarty D (2000) *Provincializing Europe. Postcolonial thought and historical difference*. Princeton & Oxford: Princeton University Press.

Dencik L and Wilkin P (2017) Digital activism and the future of worker resistance. In: Meikle G (ed). *The Routledge Companion to Media and Activism*, Routledge Media and Cultural Studies Companions, Routledge, pp. 125-133.

Deslandes S (2018) O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10): 3133-3136.

Dholakia N and Zhang D (2004) Online qualitative research in the age of e-commerce: data sources and approaches. *Forum: Qualitative Social Research*, 5 (2): 1-10.

Fernandes N (2005) Os Direitos das crianças nas encruzilhadas da proteção e da participação. *Revista Eletrônica Zero-a-Seis*, 7 (12): 1-10.

Ferreira N (2018) As arenas midiáticas como palco de luta das minorias. *Revista Mídia e Cotidiano*, 12(1): 24-41.

Hine C (2005) Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: Hine, C (ed.). *Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, pp. 1-13.

Jorge A and Marôpo L (2017) Digital media and rights: Perspectives of young people with cancer. *Comunicação Pública* (12) 22: 1-14

Liebel M and Gaitán L (2019) El poder de los niños y niñas. Notas sobre el protagonismo de movimientos infantiles en la actualidad. *Revista Sociedad e Infancias*, 3: 15-20.

Lundy L (2015) *National Strategy on Children and Young People's Participation in Decision-Making*. Ireland Department of Children and Youth Affairs.

Mignolo W (2003) *Histórias Locais/Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Miller D and Costa E and Haynes N McDonald, T.; Nicolescu, R.; Sinannan, J.; Spyer, J.; Venkatraman, S.; Wang, X. (2016). *How world changed social media*. London: UCL Press.

Murthy D (2008) Digital ethnography: An examination of the use of new technologies for social research. *Sociology*, 42 (5): 5837-855.

Rizzini I and Thapliyal N and Pereira L (2007) Percepções e experiências de participação cidadã de crianças e adolescentes no Rio de Janeiro. *Revista Katál*. Florianópolis (10): 164-177

Rizzini I et al (2005) Children's Perspectives on Citizenship and National-Building. *Brasil: Children's Perspectives on Citizenship and National-Building*. Percepções de crianças e adolescentes sobre cidadania e participação cidadã. Rio de Janeiro: CIESPI/ PUC-Rio

Sarmento MJ and Fernandes N and Tomás C (2007) Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 183-206.

Sunstein C (1995) Democracy and the problem of free speech. *Publishing Research Quarterly*, 11, 58–72. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02680544>

Tomás C and Fernandes N (2004) "Infância, Protagonismo e Cidadania: contributos para uma análise sociológica da cidadania da infância", *Revista Fórum Sociológico*, 11 (12): 349 – 361.

Unesco (2016) Planet: Education for environmental sustainability and green growth. The 2016 Global Education Monitoring Report (GEM Report). United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

**ARTIGO II - CRIANÇAS DIGITAL INFLUENCERS NO COMBATE À
PANDEMIA DO COVID19**



Crianças Digital Influencers no combate à pandemia do Covid19

Bianca Orrico Serrão³⁸, Gabriela Trevisan³⁹ e Manuel Jacinto Sarmento⁴⁰

INTRODUÇÃO

Na generalidade dos países, a crise pandémica, com o encerramento das escolas, levou as crianças para casa. Em alguns casos mesmo (não foi o caso de Portugal, nem do Brasil), elas foram proibidas de sair à rua. O despovoamento dos espaços públicos das cidades tornou-se ainda mais incisivamente flagrante pela ausência dos risos das crianças na sua deslocação para a escola ou nas suas brincadeiras nas praças ou parques infantis. Mas além dos aspetos de maior exterioridade, a “invisibilidade social” das crianças (Sarmento, 2007) poderá ter aumentado significativamente no período de gestão da crise pandémica. Algumas crianças tornaram-se “invisíveis” para as escolas e os/as professores, distantes das comunicações virtuais em que se transformaram as atividades letivas. Algumas outras deixaram de estar dentro dos radares das estruturas de intervenção face ao risco, confinadas ao espaço doméstico onde ocorrem predominantemente situações de violência doméstica. Genericamente, perante a centralidade da infeção e morte de idosos devido ao Coronavírus, e ao reduzido número de contágio de crianças (Choi et al. 2020), também dos relatórios diários das autoridades e de saúde e das referências mediáticas à doença as crianças tendencialmente “desapareceram”.

A exceção ocorre quando a tragicidade da vida quotidiana irrompe com estrondo na generalizada indiferença perante o que as crianças pensam, sentem e vivem, duplamente confinadas pela pandemia e pela invisibilidade social. Assim aconteceu, de facto, com a tragédia da menina Valentina, de 11 anos, às mãos violentas do seu pai, drama que encheu de comoção a sociedade portuguesa no início de maio. Não obstante, (como se fosse necessário proclamá-lo...) as crianças existem, para além da tragédia e do confinamento social. Este texto tem por objetivo, precisamente, documentar ações de grande visibilidade e protagonismo infantil no combate à crise pandémica, nomeadamente através do uso da Internet. A

³⁸ Doutoranda em Estudos da Criança, Instituto de Educação da Universidade do Minho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2777-9881> /
Correio eletrónico: bianca.orrigo@gmail.com

³⁹ Prochild Colab Against Poverty and Social Exclusion, Portugal. Correio eletrónico: gabriela.trevisan@gmail.com

⁴⁰ Professor Associado com Agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9498> /
Correio eletrónico: sarmento@ie.uminho.pt

crise pandémica fez sobressair, aqui e ali, algumas crianças que trouxeram mensagens de cautela e de esperança nas redes sociais e no Youtube. Algumas dessas mensagens tornaram-se virais, pela expressividade que se revestiram. Mas algumas outras constituem modos de ação consistentes e muito afirmativos, protagonizados por crianças e configurantes de uma modalidade renovada de ativismo social.

INFÂNCIA E ATIVISMO SOCIAL DIGITAL

Na verdade, as crianças assumem de forma crescentemente visível formas de ativismo social que as constituem não apenas como destinatários passivos de ações políticas, mas como sujeitos políticos ativos. Os temas ambientais são provavelmente o principal campo de expressão direta do ativismo político e social das crianças, como fica demonstrado, sobretudo, pelas greves estudantis contra as alterações climáticas. Podemos mesmo considerar que estas formas de ação se constituem como um movimento social, cuja especificidade tem a ver com a centralidade e o protagonismo de crianças. Nesse sentido, associa-se (e amplia à escala global) outros movimentos sociais de crianças, como são, por exemplo, o movimento dos Sem-Terrinha, no Brasil (Vendramini, 2007), o movimento das crianças trabalhado-ras na América Latina (Liebel, 2006), ou o movimento March for Our Lives (Salamon, 2018). Mas esse ativismo social tem expressão também na WebNet, nas redes sociais e no CyberEspaço. A emergência da pandemia do COVID-19 concitou igualmente uma significativa mobilização de crianças na defesa de ações públicas, através da Net. Em alguns casos, a intervenção de algumas crianças constitui-as como autênticos digitais influencers, com grande capacidade de mobilização de outras crianças e de adultos na receção às suas comunicações, propostas e ações concretas.

No cenário mundial, é possível identificar um aumento da participação e acesso do público infantil à Internet. As crianças estão cada vez mais cedo não só consumindo o que está disponível na rede, mas também produzindo conteúdos que envolvem os seus quotidianos e que possuem relevância para elas e para os seus pares. Estas crianças que produzem conteúdo para Internet são acompanhadas por centenas de seguidores e tornam-se criadoras de conteúdos, sendo nomeadas pela indústria cultural como digital influencers, por sua capacidade de inspirar e intervir junto de outras crianças, nos seus modos de comportamento e de consumo. Neste contexto, existe um nicho específico de crianças influenciadoras digitais que são ativistas, produzindo conteúdos e mobilizações através da rede, buscando promover os seus direitos e participar de decisões políticas que consideram relevantes. Ao compreender que a criança se desenvolve em conjunto com os aspectos sociais que as rodeiam, é fundamental analisar o contexto em que elas se encontram inseridas na sociedade da informação. O

presente contexto é marcado pela utilização das redes sociais como forma de interação social, produção de subjetividade de novos aspectos sociais e culturais. Com o surgimento da Internet, tornam-se necessárias novas compreensões acerca das relações sociais que são promovidas através de uma participação mais ampla, rápida e democrática por indivíduos de diferentes grupos sociais (Turkle, 2007).

Com a evolução das tecnologias, existe uma “sociedade em rede” (Castells, 1999), que possibilita que pessoas de diferentes localidades e culturas possam produzir e se relacionar independente de um espaço físico. É no quadro, portanto dessa sociedade de rede que se pode compreender o ativismo social das crianças, nomeadamente no âmbito da crise pandémica. De acordo com Sivitanides (2011), o ativismo pode ser concetualizado como uma prática de ação ou envolvimento como um meio com o intuito de atingir um determinado objetivo, seja ele político ou de outra ordem, através de protestos, manifestações, mobilizações, dentre outros. As mobilizações que estão ocorrendo ao redor do mundo através das tecnologias de informação e comunicação (TIC) sobre temas variados, possibilitam a criação de comunidades que atuam a níveis locais e globais, e permitem uma comunicação ampla e ágil, que oportuniza o surgimento de discussões, realização de ações sociais e uma nova estratégia de pensar e promover política. Além disso, as redes sociais têm-se tornado espaços para compartilhar informações que não são mencionadas através da media tradicional, permitindo disseminar dados e informações que algumas vezes são omitidas por diferentes instâncias governamentais (George e Leidner, 2018).

Com isso, percebe-se que as novas formas de participação e mobilizações cívicas que surgem na rede podem trazer mais benefícios para a mobilização e a consciencialização das pessoas para determinadas causas sociais consideradas relevantes para a promoção de direitos não só para comunidades concretas, mas também para questões globais. Frequentemente, o envolvimento cívico nas produções on-line das crianças tem promovido articulação e mobilização entre pares, discussões sobre temas sociais relevantes como educação, questões relacionadas as alterações climáticas, combate ao racismo, enfrentamento do bullying, empoderamento feminino, controle e alteração das leis envolvendo porte de armas, etc. Em síntese, a comunicação digital se tornou-se uma ferramenta fundamental e estratégica para a mobilização social, já que a capacidade das crianças em comunicar, aprender, colaborar foi ampliada pelas TIC (Mora, 2014), permitindo que atos individuais na rede sejam articulados e integrados e perspectivem de fato uma mudança em diferentes esferas sociais.

CRIANÇAS DIGITAL INFLUENCERS FACE À PANDEMIA

Na Europa, um exemplo que pode ser apresentado sobre se tornar influenciador/a digital é a ativista Greta Thunberg, que iniciou o movimento #fridaysforfuture nas redes sociais. De acordo com o site do movimento⁴¹ em agosto de 2018, a adolescente sentou-se em frente ao parlamento sueco todos os dias durante três semanas para protestar contra a falta de ação sobre a crise climática. Ela postou o que estava fazendo no Instagram e no Twitter e se tornou viral. Até o presente momento, ela possui 04 milhões de seguidores no Twitter e mais de 10 milhões de seguidores no Instagram. Através dessas plataformas, ela promove mobilizações ao redor do mundo sobre os protestos sobre a crise climática e publica informações sobre o que tem acontecido em diferentes países, bem como seus discursos sobre a importância da mobilização política e social para providenciar ações efetivas contra as mudanças climáticas.

Atualmente, tem realizado mobilizações em parceria com a UNICEF para promover uma campanha para salvar e proteger as crianças mais vulneráveis afetadas pelo coronavírus⁴². Em 2019, a revista norte-americana Time elegeu a ativista climática como personalidade do ano⁴³. A escolha por Greta foi apontada pelos editores da revista pela atuação da ativista, sendo afirmado na publicação que “mudanças significativas raramente acontecem sem a força catalisadora de pessoas influentes”.⁶ Além disso, a adolescente recebeu o prêmio de Embaixadores da Consciência, realizado pela Amnistia Internacional⁴⁴. Isso demonstra a força que a mobilização promovida por digital influencers como Greta Thunberg promovem em diferentes âmbitos sociais.

Uma criança do Brasil que tem sido bastante acompanhada pelos vídeos que produz na rede é o Kaique Brito, de 15 anos, residente de Salvador/BA. Em 2019, ele começou a compartilhar no TikTok, vídeos curtos e bem-humorados fazendo dobragens de falas de representantes políticos ou de situações de racismo. Atualmente, com o governo federal brasileiro sendo contra o isolamento social indicado como estratégia de prevenção do COVID-19, Kaique tem publicado vídeos criticando o posicionamento do Presidente da República. O objetivo é promover uma reflexão sobre temas atuais com a sua geração, que tem acessado de forma crescente a essa plataforma, sendo este aplicativo, de acordo com a consultoria SensorTower, o 3º no ranking dos que mais download foram realizados no ano de

⁴¹ Disponível em: <https://fridaysforfuture.org/>

⁴² Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2020/04/1062942>

⁴³ Disponível em: <https://time.com/person-of-the-year-2019-greta-thunberg/>

⁴⁴ Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/06/greta-thunberg-and-fridays-for-future-win-ambassador-of-conscience-2019-award/>

2019, ultrapassando o Facebook na lista⁴⁵. Atualmente, Kaique tem mais de 102 mil seguidores no Tiktok e 182 mil seguidores no Twitter.

Vinicius Oliveira Santos, de 12 anos, também residente de Salvador/BA, tem utilizado sua plataforma para produzir vídeos com humor sobre o COVID-19. Ao criar um vídeo ligando para o coronavírus e dizendo para ele “ir embora” e deixar as pessoas em paz, de um jeito bem-humorado, teve seu conteúdo visualizado por mais de 700 mil pessoas apenas pelo Instagram (ele é acompanhado por mais de 760 mil seguidores nessa rede social). Inclusive, a empresa Google vai utilizar o conteúdo elaborado por Vinicius para conscientizar as pessoas a ficarem em casa.

Eric, de 06 anos, de São Leopoldo/RS, possui um canal no Youtube sobre poemas, meditação e espiritualidade. Com a pandemia, desenvolveu um quadro em seu canal intitulado “Jornalzinho da Quarentena”, onde apresenta imagens engraçadas de como as pessoas estão procurando proteger-se do vírus e indicando sua opinião ao visualizar as estratégias utilizadas pela população. Eric possui mais de 31 mil seguidores no Instagram e seu canal no Youtube tem mais de 65 mil inscritos.

Nos Estados Unidos, Charli D’Amelio, 16 anos, que ficou mundialmente conhecida por ser a pessoa mais seguida através do aplicativo TikTok, tem sido uma digital influencer que tem utilizado sua visibilidade para promover ações de prevenção ao coronavírus. Com uma audiência de mais de 56 milhões de seguidores no TikTok e 18 milhões de usuários que a acompanham pelo Instagram, a influencer realizou uma parceria com a UNICEF e a Organização Mundial de Saúde ensinando a como lavar as mãos utilizando a hashtag #safehands. Este vídeo teve um alcance de mais de 3 milhões de visualizações e 65 mil comentários, onde crianças a redor do mundo compartilham seus relatos sobre quais medidas estão sendo tomadas em suas casas para se protegerem do COVID-19.

CONCLUSÃO

Como se pode reconhecer, a Internet tem possibilitado dar visibilidade a algumas crianças, potenciando uma ampliação das suas lutas de forma mais acessível para pessoas de diferentes lugares. A partir de diferentes movimentos organizados por elas através das plataformas on-line, as crianças assumem novos papéis de protagonismo e ação política, que pode ser fundamental para a organização e participação coletiva da categoria social da infância nas políticas públicas. Apesar de serem ambivalentes os efeitos do uso da internet pelas crianças (e.g. Kardefelt-Winther, 2017; Livingstone, 2013), a par de ameaças, riscos, desinformação, fake-news e indução a práticas consumistas que são

⁴⁵ Disponível em: <https://sensortower.com/blog/tiktok-revenue-downloads-2019>

partilhadas na rede, tem sido possível, alternativamente, encontrar formas de ação política que se julgariam insuspeitadas, para as gerações mais novas. O caso do COVID-19 é particularmente notório. Importa a esse respeito, sublinhar como (também) as crianças juntam a sua voz às políticas genocidas protagonizadas pela extrema-direita no poder no Brasil. A comunicação digital, em suma, permite afirmar as crianças como sujeitos políticos singulares, nomeadamente face a duas das questões mais ingentes do mundo contemporâneo –o ambiente e a saúde– com uma efetiva ação influente na polis, apesar de elas estarem excluídas das formas representacionais das democracias liberais.

REFERÊNCIAS

- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Choi, Soo-Han; Han Wool Kim, Ji-Man Kang, Dong Hyun Kim, Eun Young Cho (2020). Epidemiology and clinical features of coronavirus disease 2019 in children. *CEP*, Vol. 63, No. 4, 125-132. <https://doi.org/10.3345/cep.2020.00535>
- George, J., Leidner, D. (2018). Digital Activism: a Hierarchy of Political Commitment. 51st Hawaii International Conference on System Sciences (en línea). <http://hdl.handle.net/10125/50176>
- Kardefelt-Winther, D. (2017) How does the time children spend using digital technology impact their mental well-being, social relationships and physical activity? An evidence-focused literature review. Innocenti Discussion Paper 2017-02, UNICEF Office of Research – Innocenti, Florence.
- Liebel, M (2006). Los movimientos de los niños y niñas trabajadores. Un enfoque desde la sociología. *Política y Sociedad*, 2006, Vol. 43 Núm. 1, 105-123
- Livingstone, S. (2013) Children's internet culture: Power, change and vulnerability in twenty-first century childhood. In D. Le-mish (Ed.), *Routledge Handbook on Children, Adolescents and Media* (pp.111-119). London: Routledge.
- Mora, F.(2014). Emergent digital activism: the generational/technological connection. *The Journal of Community Informatics*. Vol 10, N° 1, 01-13.
- Salamon, Errol (2018). March for Our Lives Awakens the Spirit of Student and Media Activism from the 1960s. *The Conversation*, March 23, 2018 (en línea). <https://theconversation.com/march-for-our-lives-awakens-the-spirit-of-student-and-media-activism-of-the-1960s-93713>
- Sarmiento, M. J. (2007). Visibilidade Social e Estudo da Infância. In V. M. R. Vasconcellos, Vera M. R., M. J. Sarmiento (org.), *Infância (in)Visível* (p. 25-49). Araraquara: Junqueira & Marin.
- Sivitanides, M. (2011). The Era of Digital Activism. Conference for Information Systems Applied Research. Wilmington North Carolina, USA, v4 n1842, 01-08.
- Turkle, S. (1997). *A vida no ecrã. A identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'água.
- Vendramini, C. (2007). Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do cam. *Cadernos Cedes*, vol. 27, n. 72,121-135.

ARTIGO III – O ATIVISMO DIGITAL DAS CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O ativismo digital das crianças em tempos de pandemia

Children's digital activism in times of pandemic

Activismo digital infantil en tiempos de pandemia

Bianca Orrico Serrão ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2777-9881>⁴⁶

Manuel J. Sarmento ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9498>⁴⁷

Juliana Prates Santana ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3352-9598>⁴⁸

Resumo

O presente trabalho⁴⁹ realizado através do viés da Sociologia da Infância, tem como objetivo principal apresentar algumas das ações das crianças considerada *digital influencers* (que possuem uma ampla audiência nas redes sociais) para a promoção de conscientização e enfrentamento do COVID-19. A recolha dos dados foi realizada a partir de uma etnografia digital, analisando as redes sociais e notícias vinculadas na mídia de 11 crianças de diferentes países (Brasil, Estados Unidos, Uganda e Suécia). Foi possível identificar que a Internet tem possibilitado uma visibilidade a grupos minoritários, como as crianças, permitindo que este grupo social se engaje em ações que consideram relevantes, obtendo maior visibilidade de suas lutas através das redes e acessando pessoas que até então eram desconsideradas nas agendas dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Crianças. Redes sociais. Participação cívica. Ativismo. Pandemia

Abstract

The present work has as main objective to present some of the actions of children considered digital influencers (who have a wide audience on social media) to promote awareness and coping for prevent COVID-19. Data collection was carried out from a digital ethnography, analyzing the social medias and linked news in the media of 11 children from different countries (Brazil, United States, Uganda and Sweden). It was possible to identify that the Internet has enabled visibility to minority groups, such as children, allowing this social group to engage in actions that they consider relevant in an articulated way, obtaining greater visibility of their activism through social media and accessing people who until then were disregarded in the agendas of social movements.

Keywords: Children. Social media. Civic participation. Activism. Pandemic

⁴⁶ Doutoranda em Estudos da Criança, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Correio eletrônico: bianca.orrigo@gmail.com

⁴⁷ Professor Associado com Agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho / Correio eletrônico: sarmento@ie.uminho.pt

⁴⁸ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Correio eletrônico: julianapsantana@gmail.com

⁴⁹ Este trabalho foi financiado através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo principal presentar algunas de las acciones de los niños considerados influencers digitales (con una amplia audiencia en las redes sociales) para promover la conciencia y el afrontamiento del COVID-19. La recolección de datos se realizó a partir de una etnografía digital, analizando las redes sociales y noticias enlazadas en los medios de 11 niños de diferentes países (Brasil, Estados Unidos, Uganda y Suecia). Se pudo identificar que Internet ha permitido visibilizar a grupos minoritarios, como los niños, permitiendo que este grupo social se involucre en acciones que consideren relevantes, obteniendo mayor visibilidad de sus luchas y accediendo a personas que hasta ese momento estaban desatendidas en las agendas de los movimientos sociales.

Palabras llave: Niños. Redes sociales. Participación cívica. Activismo. Pandemia

INTRODUÇÃO

Ao final de 2019, o mundo foi alertado sobre um vírus que causaria a principal crise de saúde global desta geração, causando impacto nas estruturas políticas, sociais e econômicas de todos os continentes. De acordo com Adhikari et al (2020), o coronavírus (identificado como COVID-19), pertence a uma família de vírus que pode causar diferentes sintomas, como febre, pneumonia, dificuldade respiratória e infecção pulmonar, sendo constatado pelos especialistas a facilidade de propagação do vírus de pessoa para pessoa, mesmo quando não são apresentados sintomas (FARIA, 2020).

Com o aumento de casos em todo o mundo, a OMS declarou estado de emergência na Saúde Pública global, caracterizando o COVID-19 como uma pandemia em 11 de março de 2020 (WHO, 2020). Como estratégia de prevenção, a Organização buscou alertar as medidas necessárias para a população global, sendo orientado que a melhor maneira de proteção é evitar a exposição ao vírus, com uso de máscara e atenção aos hábitos de higiene pessoal, além do isolamento social como a ação mais eficaz para conter a disseminação do vírus.

Alguns países seguiram de imediato as medidas adotadas, decretando o isolamento social para contenção da doença (CARBINATTO, 2020). Entretanto, outros buscaram priorizar aspectos econômicos, decidindo contra o isolamento ou defendendo o isolamento vertical (estratégia de resguardar apenas os mais suscetíveis ao coronavírus), que comprovadamente foi avaliado por especialistas como algo inexistente e ineficaz (FERGUNSON *et al*/2020; ALMEIDA-FILHO, 2020). Por existir esse conflito entre o plano da saúde pública e da economia, o que seria incoerente, já que só é possível garantir a economia garantindo a vida das pessoas, alguns países que resistiram as recomendações da OMS foram os mais prejudicados. Os Estados Unidos, Reino Unido, Brasil e a Itália foram alguns dos países que mais reagiram contra as medidas e foram os locais onde houve maior número de mortes de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020).

Existe uma discussão recente sendo realizada a partir de um estudo publicado pelo The Lancet Journal, onde foi apontado por Horton (2020) que o novo coronavírus, em conjunto com falhas no sistema de saúde pública e aumento de doenças crônicas, pode ser considerado uma sindemia e não uma pandemia, já que o que tem acontecido é reflexo das desigualdades sociais existentes, em especial para grupos étnicos minoritários, idosos e trabalhadores mal remunerados que não têm acesso a recursos adequados. De acordo com o autor “a agregação dessas doenças em um contexto de disparidade social e econômica exacerba os efeitos adversos de cada doença separada” (HORTON, 2020, p.874). Já para Mendenhall (2020), denominar o novo coronavírus de sindemia global é equivocado, pois em outros contextos sociais diferentes dos EUA, como a Nova Zelândia, houve uma boa resposta na prevenção e contenção do COVID-19. O que é possível identificar, é que, de fato, países com contextos de maior vulnerabilidade e desigualdade social, e onde houve uma crise das lideranças políticas sobre como gerenciar a contenção da doença, estão sendo os mais afetados. Até o presente momento houve 4.713.543 mortes em 220 países de acordo com a Organização Mundial de Saúde.

Em relação ao impacto da pandemia na vida das crianças, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2020) afirma que 99% das crianças em todo o mundo (2,34 bilhões) vivem em um dos 186 países que estão com alguma forma de restrição devido à COVID-19. De acordo com o relatório mencionado, (60%) das crianças vivem em um dos 82 países em confinamento total (7%) ou parcial (53%), representando 1,4 bilhão de vidas (UNICEF, 2020). O objetivo principal, de acordo com o UNICEF, é, neste momento, preservar a saúde das crianças, mantendo-as saudáveis e, principalmente, buscando alcançar aquelas que se encontram em regiões mais vulneráveis e que necessitam do acesso a água, condições básicas de higiene e saneamento, além de oferecer suporte para suas famílias.

Por as crianças vivenciarem diferentes trajetórias em decorrência da desigualdade social instalada em contextos sociais tão distintos, estas continuam sendo invisibilizadas (SARMENTO, 2007) nas ações estruturadas para o enfrentamento da pandemia. Em países mais pobres, crianças que não tem acesso à Internet ou a dispositivos eletrônicos não estão assistindo as aulas. Somado a isso, com o fechamento das escolas, as crianças mais vulneráveis têm dificuldades em ter acesso a alimentação (MACHADO, 2020), além das situações de violência e abuso ficarem mais camufladas. De acordo com Marques et al (2020), com as medidas de isolamento social, houve um aumento de casos de violência contra a mulher e contra crianças em diferentes países como Brasil, China, Estados Unidos, Reino Unido e França. Os autores apontam algumas consequências a nível social (escola), comunitário (competição por recursos, principalmente na área da saúde), relacional (sobrecarga de trabalho) e a nível individual, especialmente relacionado a saúde mental (agravamento de doenças preexistentes, comportamentos agressivos ou irritabilidade com as restrições) das crianças durante este período.

A escola é avaliada com um papel fundamental para identificar e notificar situações de violência contra crianças durante este período, sendo apontada a importância de um olhar atento, em especial dos/as

educadores/as, para acionar a rede de proteção (PLATT; GUEDERT; COELHO, 2020). Entretanto, isso se torna ainda mais um desafio já que, de acordo com a UNICEF (2020), existe uma estimativa que 154 milhões de crianças na América Latina e Caribe estão sem acesso às aulas devido às medidas de isolamento social. Em agosto de 2020, a UNICEF divulgou um novo relatório afirmando que um terço das crianças em idade escolar, ou seja, 463 milhões de crianças do mundo, foram incapazes de acessar o ensino remoto desde que houve o fechamento das escolas.

A partir de uma análise globalmente representativa (100 países) sobre a disponibilidade de tecnologia doméstica e ferramentas necessárias para o aprendizado remoto entre crianças com diferentes faixas etárias, foi identificado pela UNICEF (2020) que, mesmo quando as crianças têm acesso à tecnologia e a dispositivos em casa, elas podem não ser capazes de aprender devido a fatores provenientes da casa, incluindo pressão para realização de atividades domésticas, ser forçada a trabalhar, viver em um ambiente negativo para aprendizagem e falta de suporte para compreensão dos currículos *online*. Os países do continente africano e asiático foram avaliados no relatório com o maior número de alunos/as incapazes de acessar o ensino e aprendizagem remota.

Na Noruega, país mais desenvolvido do mundo, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (2020), as medidas de isolamento foram realizadas de imediato e o acesso à Internet e a dispositivos eletrônicos para ter acesso às aulas não é um problema para as crianças. Além disso, existem diferentes ações sendo realizadas com o intuito de ouvi-las sobre os seus receios em relação ao momento que está sendo vivido em decorrência do COVID-19. A primeira-ministra Erna Solberg realizou uma conferência de imprensa infantil (SCANDINAVIAN WAY, 2020) para responder às dúvidas das crianças sobre o que está acontecendo. Acompanhada pelo ministro das Crianças e da Família e pela ministra da Educação, foram respondidas perguntas sobre a pandemia e receios identificados pelas crianças neste período.

A disparidade entre as ações e recursos oferecidos por países desenvolvidos no momento em que se vive uma crise com impactos socioeconômicos tão devastadores, principalmente para grupos minoritários como as crianças, demonstra que elas estão ainda mais invisibilizadas em decorrência da pandemia. Na maioria dos países, as necessidades das crianças para além do acesso às aulas não estão sendo apontadas como prioridade, inclusive por as crianças não serem identificadas como grupo de risco em relação à doença (CHOI et al, 2020) elas estão apenas confinadas em casa, não sendo avaliadas outras necessidades e como elas podem contribuir neste momento.

Mesmo com mudanças significativas na concepção do que é infância no ocidente, em especial a partir das contribuições da Sociologia da Infância, prevalece uma visão da criança como alguém considerada incapaz e que deve ser protegida a partir do que é avaliado pelos adultos como adequado. Qvortrup (2010), aponta que sustentar esta concepção de afastar as crianças da economia e política é irreal, já que elas devem ser parte de um projeto para construção do futuro. Autor (2005) reforça que esta

concepção, em conjunto com questões relacionadas a classe, gênero e cultura, oprimem socialmente a infância, sendo necessário pensar através de uma perspectiva crítica, articulando investigações participativas com ações promovidas na estrutura social. Com as alterações realizadas de forma tão repentina nos hábitos e modos de vida cotidiano, as crianças buscam através das redes sociais compartilhar ações e reflexões sobre o que tem acontecido, bem como estratégias de mobilização para contribuir para a prevenção da doença sem sair de suas casas.

Esta forma de mobilização *on-line* não é algo novo e que surgiu em decorrência da pandemia. Para Livingstone (2013), atualmente houve uma reorganização das esferas sociais, familiares, do entretenimento, da rotina das crianças, que foram sendo alteradas e conduzidas através da Internet e para a Internet. A autora aponta que, enquanto antigamente as crianças esperavam e se acomodavam à cultura dos adultos, hoje, com as tecnologias de informação e comunicação, elas são consideradas pioneiras na exploração desses espaços, permitindo a estes sujeitos oportunidades digitais que proporcionam o desenvolvimento da identidade, socialidade, aprendizado e participação.

Por as redes sociais serem espaços cada vez mais acessados por crianças, estes ambientes promovem interações e articulações para diferentes questões que as interessam. Através destes espaços, essas crianças têm alcançado um número considerável de seguidores em suas plataformas, sendo nomeadas pela indústria cultural de *digital influencers*, pela ampla visibilidade e influência que possuem no comportamento de seus pares com o conteúdo que publicam.

Esta participação tem sido cada vez mais relevante para alertar sobre problemas sociais que estão ocorrendo a nível local e global e, através da Internet, pessoas estão tendo a oportunidade de se manifestar e criar comunidades tanto *on-line* como *off-line* para lutar por seus direitos e expressar sua indignação com injustiças sociais que acontecem ao redor do mundo. De acordo com Pathak (2013), o ativismo digital utiliza as redes sociais para promover uma comunicação mais rápida e eficaz com movimentos sociais e com uma ampla audiência. De acordo com o autor, as plataformas digitais são usadas em todo o espectro do ativismo *online*, e isso envolve desde campanhas políticas locais a movimentos sociais globais.

Houve um período em que a expressão “ativismo de sofá” foi bastante utilizada, mas muitas vezes em um tom pejorativo para criticar as ações realizadas pela nova geração, sendo essa estratégia apontada como uma forma de enfraquecimento das ações e protestos que são realizados em espaços públicos. Entretanto, o filósofo e sociólogo Pierre Levy, referência na área da cibercultura, foi questionado em uma entrevista sobre o ativismo de sofá e legitimou essa ação como válida, reforçando que os movimentos democráticos através da rede permitem uma inteligência coletiva mais habilidosa, reflexiva e que vai permitir uma maior transparência dos governos em diferentes âmbitos (LUPION, 2013).

Para Dencik e Wilkin (2018), os modos digitais de ativismo permitem estratégias mais espontâneas e inclusivas, diferentes de uma forma de organização política tradicional que necessita, em muitos casos, de uma hierarquia e estrutura mais rígida para promover uma mudança social. Através da realização e participação em abaixo-assinados, petições *online*, fóruns e redes sociais, é possível ter uma organização com pessoas de diferentes lugares do mundo e permitir que essas vozes, principalmente de grupos minoritários como as crianças, sejam ecoadas e ouvidas e compartilhadas, em especial em um momento em que a única estratégia segura de mobilização é através da Internet.

No que se refere a essa participação e mobilização *on-line*, de acordo com Cohen e Kahne (2012), crianças e jovens que se engajam na política participativa digital têm muito mais probabilidade de se engajar na participação política *offline*. Para os autores,

Políticas participativas são atos interativos, baseados em pares, não guiados por deferência a elites ou instituições formais e destinados a abordar questões de interesse público. Embora a política participativa possa ser praticada *offline*, esses atos são frequentemente facilitados por meio de plataformas *online*. Os exemplos incluem iniciar um novo grupo político *online*, escrever e divulgar um *blog* sobre uma questão política, encaminhar um vídeo político engraçado para a rede social de alguém ou participar de um *slam* de poesia. A política participativa fornece uma maneira em que indivíduos e grupos podem potencialmente exercer voz e influência (COHEN; KAHNE, 2012, p.02).

Crianças que são acompanhadas por suas produções na Internet e fora dela ocuparam diferentes espaços na rede para sensibilizar sobre a contenção do vírus. Neste trabalho, serão apresentadas as ações de algumas crianças que possuem o status de *digital influencers*, e que tem utilizado sua influência e visibilidade na rede para realizar mobilizações que promovam informação sobre formas de prevenção e estratégias de enfrentamento do COVID-19.

METÓDO

A presente investigação é resultado de um estudo elaborado para a tese de doutorado “Participação cívica de crianças em espaços on-line: A ocupação das redes sociais por crianças digital influencers”. Em decorrência da pandemia, foi avaliada a importância de investigar as ações das crianças durante este período, sendo coletado os dados por meio de uma etnografia digital, que permite analisar "fenômenos digitais e a possibilidade de serem compreendidos em suas próprias experiências" (FERRAZ, 2019, p. 54). As crianças apresentadas nesta investigação foram acompanhadas por meio de diferentes plataformas (*Instagram, Twitter, Tiktok e Youtube*), e a seleção dos participantes foi concebida de forma a que, ao adicionar um perfil, o algoritmo sugeriu outros perfis semelhantes de crianças ativistas e influenciadoras de diferentes países, sendo identificadas através de uma análise destes perfis e notícias vinculadas na mídia quais crianças estavam promovendo ações de prevenção e estratégias de enfrentamento do COVID-19. Além disso, foram selecionadas crianças que possuíam um número de seguidores acima de 5 mil pessoas em uma de suas redes sociais. É válido salientar que a condução da etnografia da presente investigação foi realizada a partir do que é proposto por Morton (2001), que aponta que uma das formas de utilizar esse método é através de uma análise distante (*distanced research*), sendo efetuada uma observação não participante das interações e publicações dos participantes em determinados ambientes *on-line*.

Neste trabalho, serão apresentadas as ações de onze crianças (sete do gênero feminino e quatro do gênero masculino), sendo identificadas pela raça (atribuída pela pesquisadora) e país de origem. Considerando que o acesso à internet e às plataformas digitais não está disponível para todos, pode-se afirmar, através de notícias vinculadas na mídia e informações acerca dos responsáveis por essas crianças, que estas em sua maioria são famílias da classe trabalhadora autônoma, demonstrando, serem de classe média.

Analisou-se o tipo de interação que produzem com os seguidores (crianças e adultos), o tipo de conteúdo que publicam regularmente, as entrevistas para a mídia, bem como as ações das crianças relacionadas à pandemia com empresas e organizações não governamentais. Conforme apontado por Standlee (2017), a prática de coleta de dados em ambientes digitais difere dos levantamentos presenciais, sendo as observações concentradas por meio de dados públicos disponibilizados na Internet. O foco desta análise etnográfica são as publicações referentes ao contexto da pandemia, iniciando observações e registros de março a dezembro de 2020. Os dados coletados serão apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Europa, Greta Thunberg, uma ativista climática sueca, branca, de 17 anos, que ficou mundialmente conhecida ao criar o movimento “fridaysforfuture”, onde todas as sextas-feiras realiza manifestações para o combate à crise climática, também promoveu, em parceria com a UNICEF, uma campanha para salvar e proteger as crianças mais vulneráveis afetadas pelo coronavírus. Em um comunicado divulgado pela Unicef (2020), Greta afirma que

como a crise climática, a pandemia do coronavírus é uma crise nos direitos da criança. Afetará todas as crianças agora e a longo prazo e serão os grupos vulneráveis mais impactados. Peço a todos que se unam a mim para apoiar o trabalho vital da UNICEF para salvar a vida das crianças, proteger a saúde e dar continuidade à educação (UNICEF, 2020).

Além da divulgação da campanha, a ativista doou um prêmio de 100.000 dólares que ganhou do Unicef para a luta contra o coronavírus. Ela também recebeu o prêmio de Embaixadores da Consciência, realizado pela Anistia Internacional. Até o presente momento, ela possui 04 milhões de seguidores no *Twitter* e mais de 10 milhões de seguidores no *Instagram*. Através dessas plataformas, ela promove mobilizações ao redor do mundo contra a crise climática e publica informações sobre o que tem acontecido em diferentes países, bem como seus discursos sobre a importância da mobilização política e social para providenciar ações efetivas contra as mudanças climáticas.

Greta é uma das crianças mais influentes na atualidade, sendo possível identificar através dos seus perfis como outras crianças visualizam a sua luta e ativismo como essencial para o enfrentamento da crise climática e da pandemia. Em publicação recente no *Twitter*, Greta escreveu “*Solidariedade, ciência e bom senso devem estar sempre em primeiro lugar em todas as crises. Proteja as pessoas mais afetadas e vulneráveis, tanto a longo prazo como a curto prazo. Então, mais uma vez, vamos todos agir com responsabilidade. #achataracurva #lutecontratodasacrises*” (UNICEF, 2020). Esse *tweet* teve mais de 8300 curtidas, 1281 compartilhamentos e 108 comentários.

Nos comentários, constam mensagens como “*quando adolescentes estão se conscientizando e não apenas espalhando o alerta entre as pessoas, você sentirá que existe uma oportunidade para este planeta prosperar*”. Esta mensagem foi enviada por um garoto do Iraque, de 16 anos, na postagem realizada por Greta. Em outra mensagem recebida, outra criança afirma “*Eu te amo, Greta, você faz mais sentido do que a maioria dos humanos*”. Embora a maioria dos comentários sejam positivos e gerem uma discussão sobre o tema, outros buscam minimizar as ações da ativista: “*Você não tem dever de casa pra fazer? As provas de dezembro estão se aproximando, vá estudar*”. Logo abaixo deste comentário, um adulto respondeu “*Por que estudar quando você recebe milhões?*” com uma nova resposta “*hahaha, ela está sendo paga pra ter acessos de raiva*”. É possível identificar que Greta é uma das crianças que mais

recebe comentários ofensivos ou que questionam sua postura nas redes sociais, sendo em sua maioria mensagens enviadas por adultos ou por perfis falsos.

Uma criança do Brasil que tem sido bastante acompanhada pelos vídeos que produz na rede é o Kaique Brito, negro, de 17 anos, residente da cidade de Salvador/Bahia. Em 2019, ele começou a compartilhar no aplicativo *TikTok*, vídeos curtos e bem-humorados fazendo dublagens de falas de personalidades, representantes políticos ou de situações de racismo. Com o governo federal brasileiro sendo contra o isolamento social, Kaique tem publicado vídeos criticando este posicionamento. Além disso, o *influencer* também produziu um vídeo intitulado “*estude, e se não tiver Internet, você que lute*”, onde criticou a decisão do Ministério da Educação do país que não queria adiar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em um momento de pandemia.

A postagem do conteúdo produzido por Kaique teve mais de 18 mil curtidas no *Twitter*, 2346 compartilhamentos e 295 comentários, sendo publicado pelos seguidores mensagens como “*Kaique, você é um mito*”, “*suas edições são incríveis*”, “*essa versão realmente ficou melhor do que a propaganda oficial...*”. Apesar da maioria dos comentários positivos, perfis que apoiam o atual governo no Brasil criticaram o vídeo.

No Brasil, por conta das desigualdades sociais, nem todos/as alunos/as estão tendo acesso às aulas, seja em função da falta de acesso à internet, ou por não possuírem dispositivos eletrônicos, ou mesmo pelo fato de que muitas escolas da rede pública de ensino não estarem realizando atividades remotas. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) avalia estudantes do ensino secundário e permite, através da realização de uma prova, o ingresso em universidades do país. Após pressão popular, em especial através das redes sociais, houve o adiamento da data para a realização do exame. Além disso, Kaique publicou um vídeo onde critica o posicionamento do presidente em incentivar o uso da Cloroquina no combate ao COVID, já que não houve comprovações científicas sobre a eficácia do medicamento em relação à doença. Atualmente, Kaique tem 119 mil seguidores no *Instagram*, mais de 161 mil seguidores no *TikTok* e 214 mil seguidores no *Twitter*. Inclusive, ao ser bloqueado pelo atual presidente do Brasil no *Twitter*, Kaique fez um vídeo celebrando com a legenda “*os dias de glória chegaram*”, e este conteúdo viralizou chegando a ter 131 mil curtidas, 11,5 mil compartilhamentos e quase 2 mil comentários. Alguns comentários recebidos foram reportados por violar os termos de uso do *Twitter*. Kaique deu entrevista para alguns veículos sobre ser bloqueado pelo presidente, considerado inadequada a atitude do atual chefe de estado. Em entrevista ao Jornal “*Extra*” (2020), o *influencer* respondeu:

Fico me perguntando o que se passa pela cabeça do presidente. Sou um adolescente de 15 anos. Que mal eu poderia fazer para ele? Assim como outros usuários do *Twitter* e do *Instagram*, faço comentários nas postagens e algumas dublagens dos discursos dele. Eu não lembro o que ele escreveu, mas eu comentei: “*Aleluia, arrepiei*” [...]. E ele, simplesmente, me bloqueou. Sinceramente, acho um absurdo o presidente bloquear as pessoas de sua rede social. Se eu pudesse conversar com ele, falaria para levar mais a sério o cargo que ocupa e

o mandaria ir trabalhar. Porque não é possível que no meio de uma pandemia ele esteja se comportando como um adolescente inconsequente (EXTRA, 2020, s/n).

Outra criança da mesma cidade de Kaique chamou atenção na rede sobre suas publicações envolvendo a pandemia. Vinícius Oliveira Santos, negro, 13 anos, tem utilizado sua plataforma para produzir vídeos com humor sobre o COVID-19. Ao criar um vídeo ligando para o coronavírus e dizendo para ele "ir embora" e deixar as pessoas em paz, e com um jeito bem-humorado, teve quase 2 milhões de acessos apenas pelo *Instagram*.

Além desta publicação, Vinícius também postou um vídeo no *Instagram*, utilizando máscara, afirmando que ouviu boatos através do *Whatsapp* que um país havia desenvolvido um "remédio" para a cura do coronavírus e que não iria disponibilizar para os brasileiros. No vídeo, Vinícius aponta que

Eu só vim aqui dizer um recado mesmo, aliás, desabafar, sabe por quê? [...] Eu ouvi boatos que um país aí inventou um remédio 100% cura do coronavírus e excluiu a gente. Aí eu falo pra vocês...Que egoísmo é esse? Que egoísmo é esse? Eles quer sair, a gente também quer, eles quer ir pra festa, a gente também quer, a gente é ser humano também viu, a gente tem vida também, viu? A gente tem escola pra estudar também, pra ser alguém na vida também, viu? Dê esse remédio pra gente, não exclua, eu não vou ficar por baixo não, com o dinheiro do meu auxílio (auxílio emergencial que está sendo disponibilizado para a população pelo Governo Federal) eu vou comprar minha passagem, vou tomar minha vacina e vou ficar imunizado do coronavírus (INSTAGRAM, 2020).

O vídeo teve mais de 700 mil visualizações e quase três mil comentários. Nos comentários, a maioria de adultos, respondeu com sorrisos e com mensagens como "*vou pegar carona dele e vou também tomar minha vacina*", "*o dinheiro do meu auxílio é pra passagem*", "*gostei da máscara, Vini! Tá no caminho certo!*". Só nesta rede social, Vinícius tem mais de 02 milhões de seguidores.

A preocupação de Vinícius ao compartilhar seu receio em não ter acesso a vacina e não poder sair de casa e voltar para a escola, refere-se a uma matéria divulgada em maio, que afirma que o Brasil pode ser um dos últimos países a receber a vacina para o COVID-19 em decorrência da falta de investimento do país e conflitos causados pelo posicionamento do Presidente da República Jair Bolsonaro sobre as medidas indicadas pela Organização Mundial de Saúde para auxiliar na contenção do vírus. Com isso, de acordo com informações disponibilizadas na mídia, o país não teria sido convidado para participar da campanha "Colaboração Global para Acelerar o Desenvolvimento, Produção e Acesso Equitativo a diagnósticos, tratamento e vacina contra o covid-19". O objetivo é reunir países e diferentes organizações com o intuito de financiar desenvolvimento da vacina e outros instrumentos contra a pandemia. Através do conteúdo disponibilizado por Vinícius, é possível identificar que há crianças estão atentas as decisões políticas que estão sendo tomadas pelo país e como elas avaliam o impacto nas suas vidas cotidianas.

MCSoffia, negra, *rappere influencer* de 17 anos, residente de São Paulo (Brasil), foi uma das convidadas, juntamente com um médico e terapeuta pela UNICEF Brasil, para participar de uma campanha da Organização intitulada #coronareal com o tema “Dá pra ficar bem em casa?” (INSTAGRAM, 2020). Foi realizada uma *live* na rede social *Instagram* e, em sua participação, a primeira dica que McSoffia buscou oferecer na *live* foi seguir as recomendações de higiene para evitar a contaminação (lavar bem as mãos, utilizar álcool gel e máscara em locais públicos, evitar contato com o rosto), sensibilizou para a importância de ter empatia com o próximo, realizando, quando possível, doações para organizações e para sua própria comunidade, e, em especial, reforçou a importância de denunciar situações de violência doméstica, já que houve um aumento no número de casos desde o início do isolamento social. Ela afirmou que “*se você é um vizinho, um parente e está percebendo que algo está acontecendo, denuncie*”.

Além disso, MCSoffia reforçou a dificuldade que crianças, em especial negras e pobres que não tem acesso a equipamentos para ter acesso as aulas, estão tendo em decorrência da pandemia, indicando a importância do suporte do Estado para minimizar estas dificuldades que ocorrem em diferentes regiões do Brasil. Como estratégia para ocupar o tempo, ela relatou sua experiência, indicando a leitura de livros, ouvir música e estar com a família, já que, de acordo com ela, muitas pessoas não podem ter um contato mais próximo e uma relação mais íntima com os pais, pois eles precisam sempre estar fora e esta pode ser uma oportunidade para aproveitar momentos em família. Ao final, ela cantou um trecho do seu mais novo single “Empoderada”. McSoffia ficou nacionalmente conhecida em 2015, ao publicar no *Youtube* e nas redes sociais seus videoclipes como “Brincadeira de menina”, “Menina pretinha” e “Minha Rapunzel tem Dread”. Atualmente ela é acompanhada por mais de 386 mil seguidores no *Instagram* e mais de 690 mil seguidores no aplicativo *Tiktok*. Nos comentários do perfil da UNICEF, pessoas enviaram mensagens como “*foi incrível, muito obrigada por todas as dicas e reflexões*”, “*foi simplesmente maravilhosa a live*”.

Fatou Ndiaye, negra, 15 anos, residente do Rio de Janeiro (Brasil), foi vítima de racismo em sua escola, através de mensagens trocadas através do aplicativo *Whatsapp*. O caso teve uma repercussão nacional no Brasil e, desde então, Fatou Ndiaye tem buscado dar visibilidade à sua luta contra o racismo e busca promover a África Arte, empresa especializada em moda, gerida por sua família. Atualmente, tem utilizado suas redes sociais para apresentar as ações positivas que têm sido realizadas por países do continente africano para a prevenção e contenção do COVID-19. Em junho, Fatou publicou que todas as máscaras compradas no site da África Arte serão destinadas para a compra de computadores e instalação de Internet para duas famílias de Belo Horizonte terem acesso à educação. Na publicação, a *influencer* relata que conheceu a história de dois garotos através do *Twitter*, que não tinham acesso a rede e não estavam conseguindo assistir as aulas on-line. “*Eu tô aqui no Rio de Janeiro eu não consigo olhar isso e ficar parada*”. Ela complementa em sua mensagem que “*o Robert a mãe dele é analfabeta e o Philip Mateus a mãe dele trabalha, não tem ninguém pra auxiliar eles*”. A publicação teve mais de 8600 likes e 157 comentários. Em sua maioria, pessoas parabenizando Fatou e se disponibilizando a ajudar as famílias mencionadas. Em sua conta no *Instagram*, ela tem sido acompanhada por mais de 107 mil seguidores e 91 mil seguidores no *Twitter*.

Eric, branco, 07 anos, de São Leopoldo/RS (Brasil), possui um canal no *Youtube* sobre poemas, meditação e espiritualidade. Com a pandemia, desenvolveu um quadro em seu canal intitulado "Jornalzinho da Quarentena", onde apresenta imagens engraçadas de como as pessoas estão buscando se proteger do vírus e indicando sua opinião ao visualizar as estratégias utilizadas pela população. Eric possui mais de 30 mil seguidores no *Instagram* e seu canal no *Youtube* tem mais de 70 mil inscritos.

Com 11 anos, as gêmeas Helena e Eduarda Ferreira (Rio de Janeiro/Brasil), negras, criadoras do canal no *Youtube* "Pretinhas leitoras", que tem como principal objetivo incentivar a leitura, em especial para crianças que moram em regiões com alto índice de violência, têm buscado, através de suas plataformas, indicar algumas dicas sobre como se proteger do coronavírus. Em um vídeo mais recente, as irmãs ensinam, em conjunto com a sua irmã mais nova, a lavar as mãos da forma adequada como medida de prevenção do COVID-19. Ao final do vídeo, reforçam a importância de ficar em casa. O canal possui mais de 29 mil inscritos e o *Instagram* das meninas é acompanhado por mais de 57 mil pessoas. Os comentários são respondidos pela mãe das crianças, que gerencia a conta do *Instagram*. As meninas publicam em grande parte conteúdos que envolvem combate ao racismo, empoderamento e conteúdo de aprendizagem para além do que é ensinado no espaço escolarizado.

Por Eric, Helena e Eduarda serem menores de 13 anos, o canal do *Youtube* dessas crianças possui os comentários desativados. Isso ocorre porque em 2019, a Comissão Federal de Comércio dos Estados Unidos (FTC) multou o *Google* por entender que o *YouTube* violou leis de proteção à privacidade das crianças (Lei COPPA). Com isso, a empresa decidiu desativar comentários, além de não permitir anúncios segmentados em conteúdo para crianças. Em comunicado, o *Youtube* informou que essas e outras medidas estão sendo tomadas com o intuito de manter a segurança das crianças na plataforma.

É válido salientar que exceto Eric, todas as outras crianças brasileiras mencionadas que produziram conteúdo sobre o COVID-19 são negras, sendo identificado a partir da análise etnográfica que de todas as crianças que foram acompanhadas estas foram as que mais promoveram em suas plataformas informações sobre a prevenção da doença. Foi possível identificar através das redes sociais destes/as influenciadores/as que a maioria das crianças são seguidas por jovens e adultos, sendo o número de curtidas maior do que o número de comentários e estes, em sua maioria, sendo positivos e reforçando as ações das crianças e suas publicações sobre o tema.

Nos Estados Unidos, especificamente em Connecticut, Charli D'Amelio, branca, 17 anos, que ficou mundialmente conhecida por ser a pessoa mais seguida através do aplicativo *TikTok*, tem sido uma *digital influencer* que tem utilizado sua visibilidade para promover ações de prevenção ao coronavírus. Com uma audiência de mais de 125 milhões de seguidores no *TikTok* e mais de 44 milhões de usuários que a acompanham pelo Instagram, a *influencer* realizou uma parceria com a UNICEF e a Organização Mundial de Saúde ensinando a como lavar as mãos, utilizando a hashtag #safehands. Este vídeo, teve

um alcance de mais de 3 milhões de visualizações e 60 mil comentários, onde crianças ao redor do mundo compartilham seus relatos sobre quais medidas estão sendo tomadas em suas casas para se protegerem do COVID-19. Alguns comentários compartilhados "*imagine ser um modelo a seguir com apenas 15 anos, Charli realmente vai longe*", "*obrigada por isso Charli, continue se cuidando*", "*olá, meu deus, estou chorando, obrigada por nos dizer como nos mantermos seguros, você é muito legal, continue agindo*" e "*eu amo que mesmo com toda a fama você ainda se importa com seus fãs*".

Além da campanha #safehands, Charli também estreou a campanha "#DistanceDance" em parceria com a marca P&G, para impulsionar doações durante a pandemia do COVID-19 para as organizações Feeding America e Matthew 25: Ministries. Ambas as organizações estão trabalhando para atender populações em risco que foram mais atingidas pela proliferação do coronavírus. Através de uma articulação entre o Governador do estado de Ohio com a marca P&G, foi proposta a participação de Charli pelo alcance que ela tem nas redes sociais. A campanha #DistanceDance teve mais de 8 bilhões de visualizações na rede. A partir dessa parceria, Charli escolheu sua cidade natal, Norwalk, para realizar uma doação de \$50.000 dólares ao Norwalk Hospital com o objetivo de garantir suprimentos essenciais para a equipe do hospital durante a crise. A *influencer* afirmou que aderiu à campanha por compreender que "*não é fácil ficar em casa quando você sente falta de seus amigos, família e vida cotidiana normal, mas agora é a melhor opção que temos para ajudar a manter as pessoas seguras e saudáveis*". Pela ampla audiência de Charli nas redes sociais, especialmente no *TikTok*, foi possível identificar que ela é a criança que mais realiza publicidades com empresas no ramo da beleza, moda e até mesmo parcerias no ramo alimentar. Ela também já fez parceria com a UNICEF em campanhas de combate ao *bullying* (Dia da Internet Segura) e divulgando o suporte que a UNICEF estava realizando para crianças e famílias após a explosão ocorrida no Líbano, em agosto de 2020.

Outra criança dos Estados Unidos que está contribuindo para informar sobre o COVID-19 é Avi Schiffmann, branco, 17 anos, residente de Washington/DC. Ele desenvolveu um site que atualiza em tempo real o avanço do coronavírus ao redor do mundo. Avi afirmou em uma entrevista ao "The NewYorker" que o objetivo era informar as pessoas, permitindo que os dados fossem acessíveis para todos. A estratégia de Avi para o site foi compilar dados de diferentes fontes como a OMS, o CDC e a Agência de Notícias Yonhap na Coreia do Sul, permitindo que as pessoas pudessem acessar, em apenas um local, o número mais recente de casos em todos os países. Seu interesse por programação começou quando ele tinha 07 anos. Com o aumento dos acessos, uma empresa contactou Avi Schiffmann para contratá-lo e para ter o controle editorial do site; No entanto, ele não aceitou a proposta.

A negativa de Avi foi alvo de críticas, e ele recebeu muitas ofensas através de suas redes sociais, mas continuou tendo controle do site. Em sua conta no *Twitter* ele publicou "*obrigado a todos por me apoiarem para manter o site sem anúncios para sempre. Nunca haverá patrocínios, pop-ups, links de referência ou anúncios indesejados de qualquer tipo. Você tem minha promessa sobre isso, e agradeço a cada um de vocês por suas doações e apoio (...)*". Em outra publicação na rede social, ele postou "*há mais na vida que dinheiro e haverá mais oportunidades de ganhá-lo, por enquanto estou promovendo um serviço para*

milhões de pessoas'. Atualmente, o site tem mais de 700 milhões de acesso e ele possui 54 mil seguidores no *Twitter* e mais de 20 mil no *Instagram*. Recentemente, Avi Schiffmann foi indicado para o prêmio de “Pessoa do ano” pelo “The Webby Awards”, premiação que é realizada desde 1996 e que busca condecorar os melhores da Internet.

Em Uganda, Leah Namugerwa, negra, é uma ativista climática de 16 anos que também tem utilizado sua plataforma para contribuir para ações de prevenção e auxílio de pessoas que mais necessitam de suporte em decorrência da pandemia. Ela ficou conhecida quando começou a liderar uma campanha para a plantação de árvores e uma petição para reforçar a proibição de sacolas plásticas em Uganda. Em entrevista realizada pelo “Independent” (CROWE, 2019), ela afirma que começou a se mobilizar sobre o tema quando tinha 13 anos, depois de assistir notícias sobre deslizamentos de terra e inundações que ocorriam em partes rurais do país. Recentemente, Leah publicou no *Twitter* uma imagem com os irmãos distribuindo alimentos em sua cidade para auxiliar as crianças que foram mais afetadas por conta do coronavírus e inundações que ocorreram em alguns locais do país. Na legenda, ela escreveu: *"Compartilhe o pouco que você tem com aqueles que precisam. Não espere pelos outros, apenas faça sua parte. Hoje estou doando mais parcelas de alimentos para as crianças famintas que foram afetadas pelo Covid-19 e pelas inundações. Estou aqui junto com meus irmãos"*. Nos comentários, pessoas parabenizam a iniciativa e buscam informações com a ativista sobre como podem ajudar e contribuir com doações. Leah Namugerwa é acompanhada por 28 mil seguidores na rede social *Twitter* e tem realizado mobilizações de forma on-line todas as sextas-feiras em conjunto com outros ativistas do movimento #fridaysforfuture.

CONCLUSÃO

A partir dos casos apresentados, identifica-se a importância das ações das crianças através de suas plataformas na contribuição e sensibilização sobre a prevenção ao COVID-19, não só com o público que as acompanha, mas também com adultos e organizações que estão identificando suas práticas como fundamentais para o enfrentamento da pandemia.

De acordo com Liebel e Gaitán (2019), as ações das crianças demonstram compromisso com a mudança política desde muito cedo e suas iniciativas se desenvolvem a partir de suas próprias trajetórias e experiências, sendo repercutido para seus pares através de suas redes sociais, influenciando outras crianças através deste compromisso pessoal. Para os autores,

(...) o apoio não pode consistir em transformar movimentos em “cúpulas infantis” para as quais as crianças são gentilmente convidadas por adultos, nem em elogiar, recompensar e expressar solidariedade. O melhor e mais eficaz apoio é para que nós, adultos, sejamos ativos e trabalhemos por um mundo com políticas melhores e mais justas. Teremos que aceitar que crianças e jovens, cujos direitos políticos ainda são muito limitados, também violem as regras e reivindiquem o direito à desobediência civil (LIEBEL; GAITÁN, 2019, p.18).

O protagonismo das crianças na rede representa um grande passo para o reconhecimento de sua participação em diferentes âmbitos sociais e políticos, já que ainda existe uma invisibilização deste grupo social no que concerne os seus direitos políticos. Com isso, é possível identificar que a Internet tem possibilitado uma visibilidade a grupos minoritários que até então não eram escutados, como as crianças, permitindo que elas possam expressar suas opiniões e preocupações em assuntos relacionados à cidadania e política, além de se engajarem em ações que consideram relevantes de forma articulada, obtendo maior visibilidade de suas lutas através das redes e acessando pessoas que até então eram desconsideradas nas agendas dos movimentos sociais. Nas postagens relacionadas à pandemia, esses/as ativistas e *digital influencers* incentivam práticas de prevenção, além de se articulam com centenas ou até mesmo milhões de seguidores, promovendo dicas de higiene, distanciamento social e doações para organizações, recebendo comentários da sua audiência sobre o que estão fazendo em suas casas e como estão contribuindo para suas comunidades minimizarem os impactos da pandemia. Torna-se necessário destacar que as crianças ativistas e digital influencers compõe uma parcela minoritária das crianças que frequentam as redes sociais. Isso significa que o alcance da ação das crianças ainda pode ser considerado limitado. As crianças que conseguem fazer seus conteúdos circularem, demonstram ter um suporte familiar que favorece não apenas as condições materiais para o acesso às redes sociais, como também o incentivo e apoio intelectual e cultural.

É importante salientar que a permanência das crianças nas redes é um dado de realidade e que existem muitos benefícios em um modo de vida em que crianças e adultos possam compartilhar opiniões, ações, formas de mobilização, modos de percepção do mundo, etc. No entanto, cabe entender que esse é um

espaço que envolve riscos, incluindo a apropriação do capital cultural e de influência das crianças por grandes corporações. As crianças precisam compreender os riscos a que estão submetidas e para isso é necessário promover espaços de conscientização e literacia digital, já que muitas crianças podem ser alvo de desinformação através das plataformas digitais e também de ofensas e violações nestes espaços, tendo muita atenção sobre os cuidados com seus dados e a sua privacidade na rede. Assim, como apontado por Pelter (2020), é fundamental se pensar em como incorporar nos currículos escolares informações de como utilizar a Internet de forma segura, ética e responsável, como uma estratégia eficaz para maximizar oportunidades e reduzir riscos nestes espaços, em especial por crianças que são acompanhadas por uma audiência tão ampla e que influenciam as ações e comportamento de seus pares. O engajamento cívico das crianças necessita ser mediado e orientado, compreendendo, assim como apresentado por Livingstone (2013), que além de reconhecer a ação das crianças e sua contribuição e produção na rede, a cultura infantil na Internet deve-se apoiar em aspetos sociais (família, escola, política) para minimizar riscos deste grupo social nos ambientes digitais.

Outro aspecto importante é que o distanciamento físico e a necessidade de comunicação através de dispositivos eletrônicos que são tão comumente utilizados por algumas crianças, deram a elas uma oportunidade de demonstrarem as suas competências e engajamento em ações políticas, especialmente na prevenção ao COVID-19. Mesmo com o desaparecimento das crianças das cidades em decorrência do fechamento das escolas e de políticas de atenção específicas para a elas, foi acompanhada uma ampliação do aparecimento da agência das crianças nas redes sociais. Ou seja, estar nas redes pode ser compreendido como uma forma de resistência deste grupo social. As crianças ainda podem ser desprovidas ou invisibilizadas no que concerne o seu direito político, mas não são desprovidas de voz e poder, como bem demonstram as crianças apresentadas nesse trabalho. Com isso, sugere-se a realização de mais estudos que possam ampliar a discussão sobre o papel das crianças ativistas e o impacto na participação infantil em questões sociais relevantes e urgentes.

REFERÊNCIAS

ADHIKARI, S. et al. Epidemiology, causes, clinical manifestation and diagnosis, prevention and control of coronavirus disease (COVID-19) during the early outbreak period: a scoping review. *Infect Dis Poverty* v. 9, n. 29, 2020. <https://doi.org/10.1186/s40249-020-00646-x>

ALMEIDA-FILHO, N. O isolamento vertical defendido por Bolsonaro é uma fraude pseudocientífica. **Associação Brasileira de Saúde Coletiva**, 2020. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opinia/o-isolamento-vertical-defendido-por-bolsonaro-e-uma-fraude-pseudocientifica-artigo-de-naomar-de-almeida-filho/48549/>>. Acesso em: 30 jun. 2020

BRITO, K. Chegando atrasado nesse audio. Salvador, 18, abril. 2020. **Twitter**: @kaiquebritor. Disponível em: <<https://twitter.com/kaiquebritor/status/1251669714369118213>>. Acesso em: 18 abr. 2020

BRITO, K. Estude!! e se nao tiver internet, você que lute!! #adiaenem. 09, maio, 2020. **Twitter**: @kaiquebritor. Disponível em: <<https://twitter.com/kaiquebritor/status/1259281674447261704?s=09>>. Acesso em: 09 mai. 2020

CARBINATTO, B. Um terço da população mundial está sob quarentena. **Super Interessante**, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/um-terco-da-populacao-mundial-esta-sob-quarentena/>>. Acesso em: 21 mai. 2020

CHOI S.H. et al. Epidemiology and clinical features of coronavirus disease 2019 in children. *Clin Exp Pediatr*. v. 63(4) p. 125-132, 2020. doi:10.3345/cep.2020.00535

COHEN, C.; KAHNE, J. Participatory politics. *New Media and Youth Political Action*. Youth & Participatory Politics Survey Project. MacArthur Research Network on Youth & Participatory Politics (YPP), University of Chicago and Mills College, 2013.

CRANE, B. The High Schooler Who Became a COVID-19 Watchdog. **The New Yorker**, 2020. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2020/03/30/the-high-schooler-who-became-a-covid-19-watchdog>>. Acesso em: 08 out. 2020

CROWE, P. As Greta Thunberg inspires a world revolution, one young Ugandan is bringing the climate fight home. **Independent**, 2019. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/climate-change/news/climate-change-leah-namugerwa-greta-thunburg-activism-protest-uganda-a9261326.html>>. Acesso em: 02 mar. 2020

DENCIK, L.; WILKIN. Digital activism and the future of worker resistance. In: Meikle, Graham ed. *The Routledge Companion to Media and Activism*, Routledge Media and Cultural Studies Companions, Routledge, p. 125-133, 2018.

FARIA, N. Estudo: testes à covid-19 deram positivo para metade das pessoas sem sintomas nem contactos de “risco”. **Jornal Público**, 2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/05/03/sociedade/noticia/covid19-testes-deram-positivo-metade-pessoas-assintomaticas-contactos-risco-1914848>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

FEDERAL TRADE COMMISSION. Children's Online Privacy Protection Rule. A Survey on Compliance, **COPPA**, 2020. Disponível em: <<https://www.ftc.gov/sites/default/files/documents/rules/children%E2%80%99s-online-privacy-protection-rule-coppa/coppasurvey.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2020

FERGUSON, N. M. et al. Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. Imperial College London, 2020. doi: <https://doi.org/10.25561/77482>.

FERRAZ, C.P. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/download/44648/pdf>. Acesso em: 23 set. 2020

FRIDAYS FOR FUTURE. Site do movimento **Fridays for Future**, 2020. Disponível em: <<https://fridaysforfuture.org/>>. Acesso em: 12 mar. 2020

G1. Adolescente ativista Greta Thunberg e movimento 'Fridays for Future' recebem prêmio de Embaixadores da Consciência, da Anistia Internacional. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/06/07/adolescente-ativista-greta-thunberg-e-movimento-fridays-for-future-recebem-premio-de-embaixadores-da-consciencia-da-anistia-internacional.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2019

HORTON. R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. The Lancet Journal. v. 396, n. 10255, p. 874, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: 13 outubro de 2020

IDH Global. Ranking dos países de maior IDH do mundo. **Índice de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020_pt.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020

LIEBEL, M.; GAITÁN, L. El poder de los niños y niñas. Notas sobre el protagonismo de movimientos infantiles en la actualidad. Revista Sociedad e Infancias e-ISSN 2531-0720, vol. 3, p. 15-20, 2019. Universidad Complutense de Madrid, Ediciones Complutense.

LIVINGSTONE, S. Children's internet culture: power, change and vulnerability in twenty-first century childhood, 2013. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/63975/>. Acesso em: 05 agosto. 2019

LUPION, B. Não sou contra o ativismo de sofá, afirma o filósofo francês Pierry Levy. **Estadão**, 2013. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-sou-contra-o-ativismo-de-sofa-afirma-o-filosofo-frances-pierre-levy,1007313>>. Acesso em: 13 abr. 2020

MACHADO, U. FAO alerta sobre crianças sem alimentos após fechamento de escolas na América Latina. **Nações Unidas**, 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707752>>. Acesso em: 27 abr. 2020

MARQUES, E. S. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36(4), n. 00074420, 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>

MAZZI, C. Violência doméstica dispara na quarentena: como reconhecer, proteger e denunciar. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus-servico/violencia-domestica-dispara-na-quarentena-como-reconhecer-protoger-denunciar-24405355>>. Acesso em: 04 jun. 2020

MENDENHALL, E. The COVID-19 syndemic is not global: context matters. *The Lancet Journal*, v. 396, n. 10264, p.1731, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32218-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32218-2/fulltext) . Acesso em: 30 de novembro de 2020

MOREIRA, A. Brasil pode ficar no fim da fila para receber vacina contra covid-19. **Valor Econômico**, 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/05/17/brasil-pode-ficar-no-fim-da-fila-para-receber-vacina-contra-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 23 jun. 2020

MORTON, H. Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. *Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices*, v. 45, n. 1, pp. 3-11, 2001.

NA NORUEGA, PRIMEIRA-MINISTRA EXPLICA O CORONAVÍRUS ÀS CRIANÇAS. **Scandinavian Way**, 2020. Disponível em: <<https://scandinavianway.com.br/noruega-primeira-ministra-explica-o-coronavirus-as-criancas/>>. Acesso em: 19 mar. 2020

QVORTRUP, J. Infância e política. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 777-792, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300006>

PATHAK, J. Digital Activism through social media; its applicability in creating political awareness in India. In: Seminário nacional sobre 'cultura popular: um cliché ou fortalecendo as massas? Departamento de Comunicação e Jornalismo, Universidade Gauhati, v. 2, 2014.

PIMENTEL, T. Analfabeta, mãe desiste de pegar material da escola do filho em BH por não poder ajudá-lo. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/19/analfabeta-mae-desiste-de-pegar-material-da-escola-do-filho-em-bh-por-nao-poder-ajuda-lo.ghtml>>. Acesso em: 07 jul. 2020

PELTER, Z. Pandemic participation: youth activism online in the COVID-19 crisis, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/globalinsight/stories/pandemic-participation-youth-activism-online-covid-19-crisis>. Acesso 14 de maio de 2020.

PLATT, V. B et al. Violência contra crianças e adolescentes: Notificações e alerta em tempos de pandemia. Revista Paulista de Pediatria, v. 39, n. e2020267. Epub, 2020. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020267>

RIGEL, R. Aos 15 anos, influencer Kaique Brito diverte as redes e irrita Bolsonaro: 'Um absurdo o presidente bloquear as pessoas'. **Jornal Extra**, 2019. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/aos-15-anos-influencer-kaique-brito-diverte-as-redes-irrita-bolsonaro-um-absurdo-presidente-bloquear-as-pessoas-24477823.html>>. Acesso em: 19 jun. 2020

SANTOS, B.S; MENESES, M.P. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, A.P. Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 16 ago. 2020

SARMENTO, M.J. Geração e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, v. 29, n. 91, p. 361-378, 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13 de outubro 2020

SARMENTO, M.J. “Visibilidade Social e Estudo da Infância” In: VASCONCELLOS, V. M. R; SARMENTO, M.J (org.) (2007). Infância (in)Visível. Araraquara. Junqueira & Marin, 2007, p. 25-49.

SIVITANIDES, M. The Era of Digital Activism. *Conference for Information Systems Applied Research*. Wilmington North Carolina, USA, v. 4 n. 1842, p. 01 – 08, 2011.

STEIN, L. P&G, Tiktok and Grey make a difference with #DistanceDance campaign. PR Week, 2020. Disponível em: <<https://www.prweek.com/article/1679533/p-g-tiktok-grey-difference-distancedance-campaign>>. Acesso em: 14 ago. 2020

STANDLEE, A. Digital Ethnography and Youth Culture: Methodological Techniques and Ethical Dilemmas. IN: Researching Kids and Teens: Methodological Issues, Strategies, and Innovations: Sociological Studies of Children and Youth. CASTRO, I.; SWAUGER, M.; HARGER, B. v. 22, p. 325-348, 2017. <https://doi.org/10.1108/S1537-466120180000022015>

UNICEF. Não permitam que crianças sejam as vítimas ocultas da pandemia de Covid-19. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados>>

de-imprensa/nao-permitam-que-criancas-sejam-vitimas-ocultas-da-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 18 abr. 2020

UNICEF. Covid-19: Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe, estima o UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, 2020b. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-por-cento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe>>. Acesso em: 12 mai. 2020

UNICEF. COVID-19: As crianças são capazes de continuar aprendendo durante o fechamento da escola? **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, 2020. Disponível em: <<https://data.unicef.org/resources/remote-learning-reachability-factsheet/>>. Acesso em: 21 set. 2020

UNICEF. Greta Thunberg e a ONG Human Act lançam uma campanha de coronavírus impulsionada pelos direitos da criança para a UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/timorleste/press-releases/greta-thunberg-and-ngo-human-act-launch-child-rights-driven-coronavirus-campaign>>. Acesso em: 17 mai. 2020

WHO. Novel Coronavirus (2019-nCoV). Situation Report. **Organização Mundial de Saúde**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4>. Acesso em: 10 mai. 2020

WHO. Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). **Organização Mundial de Saúde**, 2020. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 30 jun. 2020

YOUTUBE. More updates on our actions related to the safety of minors on YouTube. **YouTube Team**, 2019. Disponível em: <<https://blog.youtube/news-and-events/more-updates-on-our-actions-related-to/>>. Acesso em: 23 abr. 2020

Minicurriculo da autora e co-autores

Bianca Orrico Serrão

Psicóloga, Mestre em Temas de Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de Coimbra e aluna do doutoramento em Estudos da Criança no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Atuou no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte do Estado da Bahia e atualmente faz parte da equipe técnica da Safernet Brasil. Áreas de investigação: infância e políticas públicas; culturas infantis, cibercultura.

Professor Doutor Manuel J. Sarmiento

Professor Associado com Agregação do Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho. Foi Diretor do Programa de Doutoramento em Estudos da Criança (2004-2011) e do Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho (2010-2013). É membro de várias organizações científicas internacionais (International Sociological Association e Association International de Sociologues de Langue Française). Membro do comité de recherche em Sociologie de l'Enfance e da Direção da AISLF (2009-2012). Também é Diretor da Revista Investigar em Educação, da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Foi membro do Conselho Nacional da Educação de Portugal. Áreas de investigação: infância e políticas públicas; culturas infantis e interculturalidade, etc. É autor ou coautor de vários livros e artigos na área da Sociologia da Infância.

Professora Doutora Juliana Prates Santana

Psicóloga, Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho. Áreas de investigação: abordagem ecológica do desenvolvimento humano, crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, uso e abuso de substâncias psicoativas entre crianças e adolescentes, direitos da criança e sociologia da infância.

ARTIGO IV - DOS "*LIKES*" À LUTA: PARTICIPAÇÃO CÍVICA DE CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS NA PROMOÇÃO DE DIREITOS

<https://doi.org/10.5209/soci.78275>

Dos "likes" à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos

Bianca Orrico Serrão⁵⁰, Manuel Jacinto Sarmento⁵¹ e Juliana Prates Santana⁵²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a atuação digital de sete crianças brasileiras (cinco meninas e dois meninos) que produzem conteúdos para a Internet, ligados à educação e à promoção e defesa de direitos. Para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que versavam sobre as trajetórias dessas crianças, o seu envolvimento com as diversas pautas de luta, assim como as estratégias utilizadas para lidar com o status de influenciadores digitais. Somado a isso, foi realizada uma etnografia digital, com o intuito de acompanhar o conteúdo produzido pelas crianças e a interação com os seguidores através das plataformas digitais (Instagram, Twitter e Tiktok) por um período de 24 meses. Para fundamentar a presente investigação, foi utilizado como marco teórico estudos na área da Sociologia da Infância e investigações que abordam temáticas sobre a cibercultura. Os resultados permitem compreender que a presença das crianças na Internet não se limita ao consumo e reprodução de conteúdos supostamente exclusivos do universo infantil. De fato, as crianças atuam, e em muitos momentos se percebem, enquanto sujeitos políticos, que almejam a transformação social. As crianças pautam temas como a importância da representatividade, a necessidade de uma educação antirracista, o empoderamento feminino, assim como se posicionam contra todas as formas de discriminação e exclusão. Nesse sentido, a Internet, enquanto espaço público, possibilita a participação e o envolvimento das crianças em temas relevantes e atuais, permitindo ainda o reconhecimento das mesmas como sujeitos políticos.

Palavras-chave: infância; trajetórias; redes sociais; participação cívica

⁵⁰ Doutoranda em Estudos da Criança, Instituto de Educação da Universidade do Minho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2777-9881> /
Correio eletrónico: bianca.orrigo@gmail.com

⁵¹ Professor Associado com Agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9498> /
Correio eletrónico: sarmento@ie.uminho.pt

⁵² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-3352-9598> / Correio eletrónico: julianapsantana@gmail.com

[es] De los "*likes*" a la lucha: La participación ciudadana de los niños en las redes sociales en la promoción de derechos

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el desempeño digital de siete niños brasileños (cinco niñas y dos niños) que producen contenidos para Internet, vinculados a la educación y la promoción y defensa de derechos. Para alcanzar los objetivos se realizaron entrevistas semiestructuradas que abordaron las trayectorias de estos niños, su implicación con las distintas agendas de lucha, así como las estrategias utilizadas para afrontar el estado de los influencers digitales. Sumado a esto, se realizó una etnografía digital, con el fin de monitorear el contenido producido por los niños y la interacción con los seguidores a través de plataformas digitales (Instagram, Twitter y Tiktok) por un período de 24 meses. Para sustentar esta investigación, se utilizaron como marco teórico estudios en el campo de la Sociología de la Infancia e investigaciones que abordan temas sobre cibercultura. Los resultados permiten entender que la presencia de niños en Internet no se limita al consumo y reproducción de contenidos supuestamente exclusivos del universo infantil. De hecho, los niños actúan, y en muchos momentos se perciben a sí mismos, como sujetos políticos, que apuntan a la transformación social. Los niños discuten temas como la importancia de la representación, la necesidad de una educación antirracista, el empoderamiento de la mujer y la lucha contra todas las formas de discriminación y exclusión. En este sentido, Internet, como espacio público, posibilita la participación e involucramiento de los niños en temas relevantes y actuales, permitiendo también su reconocimiento como sujetos políticos.

Palabras clave: infancia; trayectorias; redes sociales; participación cívica

[en] From "*likes*" to fight: Children's civic participation in social medias for the promotion of rights

ABSTRACT

This work aims to reflect on the digital performance of seven Brazilian children (five girls and two boys) who produce content for the Internet, linked to education and the promotion and defense of rights. In order to reach the objectives, semi-structured interviews were carried out that dealt with the trajectories of these children, their involvement with the various fight agendas, as well as the strategies used to deal

with the status of *digital influencers*. Added to this, a digital ethnography was carried out, in order to monitor the content produced by the children and the interaction with followers through digital platforms (Instagram, Twitter and Tiktok) for a period of 24 months. To support this investigation, studies in the field of Sociology of Childhood and investigations that address issues on cyberculture were used as a theoretical framework. The results allow us to understand that the presence of children on the Internet is not limited to the consumption and reproduction of contents supposedly exclusive to the children's universe. In fact, children act, and in many moments they perceive themselves, as political subjects, that they aim at social transformation. The children discuss themes such as the importance of representation, the need for anti-racist education, female empowerment, as well as taking a stand against all forms of discrimination and exclusion. In this sense, the Internet, as a public space, enables the participation and involvement of children in relevant and current issues, also allowing their recognition as political actors.

Keywords: childhood; trajectories; social media; civic participation

Sumário. 1. Introdução. 2. Abordagem Metodológica. 3. Resultados e discussão. 3.1 Temáticas abordadas. 3.2 Motivação para a criação do conteúdo. 3.3 Ser ativista e influenciador digital. 3.4 Impactos negativos 4. Considerações finais. 5. Referências.

INTRODUÇÃO

A presença das crianças⁵³ na Internet muitas vezes é analisada sob forte suspeição, sendo constantemente destacados os perigos dos meios digitais, as violações de direitos e os efeitos negativos nas suas constituições psíquicas e sociais (Caetano, Miranda e Soromenho, 2010; Soares, 2011; Câmara, et al, 2020). De acordo com Dornelles (2005), existe na contemporaneidade uma cyber-infância, uma infância que está vinculada com as tecnologias e que em algumas situações ainda é avaliada como arriscada pelos adultos, que ficam receosos de não conseguir controlar ou governar estas crianças. No sentido contrário a essa tendência e sem ignorar as evidências dos riscos e perigos existentes, o presente trabalho visa discutir a ação política das crianças nos ambientes digitais, especificamente daqueles que desempenham um papel de ativistas com status de influenciadores digitais.

⁵³ É válido ressaltar que o conceito de criança presente nesta investigação utiliza como base a Convenção sobre os Direitos da Criança, que considera a criança como todo ser humano com menos de 18 anos de idade.

Os ambientes digitais possibilitam a criação de comunidades que compartilham interesses e promovem política de uma forma ampla, permitindo a participação de todas as pessoas que têm acesso a rede e as tecnologias (Lévy, 1999). Na presente pesquisa, foram investigadas crianças que produzem e/ou promovem ativismo sobre diferentes causas sociais através da Internet.

De acordo com Sivitanides e Shah (2011), a expressão “ativismo digital” é a que descreve de forma mais confiável esse movimento, já que permite uma compreensão em maior escala do que se configura o ativismo na contemporaneidade através das redes sociais. Para os autores, a sociedade tem utilizado cada vez mais os dispositivos e ferramentas disponíveis para promover política (Sivitanides e Shah, 2011). É possível identificar que em algumas pautas promovidas na rede, existe um número considerável de pessoas que começam a se engajar e participar do debate e das articulações para lutar por uma transformação social. Uma questão importante mencionada por George e Leidner (2018), é que é necessário que as organizações políticas motivem os cidadãos não só a inicialmente participar, mas manter essa participação, promovendo uma oportunidade de mobilização e organização mais direta nas ações políticas realizadas para suas comunidades ou para a sociedade como um todo.

Em relação ao ativismo local e global mencionado acima, é possível identificar uma interação complexa entre eles, já que de acordo com Mora (2014), o local pode ser caracterizado pelas experiências vividas, as dificuldades sociais, intolerância, corrupção, pobreza e fundamentalismo religioso. Já o global, expõe esta nova geração a novas culturas, conexão com pares em todo o mundo, diversidade, novas percepções de vida e consciência sobre questões sociais. Essas novas ativistas digitais tem uma perspectiva de rede global sem perder a compreensão de suas realidades, lutas e culturas locais. Para o autor, a geração atual tem sido principalmente orientada para a realização de tarefas aparentemente lúdicas (como jogar, navegar, compartilhar, enviar mensagens, postar, ouvir músicas, ou seja, interagir com as mídias apenas por diversão). Entretanto, através de familiaridade e experiência com o uso das tecnologias e redes sociais, crianças e jovens, que são os grupos sociais mais ativos nas redes sociais, têm utilizado estes espaços para práticas de ativismo, fornecendo nesses novos ambientes uma mobilização, participação, organização e liderança social para lutar por questões sociais que envolvem seus cotidianos.

Girges (2013) reforça que com a ampliação do acesso às tecnologias e o crescimento das redes sociais na contemporaneidade, foi possível identificar que estes espaços se tornaram relevantes para a discussão de diferentes tópicos que vão além das preocupações com o trabalho, escola ou família, permitindo unir pessoas para expressar opiniões sobre questões políticas e sociais de forma rápida e acessível. Assim como apontado por Sivitanides (2011), a comunicação digital se tornou uma ferramenta

fundamental e estratégica para a mobilização social, já que a nossa capacidade de comunicar, aprender, colaborar foi ampliada pelas TDICs, permitindo com que atos individuais na rede sejam articulados e integrados e promovam de fato uma mudança em diferentes esferas sociais.

Com isso, é possível identificar que a Internet tem possibilitado uma visibilidade a causas sociais e a grupos minoritários que até então não eram escutados, permitindo uma articulação para promover suas lutas de forma mais ampla e acessível para pessoas de diferentes lugares. No caso das crianças, percebe-se que elas ainda se encontram invisibilizadas, em especial no que se refere à sua participação na vida comunitária e política (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007), mesmo com todos os avanços no que concerne os seus direitos. Nesse sentido compreende-se que estes espaços têm sido fundamentais para a organização e participação coletiva⁵⁴ deste grupo social nas políticas públicas. Essas crianças que promovem e criam conteúdos relacionados a diferentes causas sociais, muitas vezes são acompanhadas através de suas plataformas por centenas ou milhares de seguidores, alcançando o *status* de influenciadores digitais. De acordo com Francalanci e Hussain (2015), este conceito pode ser definido como pessoas que através de suas redes sociais incentivam ou influenciam suas audiências (que muitas vezes é bastante ampla), promovendo um impacto social através da mensagem que compartilham. Estas crianças têm se tornando referência ao falar sobre temáticas que envolvem, por exemplo, educação, racismo, feminismo e crise climática, realizando, inclusive, parcerias com empresas e organizações como uma estratégia de fomentar discussões que consideram relevantes não só com seus pares, mas com toda a sociedade.

A partir disso, esse estudo almeja apresentar as trajetórias de crianças ativistas e influenciadoras digitais, buscando compreender como foi a escolha e o envolvimento com as diversas pautas de luta, assim como as estratégias que elas utilizam para lidar com esse papel, que passaram a assumir nas redes. Além disso, busca-se contribuir para uma ampliação do conhecimento acerca do tema, tornando-se fundamental, a partir das informações disseminadas na pesquisa, analisar os benefícios e possíveis riscos da participação dessas crianças na rede.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Com o intuito de identificar crianças brasileiras que desempenham um ativismo digital em defesa da educação, cultura e direitos humanos, foi realizada uma etnografia digital durante um período de 24

⁵⁴ Disponível em: <https://www.brandwatch.com/blog/march-for-our-lives-social-media/> <https://www.fridaysforfuture.org/> / <https://observador.pt/2019/05/24/e-nossa-responsabilidade-estar-aqui-milhares-de-jovens-pararam-lisboa-em-defesa-do-planeta/>

meses nas principais plataformas digitais, nomeadamente TikTok, Instagram e Twitter. Para a seleção das crianças participantes, utilizou-se como critérios, as temáticas abordadas pelas crianças em suas postagens e o número de seguidores, que deveria ser acima de cinco mil. Foram identificadas 12 crianças, sendo enviados convites através dos e-mails comerciais e via direct do Instagram. As setes crianças que responderam afirmativamente assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de autorização para o uso de imagem, sendo que a pesquisa segue todos os protocolos éticos da Resolução de Pesquisa com seres humanos (Resolução 510/16) e foi aprovada pelo Comitê de Ética (Parecer Número 4.425.394). É válido salientar que o intuito de apresentar o nome das crianças nesta investigação foi consentido por elas e tem o objetivo de ampliar ainda mais a visibilidade de suas ações, além de identificar essas crianças enquanto sujeitos políticos, que tem buscado promover uma transformação social a partir do que produzem na rede.

As sete crianças participantes da pesquisa são Clara Beatriz (@projetocasinhadelivros), Catarina (@catmatmatematica), Adriel (@livrosdodrii), Kaique (@kaiquebritor), MC Soffia (@mcsoffia), Helena e Eduarda (@pretinhasleituras). Elas têm idades entre 12 e 17 anos, sendo 05 do gênero feminino e 02 do gênero masculino. Em relação à cor destes participantes, seis se identificam enquanto pretos e um se identificou como branco. Três das crianças são da Bahia, duas do Rio de Janeiro e duas de São Paulo, sendo que a maioria das crianças iniciou suas atividades nas redes sociais por volta dos nove anos.

Em função da pandemia do Corona Vírus e a necessidade de distanciamento físico, as entrevistas foram realizadas através do Google Meet, em dia e horário definidos pelos/as participantes. As entrevistas tiveram uma duração entre 35 minutos e duas horas, sendo que em apenas em uma das entrevistas houve a participação da genitora das crianças. As entrevistas foram gravadas, sendo transcritas e depois submetidas a análise de conteúdo temática (Bardin, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente será apresentado o perfil das crianças entrevistadas e quais ações elas têm realizado na rede para promover educação e direitos. Em seguida serão apresentados os eixos temáticos que foram elaborados a partir das entrevistas, sendo estes articulados com a literatura que fundamenta a pesquisa.

Adriel Bispo (@livrosdodrii)

13 anos, se autodeclara negro e é de Salvador (Bahia). Produz majoritariamente conteúdos relacionados à leitura, com foco em obras que abordam temas sobre educação antirracista, feminismo, além de também produzir postagens sobre saúde mental, incentivo à leitura, bem como resenhas de livros e filmes relacionados ao gênero de fantasia e ficção científica. Adriel foi eleito embaixador da amostra literária de sua cidade e atualmente foi contratado para apresentar um programa no canal GNT (Rede Globo). O influenciador e ativista é seguido por mais de 563 mil pessoas na rede social Instagram.

Kaique Brito (@kaiquebritor)

17 anos, se autodeclara negro, também é de Salvador (Bahia) e ficou nacionalmente conhecido por publicar um vídeo satirizando um discurso sobre “racismo reverso”, além de publicações dublando discursos com falas controversas e equivocadas de políticos, celebridades e anônimos no aplicativo Tiktok. Atualmente, Kaique possui um *podcast* em parceria com a Globoplay, onde ele e diferentes convidados abordam temas relacionados a política, cultura pop e atualidades. Além disso, Kaique é um dos embaixadores do WWF-Brasil, uma organização da sociedade civil brasileira que busca trabalhar para mudar a atual trajetória de degradação ambiental. Ele é acompanhado por uma audiência de mais de 110 mil seguidores no Instagram e 235 mil seguidores no Twitter.

Pretinhas leitoras - Helena e Eduarda Ferreira (@pretinhasleitoras)

Irmãs gêmeas de 12 anos, que se autodeclararam negras e são residentes do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro). Elas criaram, em 2015, um projeto de incentivo à leitura como forma de contribuir com o combate à violência nas favelas. Através da rede social Instagram e do canal no Youtube, além de encontros presenciais e lives para debater sobre diferentes livros, em especial os que abordam temáticas sobre feminismo e educação antirracista, a iniciativa do Pretinhas Leitoras é compartilhar o interesse das meninas pela leitura e ensinar a importância de investir em educação para uma transformação da realidade, em especial de crianças que residem em regiões periféricas. Atualmente, elas foram contratadas pela Rede Globo para participar de um quadro semanal chamado “Encontro com as letrinhas”, com o objetivo central de apresentar histórias da literatura infantil e despertar o interesse das

crianças pela leitura. Atualmente as influenciadoras são acompanhadas por mais de 57 mil pessoas no Instagram e 28 mil pessoas no Youtube.

Catarina Xavier (@Catmat)

12 anos, se autodeclara negra, sendo residente em São Paulo (São Paulo). Ela produz conteúdo com o intuito de ensinar matemática para outras crianças no Youtube e Instagram. O objetivo dela é mostrar que meninas também podem produzir ciência e apresentar a matemática de forma mais atrativa para seus pares. Seu canal no Youtube possui quase 30 mil seguidores e sua página no Instagram é acompanhada por mais de 13 mil pessoas. Apresentando desafios, músicas e charadas, Catarina busca ensinar diferentes estratégias de ensino sobre a disciplina de forma divertida e educativa.

Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia (@mcsoffia)

MC Soffia é uma rapper de 17 anos, que se autodeclara negra e é residente em São Paulo (São Paulo). Desde os 11 anos, ela utiliza as plataformas on-line para falar sobre empoderamento de meninas negras, publicando conteúdos que abordem questões de gênero, raça e preconceito. Suas músicas "Brincadeira de Menina" (2015), "Menina Pretinha" (2016), "Minha Rapunzel tem Dread" (2016), "Empoderada" (2020) e "Meu lugar de fala" (2021), tiveram uma grande repercussão no Brasil e MC Soffia, tem participado de várias campanhas, tendo mais de 95 mil inscritos em seu canal no Youtube e mais de 391 mil seguidores no Instagram. Atualmente, Soffia tem participado da Websérie "Você também sente?", que busca abordar temas relacionados à saúde mental e questões emocionais da adolescência para o canal Saúde da Infância. O trabalho dela tem sido reconhecido mundialmente, e a cantora está na lista apresentada no livro "Resisters: 52 Young Women Making Herstory Right Now" da autora Lauren Sharkey. Recentemente McSoffia recebeu um colar de honra ao mérito legislativo do Estado de São Paulo pela contribuição do seu trabalho enquanto ativista, cantora e influenciadora.

Clara Beatriz Maciel (@projetocasinhadelivros)

13 anos, se autodeclara branca, reside em Irecê (Bahia) e começou o projeto "Casinha de Livros" aos 10 anos, quando em uma viagem para a capital, viu em uma praça pública uma casa repleta de

livros sendo disponibilizada para os moradores terem acesso à leitura. Com isso, ela buscou os familiares para promover a iniciativa em sua cidade. Atualmente, existem nove casinhas na Bahia, Ceará e Pará. A ideia de criar um perfil no Instagram foi com o intuito de ampliar a divulgação do projeto e incentivar as doações de livros, além de manter um diálogo com os seguidores para compartilhar dicas de leitura, realização de *lives* com autores, crianças, educadores e celebridades, bem como a publicação de diferentes livros semanalmente. Até o presente momento, o perfil é seguido por mais de 5.800 pessoas. Além disso, Clara também realiza palestras em escolas para incentivar a leitura e foi eleita jovem transformadora pela rede de empreendedores sociais Ashoka, além de recentemente ter se tornado finalista do prêmio Jabuti 2021, na categoria fomento à leitura.

Motivação para a criação de conteúdo

Quando questionadas sobre a motivação para a participação nas redes, as crianças entrevistadas falam do seu interesse pelos temas discutidos e ressaltam a influência de familiares e dos seus pares. Percebe-se que a família tem um papel importante neste processo, não só de apoiar, mas também incentivar, desde muito cedo, a consciência social nas crianças. De acordo com Liebel e Gaitán (2019), os objetivos das ações das crianças são influenciados por seu ambiente e por lidarem com sentimentos de injustiça ao presenciar desigualdades sociais nos seus cotidianos. Além disso, os/as participantes relataram que através da própria Internet tiveram acesso a temas sociais que até então só eram apresentados em mídias tradicionais como jornal e televisão, muitas vezes com uma linguagem de difícil compreensão para elas, através de um conteúdo que ainda é desenvolvido por adultos e para adultos. A junção da militância com a vontade de produzir conteúdo para a Internet, contribui para que mais crianças utilizem seus perfis em redes sociais para expressar o que sentem ou pensam sobre diferentes temas.

O papel da família fica evidente na fala de McSoffia (17 anos), Clara (13 anos) e Eduarda (12 anos),

“eu sempre tive contato com esses temas (machismo, racismo, etc), porque a minha família é uma família de militantes, a gente sempre foi em marcha de mulheres, marcha de pessoas pretas, sempre foi nos eventos culturais né, porque minha avó vende bonecas pretas, e minha outra vó também, estudaram muito na faculdade zumbi dos palmares” (Mc Soffia)

“[...] Aqui na minha casa por exemplo, eu, minha irmã, minha mãe, todo mundo aqui em casa é feminista, a gente sempre tá atenta a essas causas, sempre tá discutindo aqui em casa... Júlia mesmo, minha irmã né, mais

nova, ela é assinante né, que minha mãe paga, de um programa de livros sobre mulheres feministas, eu também já participei de alguns programas feministas...” (Clara)

“o nosso canal, explica muito sobre a nossa convivência em família desde pequena, então tudo que tá no nosso canal sobre todas essas literaturas sempre foram todas elas marcadas pelo nosso dia a dia, então a gente sempre foi trazendo coisas que marcaram nosso dia e compartilhando com as outras pessoas. Assim a gente se diverte e tenta tirar um pouco delas do tédio” (Eduarda)

Outro aspecto que fica evidente na fala das crianças é que a vontade de estar nas redes sociais, viralizar conteúdos ou encontrar uma audiência para suas vozes, começa desde muito cedo, demonstrando aquilo que Dornelles denomina de cyber-infância. De fato, grande parte das crianças, desde muito novas, têm suas vidas registradas em vídeos e fotografias e vão desenvolvendo uma familiaridade como esse modo de autoapresentação, havendo entre elas, inclusive, um desejo de se tornarem youtubers e estarem presentes nas diversas plataformas.

Para Thomaz (2017), as crianças, ao terem contato com criadores de conteúdo como youtubers, por exemplo, que se tornam figuras de grande influência profissional e ascensão para esta geração, identificam que também podem utilizar diferentes plataformas para falar sobre temas que consideram relevantes. Com isso, é possível compreender que as mídias digitais têm possibilitado às crianças, que até então são invisibilizadas em diferentes espaços públicos, a ampliação da sua voz e da sua participação cívica, permitindo não só um diálogo entre pares, mas também com organizações, empresas e atores de diferentes movimentos sociais. Isso pode ser evidenciado a partir da fala de Eduarda (12 anos) e Helena (12 anos)

Eduarda: [...]eu acho que toda a criança tem aquele sonho de ser youtuber. E a gente era uma delas né, a gente também queria ser youtuber.

Helena: Claro que também a gente estava pensando em todas as crianças que queria ser youtubers. Então a gente conseguiu compartilhar o canal e hoje o canal não é só nosso, e sim, de todas as crianças.

De acordo com Machado (2019), os meios de comunicação não são apenas ferramentas, mas sim, um fenômeno cultural que tem alterado as vivências das pessoas, sendo importante ressaltar que em um país com tantas desigualdades, não é possível obter essas experiências de maneira igualitária. Apesar do aumento do acesso à Internet no Brasil, conforme apontado pela pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

(CETIC.br, 2020)⁵⁵, ainda existem 20 milhões de domicílios que não possuem Internet no país. Apesar do direito ao acesso universal a Internet estar previsto na lei 12.965/2014 (Marco Civil da Internet) e ser identificado que este é fundamental para o exercício pleno da cidadania, muitas crianças ainda possuem dificuldades de ter acesso a este direito, já que em decorrência das desigualdades presentes no país, grande parte delas ainda não consegue ter uma participação cívica de forma plena. Com isso, torna-se ainda mais desafiador com que este grupo social mais vulnerável possa dialogar com seus pares e produzir conteúdos que consideram relevantes para a transformação de suas realidades.

Temáticas abordadas pelas crianças ativistas e influenciadoras digitais

Em relação às temáticas abordadas pelas crianças, destaca-se, assim como mencionado anteriormente, à educação, que é tema central de cinco das participantes. As características do material que é divulgado normalmente são realizadas através de *lives*, vídeos curtos e postagens com imagens e textos sobre os temas, sendo publicado em especial nas redes sociais (Instagram, Tiktok e Twitter), plataformas de podcast (Spotify, Google Podcasts, Deezer, etc) e vídeos no Youtube. Quatro das crianças incentivam a leitura e o acesso a livros e uma concentra-se especificamente no ensino da matemática, incentivando a entrada das mulheres na ciência. Uma das crianças traz críticas e reivindicações políticas na centralidade das suas postagens, defendendo ainda direitos de mulheres, população negra e LGBTQIA+, e outra participante aborda prioritariamente o empoderamento feminino e a importância do desenvolvimento de uma identidade étnico racial positiva.

Com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), é possível ter acesso e compartilhar uma pauta ou notícia de forma muito rápida, além de produzir a informação e não apenas ser receptor desse conteúdo (Abrahão, 2015). A partir dessa agilidade na comunicação e possibilidade de expor ideias e lutas, muitos movimentos sociais têm utilizado as redes sociais para se articular e divulgar pautas sociais que têm sido bastante debatidas tanto na rede como fora dela, como o feminismo, crise climática, combate a homofobia e ao racismo, promoção e defesa da educação, etc. As crianças não estão alheias ao universo adulto, sendo que na Internet existe a possibilidade de estabelecer um diálogo mais horizontal entre as gerações.

Kaique (17 anos): Ah, eu acho que foi passando junto com os meus interesses pessoais, sabe? Tipo assim, depois das eleições de 2018 (eleições presidenciais do Brasil), que eu comecei a ficar mais ligado assim, tanto pelas eleições como por eu estar crescendo mesmo, eu fiquei mais engajado nesses assuntos, sabe, daí eu já ficava o

⁵⁵ Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf

dia todo no Twitter olhando as coisas, falando com meus amigos no whatsapp, e daí surgiu essa ideia de tipo assim, estava rolando no Twitter aquele áudio da menina falando sobre racismo reverso, aí eu falei “ah, (risos), vou colocar no Tiktok, vou gravar, aí eu perguntei pra minha amiga “será que o povo vai entender que é ironia?”, aí ela “ah, vai sim, vai sim”, aí eu gravei, aí eu postei aquele vídeo, viralizou, e a partir dali eu amei fazer esse tipo de conteúdo, sabe? Tipo, que é humor que conscientiza, sabe? Eu achei muito legal!

Além disso, apesar de não ter sido nomeado dessa forma pelos/as participantes, muitas das temáticas apresentam a dimensão da interseccionalidade (Akitirone, 2018), ao trazerem as questões de classe social, raça, gênero e orientação sexual nos conteúdos que as crianças promovem nas redes. Assim, é avaliado que sistemas de opressão, assim como apontado por Collins (2017), encontram-se interconectados. Os/as participantes em sua maioria são crianças negras, do gênero feminino, sendo que três delas relataram que iniciaram o trabalho por também identificar a realidade social e violência de onde viviam. Para Facchini, Carmo e Lima (2020), uma das questões centrais do engajamento político tem como objetivo de "reinscrever a própria história e construir possibilidades de voltar a habitar um mundo devastado pela violência ou por apagamentos e exclusões" (p. 3). A maior parte das crianças expõem explicitamente o desejo pela transformação social, defendendo a inclusão e respeito à diversidade, promovendo a partir do conteúdo que desenvolvem reflexões e ações práticas sobre como abordar e agir na defesa da educação, cidadania e direitos humanos.

Outro dado importante referido pelos participantes, é que a maior parte dos seus seguidores são adultos, que buscam seus conteúdos por admirarem o posicionamento ativo das crianças, mas também por almejam referências positivas para as crianças ao seu redor. Isso demonstra que as questões pautadas pelas crianças estão em consonância com as questões sociais que estão sendo discutidas na contemporaneidade (Facchini, Carmo & Lima, 2020; Assis, 2019).

Impactos negativos

Ao investigar sobre possíveis impactos negativos da participação e exposição nas redes sociais, percebe-se que quatro das crianças entrevistadas, principalmente aquelas com o maior número de seguidores, relatam que recebem mensagens ofensivas e racistas, além de se sentirem muitas vezes pressionadas para produzirem conteúdos e se posicionarem sobre cotidianamente sobre vários acontecimentos. A forma como as crianças reagem a essas mensagens e pressões sofridas, são bastante variadas e de acordo com as crianças variam também de acordo com o seu estado emocional ao receberem as críticas. Conforme afirma Adriel (13 anos)

“eu não sou de ferro, então às vezes eu respondo, às vezes eu deixo passar ou eu nem ligo para a pessoa, tipo, só excluo a mensagem, porém quando eu vejo que é uma mensagem que eu não posso deixar passar, que me deixou muito mal aquela mensagem, eu acabo respondendo a pessoa”

Das crianças entrevistadas, três afirmam ter sido alvo de *haters* com maior frequência e isso está diretamente relacionado às suas posições políticas e pautas defendidas como direitos das pessoas LGBTQIA+ ou racismo. Quando perguntadas sobre o que fazem para se proteger desses ataques ou interações agressivas, as crianças relatam contar com o suporte da assessoria profissional que possuem, das ferramentas das próprias plataformas que permitem suprimir comentários agressivos e ofensivos, além do apoio e mediação da família. No que se refere às estratégias protetivas adotadas ou desejáveis, Kaique (17 anos) afirma:

“eu acho que a tática mesmo é se proteger de ver esse tipo de coisa, por exemplo, filtrar as notificações eu acho que é algo que todo mundo deveria fazer, tipo, adicionar todos aqueles filtros de não receber notificação de quem não te segue, de quem não tem foto de perfil, de quem não tem o e-mail confirmado, tem essas táticas assim... O Instagram também é muito bom dá pra você bloquear palavras dos comentários que a pessoa comenta achando que tá arrasando, que você tá vendo, e na verdade o Instagram não deixa aparecer nem pra mim nem pra ninguém, acho que bloqueia o comentário sem a pessoa mesmo saber, aí tem esses mecanismos que já tem nas redes sociais e eu acho que deveria ter até mais com o tempo, sabe, de proteger contra robôs e tal, mas assim, é bem complicado”.

De acordo com Costa et al (2021), os influenciadores digitais costumam apresentar suas rotinas e têm uma exposição ampla do seu cotidiano nas redes sociais, tornando-se por isso, alvos de cyberbullying promovidos por pessoas que não concordam com seu posicionamento e utilizam-se de perfis, que promovem a falsa sensação de anonimato, para publicar comentários ofensivos nas plataformas destes criadores. Além disso, as autoras apontam que as publicações dos influenciadores digitais, para alcançarem seus seguidores, precisa ser de uma forma frequente, muitas vezes causando um esgotamento destes indivíduos por precisarem estar constantemente on-line. Essa sobrecarga fica evidente na fala de Adriel (13 anos),

[...] eu às vezes fico bem triste porque as pessoas têm que entender que eu sou um ser humano... eu tenho o meu tempo, às vezes eu não leio nada, porque eu não tô conseguindo, às vezes não assisto nada porque não tô conseguindo... então às vezes eu fico bem chateado, por conta da cobrança [...] e eu não tô sabendo lidar com

aquilo... então eu acabo me sentindo bem chateado até comigo mesmo... por não estar conseguindo produzir um certo conteúdo...

Outro aspecto que contribui para a prática do cyberbullying, de acordo com Macedo (2018), deve-se a existência de uma visão equivocada de que a liberdade de expressão é superior aos princípios fundamentais relacionados aos direitos humanos. Com isso, ocorre em algumas situações um linchamento virtual, em especial de pessoas com ampla audiência na rede, em especial por discordar do posicionamento político destes indivíduos, além de serem criadas comunidades com o intuito de promover ataques digitais em diferentes plataformas.

As seis crianças negras trazem a pauta do racismo em seus vídeos e conteúdos, demonstrando que a dimensão racial não é opcional para as crianças não brancas, sendo um privilégio da branquitude não abordar esse tema (Carreira, 2018). Além disso, cabe destacar que cinco das crianças negras sofreram racismo nas redes. Ainda sobre a dimensão racial, as crianças tratam sobre a importância da representatividade, da educação antirracista e do fortalecimento da autoestima das crianças negras, assim como produzem conteúdos didáticos que buscam esclarecer conceitos e temáticas centrais no debate, tais como racismo reverso, apropriação cultural e a banalização de situações de preconceito e racismo. MCSoffia (17 anos) percebe o papel que desempenha ao debater esses temas e a importância de serem tratados durante a infância, rebatendo a ideia de que temas difíceis e complexos não seriam temas adequados para as crianças. De acordo com ela,

“por eu ser tão jovem e estar falando sobre essas questões, muitos falaram “ah, você é tão nova e tá falando sobre esses temas de adulto”, aí até eu mesma falava “ah, mas o racismo não vai esperar eu ficar adulta pra ele chegar em mim” [...] Meninas da minha idade desde cedo passam, e a gente não deve esperar ficar adulta pra falar [...] eu acho que o meu trabalho ele é principalmente pra essas pessoas também”.

No caso de Adriel (13 anos), a sua capacidade de responder a um comentário racista e ter essa resposta viralizada foi responsável pela sua ascensão nas redes, tornando-o um influenciador digital. Isso demonstra que muitas vezes o “sucesso” nas redes não é uma estratégia planejada. De acordo com o participante:

“veio (a fama) através de uma resposta que eu dei a um ataque racista que eu recebi... infelizmente... e as pessoas gostaram da minha resposta e começaram a compartilhar (...) e daí as pessoas foram viralizando aquilo,

e viralizando... viralizando... viralizando, até que eu comecei a ganhar muitos seguidores, que foi um susto muito grande porque eu nunca tinha visto aquela quantidade de imensa de gente me seguindo”.

É importante destacar que, apesar do protagonismo no combate ao racismo ser de pessoas do movimento negro e indígena, é necessário convocar “pessoas brancas e instituições a assumirem responsabilidades como sujeitos de tensionamento e da transformação das relações raciais, indo além da convocação ao apoio, à solidariedade e à luta política “das outras e dos outros”” (Carreira, 2018: 128). Com isso, torna-se fundamental que não só criadores de conteúdo negros/as tenham essa responsabilidade de promover pautas antirracistas na rede, mas sim, que haja uma ampliação desta discussão para quem está cercado de privilégios e ainda não reconhece a importância de pautar o tema para seus seguidores.

Ser ativista e influenciador/a digital

Ao questionar as crianças sobre se elas se consideram influenciadoras digitais e ativistas, todos/as participantes se consideram ativistas e apenas uma criança não se considerou influenciadora digital, indicando que apesar de ter um número alto de seguidores, não considera que possui o status de influenciadora. A fala de Kaique (17 anos), ilustra o processo de se perceber enquanto ativista/influenciador digital, demonstrando

Kaique (17 anos): Ah, me considero (ativista) sim. Nem gosto exatamente desse título assim (risos), eu acho que já ficou super banalizado com o tempo, né, mas sim, considero um influenciador, criador de conteúdo. [...] essa era uma coisa engraçada (sobre ser ativista) que, quando eu viralizei, eu literalmente só sabia o que era errado, basicamente, então tipo assim, eu sabia que racismo reverso não existia e eu resolvi zoar com isso. Então, quando viralizou, basicamente quem viralizou meu vídeo foi o movimento negro, o movimento LGBT, e tal, então tipo assim, foi muita gente já falando “ai, já temos outro membro pra dar voz, e pra falar”, mas tipo assim, eu fiquei meio assustado porque tipo, gente, eu não tenho o conhecimento bastante ainda, sabe? Mas cada vez mais eu vou me inteirando, eu comecei com 14 anos agora eu já tenho 16, vou fazer 17 esse ano, então tipo assim, né, me considero sim, por que cada assunto importante que eu vou vendo eu vou usando minhas redes pra falar, mas... é, é isso aí, sendo bem diversificado, sabe, não exatamente só sobre racismo, só sobre LGBT, só sobre tal coisa, eu acho que eu falo sobre coisas que eu me interessou, cultura pop, e insiro essas coisas no meio.

Além do número de seguidores, é possível identificar a partir do discurso da maior parte dos/as participantes, que a influência está relacionada ao engajamento que possuem com a audiência que as acompanham, ou seja, a interação realizada com os seguidores através de comentários, sugestões, curtidas e compartilhamento do conteúdo que produzem, além das parcerias que realizam com empresas e organizações sobre as pautas que promovem. De acordo com Silva e Tessarolo (2016), influenciadores digitais possuem a capacidade de inspirar um determinado nicho, persuadir o público com suas ideias e posicionamentos, além de ser possível acompanhar por meio de ferramentas e métricas disponíveis nas redes sociais o impacto de suas ações. Pela geração atual acompanhar diariamente esses influenciadores, as organizações e empresas utilizam como estratégias a figura desses criadores de conteúdo para ampliar sua visibilidade para este público que os acompanha. Já em relação ao ativismo, Catarina (12 anos) compreende que o conteúdo que desenvolve incentiva meninas a participarem mais ativamente na promoção da educação.

De acordo com Gohn (2011), as ações realizadas por movimentos sociais, seja através de denúncias, reflexões, mobilizações, pressões diretas ou indiretas, têm sido potencializadas pelo acesso à Internet, agindo de forma local, regional, nacional e internacional. Assim como mencionado anteriormente, a partir da viralização dos conteúdos produzidos pelas crianças e/ou após o aumento exponencial do número de seguidores, percebe-se que há um aumento no interesse de instituições e empresas privadas por estabelecer parcerias com as crianças. Nesse sentido, as crianças podem se tornar “Embaixadores” de causas humanitárias, ambientais e/ou sociais, além de fazerem publicidade para produtos diversos e empresas de comunicação. Por isso, o papel destes/as influenciadores/as e ativistas se torna tão importante, já que estes ampliam a visibilidade das pautas sociais e convidam mais pessoas e organizações a participarem ativamente da defesa e manutenção destas ações.

Isso pode ser elucidado a partir da fala de Kaique (17 anos), que é uma das crianças que mais teve contratos publicitários e parcerias com organizações, onde ele afirma que atualmente as marcas têm buscado criadores de conteúdo que tem um bom engajamento com sua audiência, mesmo sem um grande número de seguidores, e que utilizam suas redes para falar sobre temas sociais que alinham com os ideais das marcas. De acordo com ele:

[...] eu acho que cada vez mais tá acabando aquilo de influenciador, digital influencer, está mais pra criador de conteúdo, sabe? Então por exemplo, o Boticário. Tinha tanta gente pra chamar mais famosa, com mais seguidor, com mais alcance [...] mas eles queriam uma coisa que fizesse sentido [...] que foi a campanha de natal, sobre representatividade e tudo, e eles me chamaram. [...] é a mensagem que eles querem passar, e a gente não tem nenhuma controvérsia, sabe, a gente não é racista e vamos fazer um conteúdo falando sobre racismo, por

exemplo, já é o que a gente fala o tempo inteiro, sabe? Então acho que é isso, sabe, e também de por exemplo, eu no instagram tenho 117 mil seguidores, não é uma coisa gigantesca, mas é uma coisa engajada [...] eu acho que é por isso que as marcas chamam, sabe? Por que tem mais uma proximidade.

Nem todas as crianças até o momento da entrevista tinham realizado parcerias, mas informaram que caso houvesse interesse de alguma marca em contratá-los, estariam analisando se a empresa está alinhada com os ideais que elas apoiam. Isso pode ser ilustrado pela fala de Clara (13 anos),

“Sobre as parcerias, eu acho que principalmente deve ter algo relacionado a leitura né, seria o principal... se os ideais da empresa né, se fosse uma empresa machista, por exemplo, eu não aceitaria, se fosse uma empresa que só tem homens, eu também não aceitaria”.

MCSoffia acredita que as parcerias auxiliam a promover representatividade na indústria, já que grupos minoritários sempre foram excluídos desses espaços de publicidade e entretenimento e com a Internet e a ampliação do debate de diferentes pautas sociais, as empresas identificam a importância do engajamento com diferentes criadores de conteúdo.

Soffia (17 anos): É importante para que a gente pare de ser a minoria sempre, né, nas parcerias com essas marcas, mas eu acho que eles vêm muito, eu até fico muito feliz porque é um dos meus sonhos também, e eu sempre tive vontade de participar, de fazer uma propaganda com a Coca-Cola e consegui realizar isso, isso acontece por conta dos temas que eu passo [...] de eu ser tão jovem e estar falando sobre essas questões e agora as marcas estão entendendo que esse é um assunto em alta, empoderamento, está em alta, então eles também não vão perder né [...] eu espero que cada vez mais marcas grandes apareçam [...].

Atualmente tem sido questionado por diferentes movimentos sociais a importância da representatividade nas mídias e cargos de liderança, sendo cobrado uma mudança significativa nas empresas, que contemplem e contratem pessoas que até então são invisibilizadas em diferentes espaços. Para Silva e Carpi (2020), representar pessoas de forma mais igualitária permite romper estruturas sociais que reforçam racismo, machismo, homofobia, etc., fazendo com que ações publicitárias também sejam ferramentas de transformação social.

Foi também questionado aos participantes como eles/as avaliam a participação cívica das crianças na contemporaneidade. Apenas Kaique respondeu que ainda acredita que é necessário um avanço na participação das crianças em pautas sociais, pois ele acredita que as crianças em sua maioria, ainda estão mais voltadas para assuntos relacionados ao entretenimento, esporte, e não relacionado à

política. De acordo com ele, as pessoas que ele acompanha são engajadas, mas, são mais velhas, e com isso, ele ainda visualiza um longo percurso no interesse das crianças em participar ativamente em temas mais politizados.

De acordo com Sarmiento (2005), existe uma separação das crianças do mundo dos adultos, através de uma visão paternalista, em especial em relação à participação cívica. Com isso, o autor reforça a importância de considerar a diversidade das condições de existência das crianças e suas consequências, identificando as mesmas como atores sociais, sujeitos completos e competentes, que podem intervir ativamente em questões referente as suas trajetórias e a sociedade. Tomás e Fernandes (2013) reiteram essa necessidade de alterar esse olhar perante as crianças e incluir a participação política deste grupo social, já que elas são as mais excluídas em pautas sociais e econômicas e ainda continuam em uma relação de controle e dominação perante os adultos (Tironi, 2017). Nesse sentido, identificar as crianças enquanto sujeitos de direitos, perpassa pela necessidade de visualizá-las enquanto indivíduos completos e competentes, com plena capacidade de agir politicamente em diferentes âmbitos sociais.

Considerações finais

A partir dos dados apresentados, é possível identificar o papel das crianças ativistas enquanto sujeitos políticos, e que estas têm adquirido competências e se aproximado cada vez mais, em especial a partir das redes sociais, da esfera cívica, lutando por seus direitos e ampliando as discussões de pautas sociais relevantes (Sarmiento, 2007). A influência e visibilidade que essas crianças têm promovido nestas pautas, tem permitido um diálogo com a sociedade civil, organizações públicas e privadas, contribuindo para mudanças significativas na sociedade.

A partir da análise realizada, foi avaliado que família tem um papel importante neste processo de conscientização das crianças, além do acesso a mobilizações que tem ocorrido na rede e a influência de outros criadores de conteúdo que tem incentivado cada vez mais que as crianças tenham interesse em participar ativamente de ações locais e globais sobre diferentes pautas sociais. Torna-se fundamental ressaltar que em um país com tantas desigualdades como o Brasil, nem todas as crianças podem ter acesso ao exercício de sua cidadania por não terem acesso as tecnologias digitais de informação e comunicação. Com isso, é importante reforçar a importância de políticas sociais de inclusão e literacia digital para que todas as crianças possam ter acesso a esse direito fundamental.

Em relação a como identificam que a Internet pode ser um espaço mais seguro e positivo para as crianças, a maioria dos participantes acredita que o acompanhamento dos pais é a principal estratégia de promover o acesso responsável deste grupo social, sendo necessário uma mediação dos adultos para acessar determinados conteúdos e aprender a utilizar as plataformas corretamente. Apenas um participante mencionou a importância de existirem leis eficazes que responsabilizem pessoas que violem direitos e os termos de uso dos serviços disponíveis na rede.

As empresas têm utilizado estratégias para que usuários possam reportar conteúdos ofensivos, ocultar comentários impróprios que contenham palavras ou frases frequentemente denunciadas como ofensivas, utilização da inteligência artificial para evitar a exposição de imagens, elaboração, além de campanhas de conscientização sobre bem-estar e saúde mental ao utilizar os serviços. Entretanto, apesar das leis e novas funcionalidades das plataformas, ainda existe uma falta de estrutura do Estado para levar à frente todas as denúncias, além de ritos processuais que acabam sendo muito demorados. Com isso, é necessário reforçar a importância de investimentos no Poder Judiciário e em pesquisas sobre o tema para uma mudança significativa desta realidade.

Foi também identificado que a presença das crianças nas redes sociais não produzem apenas repercussões positivas, incentivo ou admiração. De fato, as redes sociais parecem cada vez mais ter se tornado um espaço de polaridade e hostilização. Os *haters* e a cultura de cancelamento parece ser muitas vezes a tônica das relações virtuais em massa. As crianças parecem compreender, em certa medida, que atrair esse tipo de reação é algo inerente a ser um influenciador digital e faz parte da fama. As crianças falam ainda que foram aprendendo a lidar com comentários negativos, filtrando aqueles que poderiam de alguma forma contribuir para o aprimoramento do conteúdo, daquelas que visam apenas a agressão e expressão de ódio. Em algumas postagens, as crianças utilizam os próprios comentários negativos e agressões como forma de problematizar a questão abordada, assim como apresentar subsídios e argumentos, que promovem a educação sobre o tema.

Os ataques dos *haters*, as cobranças constantes pela produção de novos conteúdos e pelo posicionamento a cada novo evento ocorrido, assim como o medo das fofocas e exposição de aspectos da vida pessoal, são fatores que podem contribuir para o sofrimento psíquico dos produtores de conteúdos digitais. Um dos entrevistados fala da importância, por exemplo, de um acompanhamento terapêutico profissional como forma de manejar essas questões. Cabe destacar que a ação dos *haters* muitas vezes tem um efeito contrário ao esperado pelos mesmos, já que há uma ação contrária de proteção e aumento de seguidores e engajamento. Com a elucidação dos riscos identificados nesta

investigação e por compreender que essas crianças devem ser orientadas e protegidas de situações que envolvam violação aos seus direitos, é válido salientar, assim como apontado por Tironi (2017), que

nenhuma criança deve ser forçada a exercer uma responsabilidade para a qual não está preparada, mesmo frente a um direito de exercê-la. Contudo, seu desenvolvimento sadio também depende de ser permitido a ela interagir e engajar-se no mundo, tomando decisões progressivamente independentes e assumindo maiores responsabilidades conforme forem se tornando mais capazes para tanto, possibilidade que lhe é dada por meio da garantia de sua participação política.

Cabe destacar, assim como apontado por Livingstone (2016), a diferença entre risco x dano. O contato das crianças com conteúdos sensíveis não necessariamente gera um dano, sendo importante entender as noções de risco relacionados à infância nas ações cotidianas (Bujes, 2010) para promover um uso positivo deste acesso. Em caso de situações de racismo, ofensas e perseguição on-line, é fundamental o suporte familiar e das autoridades para interromper esse ciclo de violência. Com isso, é fundamental, assim como apontado por Kardefelt-Winther (2017) a importância de ouvir as crianças, entender a sua utilização a partir do que elas tem a dizer, sendo necessário realizar a escuta desses sujeitos para a construção de diálogos construtivos sobre como o uso das tecnologias pode ser utilizado para promoção de direitos de forma segura e saudável.

Por fim, é necessário destacar que a etnografia digital, em conjunto com as entrevistas possibilitou um mapeamento das ações, além de evidenciar as vozes dessas crianças, sendo identificada a necessidade de mais estudos que possam dar visibilidade às ações infantis, e que possam aprofundar o debate sobre participação, protagonismo e ativismo.

Referências

- Abrahão, L. (2015). Redes sociais da Internet x Movimentos sociais: Uma relação com o movimento do passe livre. 18ª Semana de mobilização científica, Universidade Católica do Salvador, 1-16.
- Akitirone, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Série Feminismos Plurais, Editora Letramento.
- Assis, D. Gênero, Sexualidade e Educação (2019). Interseccionalidades. *Universidade Federal da Bahia*, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 1-32.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bujes, M. I. (2010). Infância e Risco. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 35(3), 157-174.
- Câmara, H. et al. (2020). Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais. *Id online Rev. Mult. Psic*, 14 (51), 366-379.
- Carreira, D. (2018). O Lugar dos Sujeitos Brancos na Luta Antirracista. *Provocações e pautas para conversa. SUR* 28, 5 (28), 127-137.
- Caetano, H., Miranda, G. L. e Soromenho, G. (2010). Comportamentos de risco na internet: um estudo realizado numa escola do ensino secundário, *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, 9 (2), 167-185.

- Costa, R. (2021). Paradoxo do mundo digital: desafios para pensar a saúde mental dos influenciadores digitais. *Brazilian Journal of Health Review*. Curitiba, 4(2), 5811-5830.
- Dornelles, L. (2005). *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Facchini, R.; Carmo, I.; Lima, S. (2020). Movimentos Feminista, Negro e LGBT no Brasil: Sujeitos, Teias e Enquadramentos. *Dossiê: Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo*, Educ. Soc. 41 (e230408), 1-22.
- Francalanci, C.; Hussain, A. (2015). A visual analysis of social influencers and influence in the tourism domain. *Information and Communication Technologies in Tourism*, 19-32.
- George, J.; Leidner, D. (2018). Digital Activism: a Hierarchy of Political Commitment. 51st *Hawaii International Conference on System Sciences*.
- Girges, M. (2013). "Social activism through social media: the case of child soldiering in the global context". *Electronic Theses and Dissertations*, 4976.
- Gohn, M. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.* 16 (47), 333-513.
- Kardefelt-Winther, D. (2017) How does the time children spend using digital technology impact their mental well-being, social relationships and physical activity? An evidence-focused literature review. Innocenti Discussion Paper 02, *UNICEF Office of Research – Innocenti*, Florence
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- Liebel, M.; Gaitán, L. (2019) El poder de los niños y niñas. Notas sobre el protagonismo de movimientos infantiles en la actualidad. *Revista Sociedad e Infancias*, 3, 15-20.
- Livingstone, S. (2016). Method guide 1. A framework for researching Global Kids Online: Understanding children's well-being and rights in the digital age. Londres: Global Kids Online.
- Macedo, K. T. M. (2018). Conflitos Sociais Contemporâneos: possíveis causas e consequências dos Linchamentos Virtuais. *Humanidades & Inovação*, 5(4), 197-208.
- Machado, P. (2019). 'Conecto-me; logo, existo': narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Mora, F. (2014). Emergent digital activism: the generational/technological connection. *The Journal of Community Informatics*, 10 (1), 01-13.
- Sarmiento, M. (2005) Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade*. Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças. *CEDES – Brasil*, 26 (91), 361-378. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>
- Sarmiento, M.; Fernandes, N.; Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 183-206.
- Silva, S.; Carpi, T. (2020). Representatividade negra feminina na publicidade no combate ao racismo. *Cambiassu, Estudos em Comunicação*, 15 (25), 181-201.
- Silva, C.; Tessarolo, F. (2016). Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- Sivitanides, M.; Shah, V. (2011). The Era of Digital Activism. *Conference for Information Systems Applied Research Wilmington North Carolina, USA*, 4 (1842), 01–08.
- Soares, C. (2011). O lado obscuro das redes sociais para crianças e adolescentes. Curso de Graduação Licenciatura em Computação, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba.
- Tomás, C.; Fernandes, N. (2013). Participação e ação pedagógica: A valorização da(s) competência(s) e ação social das crianças. *Revista Educativa, Goiânia*, 16 (2), 201-216.
- Tironi, S. (2017). Criança, participação política e reconhecimento. *Rev. Direito e Práx*, 8(3), 2146-2172.

Thomaz, R. (2017). *O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, Infância e Celebridade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação objetivou uma aproximação com uma realidade ainda pouco estudada, sobre o uso e apropriação das plataformas digitais por crianças para a promoção de cidadania e ativismo. Partiu-se do pressuposto de que se deve levar em consideração a realização de uma análise que assume as crianças como atores políticos e sociais (Sarmiento, 2007) e, compreendendo como as produções e protagonismo na rede, além da influência que alcançam com suas audiências, tem promovido uma ampliação da participação e engajamento cívico das mesmas, incentivando mudanças sociais e políticas em diferentes esferas.

Através da realização de um apanhado geral de conceitos teóricos referente a protagonismo, participação cívica e ativismo, mapeamento das ações das crianças a partir de uma etnografia digital, além da realização de entrevistas com alguns e algumas ativistas e influenciadores/as digitais, foi possível um entendimento sobre a relevância do conteúdo que está sendo produzido pelas crianças, as interações entre elas com a sociedade civil, organizações públicas e empresas privadas, e de que forma essas ações estão impactando seus direitos e as causas que apoiam.

Além disso, é importante salientar que crianças, a partir de uma perspectiva mercadológica, têm um importante papel no engajamento financeiro e social de determinada organização, causa ou produto, com isso, é identificado um interesse da população em ver crianças falando sobre temas considerados relevantes. Com isso, é necessário ter uma atenção e cuidado se pensarmos no conceito de *tokenism* proposto por Hart (1992), como um risco real, uma vez que não esperamos encontrar na participação das crianças uma mera oportunidade para driblar adultos de modo a conseguir alcançar um ou outro desejo, mas antes perceber que a presença e os conteúdos produzidos por estes atores sociais têm um valor em si mesmo e pode fazer (faz) a diferença social/cultural.

A possibilidade de apresentar a tese em formato de compilação de artigos científicos foi avaliada como pertinente, já que foi realizada uma reflexão sobre a dinamicidade e fluidez do tema proposto ao envolver as produções das crianças nas redes sociais, além de compreender a celeridade da difusão do conhecimento produzido, bem como a possibilidade de interlocução mais ágil com outros pesquisadores sobre a temática investigada. Neste sentido, a presente investigação buscou contemplar temas que estão bastante em voga no conteúdo publicado pelas crianças, como a crise climática, feminismo, educação, racismo e também a pandemia, que acentuou a discussão sobre saúde pública e sobre o distanciamento físico, permitindo elaborar novas estratégias de ativismo durante este período.

O primeiro artigo "The voices and actions of child activists against the climate crisis", buscou apresentar como, as crianças ativistas que se tornaram influenciadoras digitais, têm promovido ações contra a crise climática para combater o aquecimento global, tema que tem sido alvo frequente de discussões nas agendas política, científica e econômica em decorrência do aumento das temperaturas, desmatamento acelerado de florestas, aumento das atividades industriais e consumo inconsequente dos recursos naturais, entre outros flagelos já denunciados nos domínios próprios para o efeito. Como isso tem causado grande preocupação em diversos setores da sociedade sendo as crianças as mais afetadas sobre as decisões políticas que podem impedir um futuro sustentável para as mesmas, elas têm se articulado ao redor do mundo em especial através do movimento "Fridays for future", exigindo dos governantes mudanças consideráveis para uma transformação dessa realidade.

O segundo e o terceiro artigo "Crianças Influenciadores Digitais no combate à pandemia do Covid19" e "O ativismo digital das crianças em tempos de pandemia" buscaram apresentar as ações das crianças para promover uma conscientização e prevenção acerca do coronavírus, além de propor estratégias de minimizar o impacto da pandemia para seus pares e suas comunidades. Foi avaliado como fundamental incluir uma análise do que foi publicado pelas crianças neste período, por compreender os impactos ocorridos por uma das maiores crises de saúde desde há um século. Nas postagens relacionadas à pandemia, esses/as ativistas e influenciadores digitais incentivam práticas de prevenção, além de se articularem com centenas ou até mesmo milhões de seguidores, promovendo dicas de higiene, distanciamento físico e doações para organizações e comunidades, recebendo comentários da sua audiência sobre o que estão fazendo em suas casas e como estão contribuindo para suas comunidades para minimizar os impactos neste período.

O quarto artigo "Dos 'likes' à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos", permitiu, através da realização de entrevistas com crianças ativistas e influenciadoras digitais, visualizar a importância de dar voz as crianças, escutar de fato suas experiências e visões de mundo, e como na prática a rotina desses/as participantes prioriza dialogar com sua audiência e ensinar, através de diferentes formatos de conteúdos, temas que envolvem educação e direitos humanos. Identificar essas crianças como atores políticos promove diferentes desafios para os adultos, que necessitam desconstruir a visão do que entendem sobre o ser criança, mas foi avaliado que esta é a forma considerada fundamental para promover uma participação efetiva desses sujeitos nas investigações e políticas que as envolvem. Houve uma preocupação em apresentar de forma clara e acessível para as crianças e seus responsáveis legais os termos de consentimento, assentimento e direito de imagem para apresentar os objetivos da pesquisa, seguindo todos os protocolos éticos indicados no

Conselho Nacional de Saúde (2016). O intuito de apresentar o nome dos participantes deve-se ao fato de que as crianças investigadas são crianças públicas, que desejam ter seus nomes relevados como forma de assumirem autoria por suas ações.

Pode-se dizer, a partir dos dados coletados, que a identidade étnica e o nível socioeconômico, além do pertencimento geográfico influenciam nas pautas debatidas pelas crianças. Em relação a segurança e literacia digital das crianças foi possível identificar que apesar de vivenciarem situações de risco e até mesmo serem alvo de crimes de injúria racial, estas estão amparadas pelos responsáveis e assessoria de imprensa, e utilizam estratégias de como evitar comentários de ódio e ofensivos através do que é disponibilizado pelas redes sociais. É válido salientar que é necessária uma maior atenção do Estado em promover uma educação sobre cidadania digital com organizações, empresas e instituições de ensino, bem como uma agilidade e responsabilização por crimes que violam direitos humanos.

Para contemplar os objetivos da investigação, a etnografia digital e as entrevistas semi-estruturadas foram avaliadas como estratégias metodológicas bastante pertinentes, pois através delas foi possível mapear as ações das crianças e ouvir o que elas tinham a dizer sobre o que produziam, além de como avaliam os impactos das ações que promovem na rede. A proposta foi auxiliar nas discussões acerca deste tema, pois ainda existem poucas produções científicas em especial o que envolve a produção de conteúdo pelas crianças a partir de uma perspectiva baseada na Sociologia da Infância. Com isso, espera-se pensar em investigações e estratégias que vislumbrem a importância de suas ações na garantia dos direitos, para assim reconhecer o protagonismo destes indivíduos em diferentes setores da sociedade. É válido novamente salientar a importância de aprimorar as políticas de privacidade e segurança das plataformas digitais, além do fortalecimento de políticas públicas eficazes para proteger as crianças de possíveis danos ao utilizar os serviços, bem como promover uma literacia digital para que possam aprender a acessar esses espaços de forma ética, segura e responsável. Além disso, é fundamental o fortalecimento de medidas protetivas para responsabilizar infratores por violações que podem colocar as crianças em situação de risco e vulnerabilidade.

Em relação aos limites da presente investigação, houve uma impossibilidade da realização das entrevistas de forma presencial e alguma das ações, como manifestações do movimento *Fridays for future*, encontros com seguidores e presença em eventos foram canceladas em decorrência da pandemia. Também foi identificado que o status de influenciador digital exclui uma grande parcela de vozes de crianças que não tem acesso às redes sociais ou que não utilizam as plataformas on-line para divulgação de suas ações de forma pública. Entretanto, apesar da Internet não estar acessível para todos, ela efetivamente possibilitou uma ampliação do poder de emitir opiniões e promover ações políticas. Por

fim, identifica-se que ser influenciador digital é o sonho de muitas crianças, inclusive de muitas famílias que veem esse caminho como forma de reconhecimento e ascensão social e financeira. Com isso, é fundamental avaliar as experiências e desejos das crianças de uma forma que elas não se tornem apenas uma engrenagem na produção desenfreada de conteúdos e publicidade nas redes sociais.

Diante dos dados coletados, foi possível identificar que as questões do estudo elaboradas inicialmente foram contempladas, sendo confirmada a necessidade de encarar as crianças enquanto sujeitos de direitos, indivíduos completos e competentes, com plena capacidade de agir politicamente em diferentes âmbitos sociais. Além disso, foi avaliado que investigações futuras podem realizar o acompanhamento longitudinal dos/as participantes desta investigação, buscando compreender os impactos a médio e longo prazo da visibilidade dessas crianças na rede. Com isso, muito ainda pode ser analisado e discutido acerca do assunto, necessitando que sejam propostas as devidas intervenções para que estes espaços de interação e militância possam ser seguros para as crianças: as que produzem conteúdo e que são figuras públicas e todas aquelas que, em sua vida privada e anonimato, seguem e frequentam os espaços on-line.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrahão, L. (2015). Redes sociais da Internet x Movimentos sociais: Uma relação com o movimento do passe livre. 18ª Semana de mobilização científica, Universidade Católica do Salvador, 1-16.
- Adhikari, S. et al (2020). Epidemiology, causes, clinical manifestation and diagnosis, prevention and control of coronavirus disease (COVID-19) during the early outbreak period: a scoping review. *Infect Dis Poverty* v. 9, n. 29.
- Almeida-Filho, N (2020). O isolamento vertical defendido por Bolsonaro é uma fraude pseudocientífica. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opiniao/o-isolamento-vertical-defendido-por-bolsonaro-e-uma-fraude-pseudocientifica-artigo-de-naomar-de-almeida-filho/48549/>
- Amaral, A.; Natal, G.; Viana, L. (2008) Netnografia como aporte metodológico de pesquisa em comunicação digital. Disponível on-line em: <https://bit.ly/31z4dzL>
- Akitirone, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Série Feminismos Plurais, Editora Letramento.
- Assis, D. Gênero, Sexualidade e Educação (2019). Interseccionalidades. *Universidade Federal da Bahia*, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 1-32.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil (2018). Resolução no 588. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, Brasil. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso588.pdf>
- Brasil (2014). LEI N° 12.965, De 23 de abril de 2014. Marco Civil da Internet. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm
- Barra, S. M.; Sarmiento, M. J. (2002) Child knowldge and web interactions. Comunicação ao Congresso Toys, Games and Media. Institute of Education of London.
- Bujes, M. I. (2010). Infância e Risco. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 35(3), 157-174.

- Carbinatto, B. (2020) Um terço da população mundial está sob quarentena. Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/um-terco-da-populacao-mundial-esta-sob-quarentena/>.
- Câmara, H. et al. (2020). Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais. *Id online Rev. Mult. Psic*, 14 (51), 366-379.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Carreira, D. (2018). O Lugar dos Sujeitos Brancos na Luta Antirracista. *Provocações e pautas para conversa. SUR* 28, 5 (28), 127-137.
- Caetano, H.; Miranda, G. L.; Soromenho, G. (2010). Comportamentos de risco na internet: um estudo realizado numa escola do ensino secundário, *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, 9 (2), 167-185.
- Costa, R. (2021). Paradoxo do mundo digital: desafios para pensar a saúde mental dos influenciadores digitais. *Brazilian Journal of Health Review*. Curitiba, 4(2), 5811-5830.
- Cohen, C.; Kahne, J. (2013). Participatory politics. *New Media and Youth Political Action*. Youth & Participatory Politics Survey Project. MacArthur Research Network on Youth & Participatory Politics (YPP), University of Chicago and Mills College.
- Chakrabarty, D. (2000). *Provincializing Europe. Postcolonial thought and historical difference*. Princeton & Oxford: Princeton University Press.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil (2017). *TIC KIDS ONLINE BRASIL. Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil*. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Choi S.H, Kim H.W, Kang J.M, Kim D.H & Cho E.Y. (2020). Epidemiology and clinical features of coronavirus disease 2019 in children. *CEP*, Vol. 63, No. 4, 125-132. <https://doi.org/10.3345/cep.2020.00535>
- Dencik, L., Wilkin, P. (2017). Digital activism and the future of worker resistance. In: Meikle G (ed). *The Routledge Companion to Media and Activism*, Routledge Media and Cultural Studies Companions, Routledge, pp. 125-133.
- Deslandes, S. (2018) O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10): 3133-3136.
- Dornelles, L. (2005). *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dholakia, N., Zhang, D. (2004). Online qualitative research in the age of e-commerce: data sources and approaches. *Forum: Qualitative Social Research*, 5 (2): 1-10.
- Facchini, R.; Carmo, I., Lima, S. (2020). Movimentos Feminista, Negro e LGBT no Brasil: Sujeitos, Teias e Enquadramentos. *Dossiê: Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo*, Educ. Soc. 41 (e230408), 1-22.
- Francalanci, C., Hussain, A. (2015). A visual analysis of social influencers and influence in the tourism domain. *Information and Communication Technologies in Tourism*, 19-32.
- Federal Trade Commission (2000). Children's Online Privacy Protection Rule (COPPA). Disponível em: <https://www.ftc.gov/enforcement/rules/rulemaking-regulatory-reform-proceedings/childrens-online-privacy-protection-rule>
- Ferraz, C.P. (2019). A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes online. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69.
- Ferguson, N. M. et al. (2020) Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. Imperial College London. doi: <https://doi.org/10.25561/77482>.

- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. Texto apresentado na 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), sessão especial 13, subárea 5 (GT07, GT10, GT13, GT15). *Revista Brasileira de Educação* v. 21 n. 66 jul.-set.
- Fernandes, N. (2005). Os Direitos das crianças nas encruzilhadas da proteção e da participação. *Revista Eletrônica Zero-a-Seis*, 7 (12): 1-10.
- Ferreira, N. (2018) As arenas midiáticas como palco de luta das minorias. *Revista Mídia e Cotidiano*, 12(1): 24-41.
- Gaitán, A. (1998). "Protagonismo Infantil". Seminario La Participacion de Niños y Adolescentes en el Contexto de la Convencion sobre los Derechos del Niño: Visiones y Perspectivas. Bogotá: p. 85-104.
- Gadelha, S. (2013) Biopolítica, governamentalidade e educação: introduções e conexões a partir de Michel Foucault. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- George, J., Leidner, D. (2018). Digital Activism: a Hierarchy of Political Commitment. 51st *Hawaii International Conference on System Sciences*.
- Girges, M. (2013). "Social activism through social media: the case of child soldiering in the global context". *Electronic Theses and Dissertations*, 4976.
- Gohn, M. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.* 16 (47), 333-513.
- Hart, R. A. (1992) Children's Participation: from tokenism to citizenship. Italy: UnicefInternational Child Development Centre Spedale degli Innocenti. March.
- Hine, C. (2005). Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: Hine, C (ed.). *Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, pp. 1-13.
- International Telecommunication Union (2019). Measuring digital development Facts and figures 2019. ITU Publications, United Nations. https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2019_r1.pdf
- Horton, R. (2020). Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet Journal*. v. 396, n. 10255, p. 874.
- IDH Global (2020). Ranking dos países de maior IDH do mundo. Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020_pt.pdf.
- Jorge, A., Marôpo, L. (2017). Digital media and rights: Perspectives of young people with cancer. *Comunicação Pública* (12) 22: 1-14
- Kardefelt-Winther, D. (2017) How does the time children spend using digital technology impact their mental well-being, social relationships and physical activity? An evidence-focused literature review. Innocenti. Discussion Paper 02, *UNICEF Office of Research – Innocenti*, Florence
- Kleine, D., Pearson, G. & Poveda, S. (2016). Participatory methods: Engaging children's voices and experiences in research. Relatório Global Kids On-line. Disponível em: www.globalkidsonline.net/participatoryresearch
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- Liebel, M.; Gaitán, L. (2019) El poder de los niños y niñas. Notas sobre el protagonismo de movimientos infantiles en la actualidad. *Revista Sociedad e Infancias*, 3, 15-20.
- Liebel, M. (2006). Los movimientos de los niños y niñas trabajadores. Un enfoque desde la sociología. *Política y Sociedad*, 2006, Vol. 43 Núm. 1, pp. 105-123
- Livingstone, S., Stoilova, M. & Nandagiri, R. (2019). Talking to children about data and privacy online: research methodology. London: London School of Economics and Political Science.
- Livingstone, S. (2016). Method guide 1. A framework for researching Global Kids Online: Understanding children's well-being and rights in the digital age. Londres: Global Kids Online.
- Livingstone, S. (2014). Children's digital rights: a priority. *Intermedia*, 42 (4/5). ISSN 0309-118X, pp. 20-24.

- Livingstone, S. (2013) Children's internet culture: Power, change and vulnerability in twenty-first century childhood. In D. Le-mish (Ed.), *Routledge Handbook on Children, Adolescents and Media* (pp.111-119). London: Routledge.
- Livingstone, S., Haddon, L. (2009). *EU Kids Online: Final report*. LSE, London: EU Kids Online. (EC Safer Internet Plus Programme Deliverable D6.5)
- Lundy, L. (2015) *Naional Strategy on Children and Young People's Participation in Decision-Making*. Ireland Department of Children and Youth Affair.
- Lupion, B. (2013). Não sou contra o ativismo de sofá, afirma o filósofo francês Pierry Levy. Estadão, 2013. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-sou-contra-o-ativismo-de-sofa-afirma-o-filosofo-frances-pierre-levy,1007313>.
- Macedo, K. T. M. (2018). Conflitos Sociais Contemporâneos: possíveis causas e consequências dos Linchamentos Virtuais. *Humanidades & Inovação*, 5(4), 197-208.
- Machado, U. (2020). *FAO alerta sobre crianças sem alimentos após fechamento de escolas na América Latina*. Nações Unidas.
- Machado, P. (2019). 'Conecto-me; logo, existo': narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Marques, E. S. et al (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36(4), n. 00074420.
- Mendenhall, E. (2020) The COVID-19 syndemic is not global: context matters. *The Lancet Journal*, v. 396, n. 10264, p.1731.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias Locais/Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Miller, D. et al. (2016). *How world changed social media*. London: UCL Press.
- Mora, F. (2014). Emergent digital activism: the generational/technological connection. *The Journal of Community Informatics*, 10 (1), 01-13.
- Morton, H. (2001) Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. *Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices*, v. 45, n. 1, pp. 3-11.
- Murthy, D. (2008). Digital ethnography: An examination of the use of new technologies for social research. *Sociology*, 42 (5): 5837-855.
- Nejm, R. (2016). *Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais*. Tese de doutoramento. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- Pathak, J. (2014). Digital Activism through social media; its applicability in creating political awareness in India. In: *Seminário nacional sobre 'cultura popular: um cliché ou fortalecendo as massas?* Departamento de Comunicação e Jornalismo, Universidade Gauhati, v. 2.
- Pelter, Z. (2020). *Pandemic participation: youth activism online in the COVID-19 crisis*.
- Pires, S., Branco, A. (2007). Protagonismo infantil, sociedade e significados. *Paidéia*, 2007, 17(38), 311-320
- Pink, S., Horst, H., Postill, J., Hjorth, L., Lewis, T. & Tacchi, J. (2015). *Digital Ethnography: Principles and Practices*. London: Sage.
- Platt, V. B et al. (2020). Violência contra crianças e adolescentes: Notificações e alerta em tempos de pandemia. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 39, n. e2020267.
- Prout, A. (2010). Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, 40(141), 729-750.
- Qvortrup, J. (2014). Visibilidades das crianças e da infância. *Linhas Críticas*, 20(41), 23-42.
- Qvortrup, J. (2010). Infância e política. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 777-792.

- Rizzini, I., Thapliyal, N. & Pereira, L. (2007) Percepções e experiências de participação cidadã de crianças e adolescentes no Rio de Janeiro. *Revista Katál*. Florianópolis (10): 164-177
- Rizzini, I. et al (2005). *Children's Perspectives on Citizenship and National-Building. Brasil: Children's Perspectives on Citizenship and National-Building. Percepções de crianças e adolescentes sobre cidadania e participação cidadã*. Rio de Janeiro: CIESPI/ PUC-Rio.
- Santos, B.S; Meneses, M.P. (2010) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez.
- Salamon, E. (2018). *March for Our Lives Awakens the Spirit of Student and Media Activism from the 1960s*. The Conversation, March 23, 2018 (en línea). <https://theconversation.com/march-for-our-lives-awakens-the-spirit-of-student-and-media-activism-of-the-1960s-93713>
- Sarmiento, M. J. (2015). Uma agenda crítica para os estudos da criança. *Currículo sem Fronteiras*, 15(1), 31-49.
- Sarmiento, M. J. (2013). A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: R. T. Ens & M. Garanhani. *Sociologia da infância e a formação de professores* (p. 13-46). Curitiba, PR: Champagnat Editora.
- Sarmiento, M. J., Fernandes, N. & Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 183-206.
- Sarmiento, M.J. (2007). Visibilidade Social e Estudo da Infância. In V. M. R. Vasconcellos, Vera M. R., M. J. Sarmiento (org.), *Infância (in)Visível* (p. 25-49). Araraquara: Junqueira & Marin.
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade. Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças. CEDES – Brasil*, 26 (91), 361-378. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>
- Sarmiento, M.J. (2002). Imaginário e culturas da infância. Projecto "As marcas dos Tempos: a interculturalidade nas culturas da infância", Projeto POCTI/CED/49186/2002, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Sarmiento, M.J. (2000). Os ofícios da criança. In: Congresso Internacional "Os mundos sociais e culturais da infância", Braga. *Anais... Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2000*. v. 2 p. 125-145.
- Segurado, R., Lima, C. & Ameni, C. (2015). Regulamentação da internet: perspectiva comparada entre Brasil, Chile, Espanha, EUA e França. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22(Suppl.), 1551-1571. Epub August 13, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000015>
- Silva, S., Carpi, T. (2020). Representatividade negra feminina na publicidade no combate ao racismo. *Cambiassu, Estudos em Comunicação*, 15 (25), 181-201.
- Silva, C., Tessarolo, F. (2016). *Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia*. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- Sivitanides, M., Shah, V. (2011). The Era of Digital Activism. *Conference for Information Systems Applied Research Wilmington North Carolina, USA*, 4 (1842), 01-08.
- Soares, C. (2011). O lado obscuro das redes sociais para crianças e adolescentes. Curso de Graduação Licenciatura em Computação, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba.
- Sozio, M. E, Ponte, C., Sampaio, I., Senne, F., Ólafsson, K., Alves, S. & Garroux, C. (2015). *Children and Internet use: A comparative analysis of Brazil and seven European countries*. Londres, EU Kids Online. ISSN 2045-256X. Disponível em: <https://bit.ly/2r3oCLP>
- Sunstein, C. (1995). Democracy and the problem of free speech. *Publishing Research Quarterly*, 11, 58-72. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02680544>
- Smahel, D., Machackova, H., Mascheroni, G., Dedkova, L., Staksrud, E., Ólafsson, K., Livingstone, S. & Hasebrink, U. (2020). *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*. EU Kids Online. Doi: 10.21953/lse.47fdeqj01ofo

- Standlee, A. (2017). Digital Ethnography and Youth Culture: Methodological Techniques and Ethical Dilemmas. IN: Researching Kids and Teens: Methodological Issues, Strategies, and Innovations: Sociological Studies of Children and Youth. Castro, I.; Swauger, M.; Harger, B. v. 22, p. 325-348.
- Tomás, C., Fernandes, N. (2004) "Infância, Protagonismo e Cidadania: contributos para uma análise sociológica da cidadania da infância", Revista Fórum Sociológico, 11 (12): 349 – 361.
- Tomás, C., Fernandes, N. (2013). Participação e acção pedagógica: A valorização da(s) competência(s) e acção social das crianças. Revista Educativa, Goiânia, 16 (2), 201-216.
- Tironi, S. (2017). Criança, participação política e reconhecimento. Rev. Direito e Práx, 8(3), 2146-2172.
- Thomaz, R. (2017). *O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, Infância e Celebridade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Turkle, S. (1997). A vida no ecrã. A identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'água.
- Unesco (2016). Planet: Education for environmental sustainability and green growth. The 2016 Global Education Monitoring Report (GEM Report). United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- UNICEF (2020a). Não permitam que crianças sejam as vítimas ocultas da pandemia de Covid-19. Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nao-permitam-que-criancas-sejam-vitimas-ocultas-da-pandemia-de-covid-19>.
- UNICEF (2020b). Covid-19: Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe, estima o UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2020b. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-por-cento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe>
- UNICEF (2020c). COVID-19: As crianças são capazes de continuar aprendendo durante o fechamento da escola? Fundo das Nações Unidas para a Infância. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/remote-learning-reachability-factsheet/>
- UNICEF (2020d). Greta Thunberg e a ONG Human Act lançam uma campanha de coronavírus impulsionada pelos direitos da criança para a UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/timorleste/press-releases/greta-thunberg-and-ngo-human-act-launch-child-rights-driven-coronavirus-campaign>
- Vendramini, C. (2007). Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do cam. Cadernos Cedes, vol. 27, n. 72, 121-135.
- WHO (2020). Novel Coronavirus (2019-nCoV). Situation Report. Organização Mundial de Saúde, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4
- WHO (2020). Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://covid19.who.int/>

ANEXOS

ANEXO I – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA E-METHODOLOGY JOURNAL PARA PUBLICAÇÃO

e-methodology

 THEORY

 RESEARCH

 PROJECTS

Wrocław, 3rd December 2021

The editorial team of the “E-methodology” journal is pleased to inform that the article by:

Bianca Orrico Serrão
University of Minho, Portugal

“The voices and actions of child activists against the climate crisis” was accepted for publication in the latest “E-methodology” 2021 issue.

“E-methodology” provides immediate open access to its content on the principle that making research freely available to the public supports a greater global exchange of knowledge.

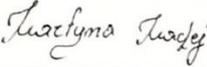
All further information can be found on the websites:
www.e-methodology.eu

The “e-methodology” secretary can be contacted at:
emethodologyconference@gmail.com

Luba Ślósarz, PhD


.....
“E-methodology” chief editor

Martyna Madej


.....
“E-methodology” secretary


PROSCIENTIAPUBLICA



WROCLAW
MEDICAL UNIVERSITY

ANEXO II – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA SOCIEDAD E INFANCIAS PARA PUBLICAÇÃO



REVISTA SOCIEDAD E INFANCIAS

Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Dep. Sociología Aplicada
Universidad Complutense de Madrid
Campus de Somosaguas
28223 Pozuelo de Alarcón, Madrid, España

MARTA DOMÍNGUEZ PÉREZ, Directora de la Revista *SOCIEDAD E INFANCIAS*

CERTIFICO

Que el trabajo “Dos “likes” à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos” escrito por D^a **BIANCA ORRICO SERRÃO, MANUEL JACINTO SARMENTO Y JULIANA PRATES SANTANA**, ha sido aceptado para su publicación en el número 5(2) de la Revista *Sociedad e Infancias*, que verá la luz en diciembre de 2021.

Sociedad e Infancias es una Revista Científica Complutense que tiene carácter interdisciplinario y destinado a la producción y el público iberoamericano. Su objetivo es promover el conocimiento científico sobre las vidas de los niños, niñas y adolescentes, orientado en la línea de los *nuevos estudios de infancia*.

En Madrid, a 01 de diciembre de 2021,



DOMINGUEZ PÉREZ
MARTA - DNI 72779831B
Firmado digitalmente por
DOMINGUEZ PEREZ
MARTA - DNI
72779831B
Fecha: 2021.12.01
22:56:57 +01'00'

Fdo.: Marta Domínguez Pérez

ANEXO III – DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO DO ARTIGO DA REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE PARA PUBLICAÇÃO



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o artigo intitulado “O ativismo digital das crianças em tempos de pandemia” de autoria de Bianca Orrico Serrão, Manuel Sarmento e Juliana Santana foi aceito para publicação no Volume 43 (2022) do periódico Educação & Sociedade.

Campinas, 22 de março de 2022.

Ana Moraes
Equipe Editorial
Educação & Sociedade
<http://www.scielo.br/es>

ANEXO IV – DECLARAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA PARA INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS (CEICSH)



Universidade do Minho
Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 111/2020

Relatores: Leonor Maria Lima Torres e Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque

Título do projeto: *Dos “likes” para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos no Brasil*

Equipa de Investigação: Bianca Orrico Serrão, Doutoramento em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho; Manuel J. Sarmento(Orientador), Instituto de Educação, Universidade do Minho; Juliana Prates Santana (Orientadora), Universidade Federal da Bahia

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Dos “likes” para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos no Brasil*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 11 de novembro de 2020.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto

ANEXO V – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DA CRIANÇA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DA CRIANÇA

Olá!

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**Dos “likes” para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos**”, realizada pela aluna Bianca Orrico Serrão, aluna do Doutorado em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal), sob orientação do Professor Doutor Manuel Sarmento (Universidade do Minho) e Professora Doutora Juliana Prates Santana (Universidade Federal da Bahia).

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a participação das crianças através das redes sociais e como crianças consideradas *digital influencers* fazem uso das plataformas digitais para exercer e promover cidadania nestes espaços. Se você tem mais de doze anos deve estar achando estranho ser chamado de criança, já que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, você já seria considerado um/a adolescente. Como estamos utilizando como parâmetro a Convenção dos Direitos da Criança, todos/as aqueles que tem menos de 18 anos são considerados crianças! 😊

A investigação pretende contribuir para um conhecimento maior sobre o tema e espera-se que o resultado deste estudo possa valorizar a voz das crianças e promover a visibilidade de suas lutas, reconhecendo a ação das crianças na contribuição da promoção e defesa de direitos, além de identificar e propor estratégias de proteção eficazes para um acesso ético, seguro e responsável em qualquer espaço digital.

Participarão desta pesquisa crianças com idade entre 10 a 18 anos que produzem conteúdo para as redes sociais. Sua participação nesta pesquisa é voluntária, não envolve nenhum risco e você pode desistir de participar a qualquer momento se não houver mais interesse em participar. Você pode dizer sim agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. Como esta investigação envolve sua trajetória nas redes e o conteúdo que publica on-line, após a sua autorização, será apresentado seu nome e imagens que compartilha em suas plataformas na presente pesquisa. Caso você aceite participar desta pesquisa, irá responder uma entrevista através da plataforma *zoom*, que será gravada, com perguntas acerca da sua história de vida e sobre como utiliza suas redes sociais para promoção de cidadania.

Eu, _____, compreendi e aceito participar da pesquisa “Dos “likes” para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos”

_____ (cidade), _____ (dia) de _____ (mês) de _____ (ano)

Assinatura do (a) Participante

Assinatura do/a responsável legal

Assinatura do/a pesquisador/a responsável

Bianca Orrico Serrão (contato: +3519134-55415)

E-mail e contato do Comitê de Ética em Pesquisa: cep_chs@unb.br / +55 19 3521-6836

ANEXO VI – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS

Olá!

Seu filho/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa **“Dos *“likes”* para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos”**, realizada pela aluna Bianca Orrico Serrão, aluna do Doutorado em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal), sob orientação do Professor Doutor Manuel Sarmento (Universidade do Minho) e Professora Doutora Juliana Prates Santana (Universidade Federal da Bahia).

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a participação das crianças através das redes sociais e como crianças consideradas *digital influencers* fazem uso das plataformas digitais para exercer e promover cidadania nestes espaços. A investigação pretende contribuir para um conhecimento maior sobre o tema e espera-se que o resultado deste estudo possa valorizar a voz das crianças e promover a visibilidade de suas lutas, reconhecendo a ação das crianças na contribuição da promoção e defesa de direitos, além de identificar e propor estratégias de proteção eficazes para um acesso ético, seguro e responsável em qualquer espaço digital.

Participarão desta pesquisa crianças com idade entre 10 a 18 anos que produzem conteúdo para as redes sociais. A participação dele/a é voluntária e a qualquer momento poderá desistir se assim desejar. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que ela estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele/a, porém se ele/a não estiver interessado/a, se sentir desconfortável com as perguntas ou com qualquer dificuldade, poderá interromper a participação. Como esta investigação envolve a trajetória da criança nas redes e o conteúdo que publica on-line, após a sua autorização, será apresentado o nome da criança e imagens que ela compartilha em suas plataformas na presente pesquisa.

Caso seu filho/a aceite participar desta pesquisa, irá responder uma entrevista através da plataforma *zoom*, que será gravada, com perguntas acerca da sua história de vida e sobre como utiliza suas redes sociais para promoção de cidadania.

Eu, _____, compreendi e autorizo que meu filho/a aceite participar da pesquisa “Dos *“likes”* para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos”

_____ (cidade), _____ (dia) de _____ (mês) de _____ (ano)

Assinatura do (a) Participante

Assinatura do/a responsável legal

Assinatura do/a pesquisador/a responsável

Bianca Orrico Serrão (contato: +3519134-55415)

E-mail e contato do Comitê de Ética em Pesquisa: cep_chs@unb.br / +55 19 3521-6836

ANEXO VII – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, (nome completo da pessoa filmada), (nacionalidade), (estado civil), portador(a) do RG n.º _____, inscrito(a) no CPF sob o n.º _____, residente na Rua _____ n.º _____, (cidade) – (estado) - (Brasil), responsável legal da criança _____ AUTORIZO o uso da imagem do/a meu filho/a, constante na filmagem para a pesquisa **“Dos “likes” para as ruas: A participação cívica de crianças através das redes sociais para a promoção de direitos”**, realizada por Bianca Orrico Serrão, aluna do Doutorado em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal), sob orientação do Professor Doutor Manuel Sarmiento (Universidade do Minho) e Professora Doutora Juliana Prates Santana (Universidade Federal da Bahia), com o fim específico para investigação científica, sem qualquer ônus e em caráter definitivo. A presente autorização abrangendo o uso da imagem na filmagem acima mencionada é concedida para a realização da pesquisa será realizada a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda finalidade didática que venha a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

_____ (cidade), _____ (dia) de _____ (mês) de _____ (ano)

Assinatura do/a participante: _____

Assinatura do/a responsável legal: _____

Assinatura da investigadora: _____

Bianca Orrico Serrão (contato: +3519134-55415)

E-mail e contato do Comitê de Ética em Pesquisa: cep_chs@unb.br / +55 19 3521-6836

ANEXO VIII – ENTREVISTA



ENTREVISTA

Participante: _____ Gênero: _____ Data: / / /
Localidade: _____

Se identifica como () branco () pardo () preto () indígena

Em que data você nasceu? (dd/mm/aaaa) ____ / ____ / ____

Faixa de renda que sua família possui:

- Até 1 salário mínimo
- Entre 1 e 3 salários mínimos
- Entre 3 a 5 salários mínimos
- Entre 5 a 10 salários mínimos
- Acima de 10 salários mínimos

Gostaria de saber sua percepção sobre alguns temas relacionados à sua trajetória na rede e como publica e interage através dela. Não há respostas certas ou erradas. O que é realmente importante é que você responda com sinceridade.

A entrevistadora pode fazer perguntas que visem alcançar os objetivos da pesquisa, caso a criança não o tenha abordado em sua fala.

Questões:

1. Me conte um pouco sobre a sua participação nas redes sociais. Qual a primeira plataforma que acessou?
2. Desde que idade tem perfis nas diversas plataformas?
3. De onde surgiu a ideia em começar a produzir e promover mobilizações/reflexões nas redes sociais? (Me conte um pouco como começou esse interesse...)
4. Você se considera um/a influenciador/a digital? Se sim, me conte como acha que isso aconteceu.
5. Você tem alguma área/foco de interesse específico na produção do conteúdo que desenvolve?
6. De onde surgiu esse interesse?
7. Agora gostaria de saber um pouco sobre sua rotina. Como você descreveria o seu dia a dia? Como organiza sua rotina para produzir o conteúdo e interagir na rede?

8. Quanto tempo da sua semana normalmente envolve a sua produção na rede? Quantas horas por dia utiliza as plataformas digitais?
9. Seus responsáveis ou algum outro adulto auxiliam nas publicações? Em caso positivo, de que forma isso acontece?
10. Considerando seu foco de interesse como já mencionou, quais as plataformas que considera mais interessantes para essa mobilização? Por quê?
11. Você se considera ativista? Por quê?
12. Existe alguma linguagem ou algo que considera mais atrativo para alcançar um maior engajamento nas causas que promove? Por quê?
13. Como é a interação com quem o/a acompanha nas redes sociais?
14. Que forma considera mais adequada e positiva nestas interações?
15. Como você escolhe/seleciona o que será postado?
16. Você acredita que à medida que foi tendo mais seguidores, aumentou sua preocupação com o conteúdo e forma das postagens?
17. Como você lida com os comentários negativos envolvendo o conteúdo que compartilha?
18. Como acredita que o que tem produzido auxilia nas causas sociais que apoia?
19. Você costuma seguir outras crianças e adolescentes que criam conteúdo pra Internet? Poderia citar os principais?
20. Como você avalia a participação das crianças e adolescentes em defesa de causas sociais na Internet?
21. Em sua opinião, como os adultos avaliam a participação cívica/cidadã das crianças nas redes sociais?
22. Agora que você tem uma grande audiência nas redes, surgiram algumas empresas/organizações te procuraram pra realizar parcerias?
23. Por que você acha que essas organizações tiveram interesse no conteúdo que você cria?
24. E como você acha que essas parcerias auxiliam nas causas que você apoia?
25. Como você acha que a Internet pode ser mais segura e positiva para as crianças?
26. Você gostaria de partilhar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado e que você considere importante?

Bianca Orrico Serrão (contato: +3519134-55415)

E-mail e contato do Comitê de Ética em Pesquisa: cep_chs@unb.br / +55 19 3521-6836

ANEXO IX – APROVAÇÃO DO CONSELHO CIENTÍFICO PARA ELABORAÇÃO DE TESE EM FORMATO DE COMPILAÇÃO DE ARTIGOS



Campus de Gualtar
4710-057 Braga - P

Universidade do Minho
Instituto de Educação

tel.: +351 253 604 240

fax: +351 253 601 201

sec@ie.uminho.pt

Exma. Senhora
Dra. Blanca Orrico Serrão

sua referência

sua comunicação de

nossa referência
IE-387/2021

data
2021.novembro.22

assunto

**Aprovação do pedido para
submissão da tese de
Doutoramento em Estudos
da Criança, especialidade
de Infância, Cultura e
Sociedade, na base de
compilação de artigos
científicos**

mensagem

Informo que o Conselho Científico do Instituto de Educação da Universidade do Minho, na sua reunião de 17 de novembro, aprovou o pedido para submissão da tese, para efeitos da obtenção do grau de doutor, com base na compilação de artigos científicos.

Com os melhores cumprimentos.

O Presidente do Instituto de Educação

Assinado de forma
digital por LEANDRO
DÁ SILVA ALMEIDA
Dados: 2021.11.22
14:46:30 Z

Leandro da Silva Almeida
(Professor Catedrático)